

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE SAÚDE PÚBLICA

**TRAVESSIAS DO FEMININO:
POTENCIALIDADES NO MUNDO**

Kimy Otsuka Stasevskas

Tese de Doutorado, apresentada ao programa de Pós graduação em Saúde Pública, da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, para a realização da pré-banca.

Área de concentração: Saúde Materno-Infantil
Orientadora: Prof. Dr. Néia Schor

São Paulo
2004



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Relatório de Defesa

Relatório de defesa pública de Tese do(a) Senhor(a) Kimy Otsuka Stasevskas no Programa: Saúde Pública, do(a) Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo.

Aos 28 dias do mês de setembro de 2004, no(a) Faculdade de Saúde Pública realizou-se a Defesa da Tese do(a) Senhor(a) Kimy Otsuka Stasevskas, apresentada para a obtenção do título de Doutor em Saúde Pública - Área: Saúde Materno Infantil, intitulada:


"Travessias do feminino: Potencialidades no mundo"

Após declarada aberta a sessão, o(a) Sr(a) Presidente passa a palavra aos examinadores para as devidas arguições que se desenvolvem nos termos regimentais. Em seguida, a Comissão Julgadora proclama o resultado:

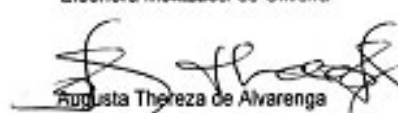
Nome dos Participantes da Banca	Vínculo do Docente	Sigla da Unidade	Resultado
Neia Schor	Presidente	FSP	Aprovado
Eleonora Menicucci de Oliveira	Titular	Docente Externo	Aprovado
Katia Cibelle Machado Pirotta	Titular	Docente Externo	Aprovado
Augusta Thereza de Alvarenga	Titular	FSP	Aprovado
Paulo César Endo	Titular	Docente Externo	Aprovado
Resultado Final: Aprovado			
Parecer da Comissão Julgadora			

A banca examinadora decidiu por unanimidade atribuir menção de LOUVOR ao trabalho, dada a originalidade e o rigor técnico-metodológico.

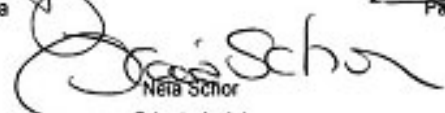
Eu, Marcia Aparecida Garcia da Silva , Técnico Acadêmico, lavrei a presente ata, que assino juntamente com os(as) Senhores(ões). São Paulo, aos 28 dias do mês de setembro de 2004.


Eleonora Menicucci de Oliveira


Katia Cibelle Machado Pirotta


Augusta Thereza de Alvarenga


Paulo César Endo


Neia Schor
Orientador(a)

Obs: Se o candidato for reprovado por algum dos membros, o preenchimento do parecer é obrigatório.

Nos termos do artigo 110, do RG-USP, encaminhe-se o presente relatório à CPG, para homologação.

TRAVESSIAS DO FEMININO: POTENCIALIDADES NO MUNDO

Kimy Otsuka Stasevskas

Tese de Doutorado, apresentada ao programa de Pós graduação em Saúde Pública, da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, para a realização da pré-banca.

Área de concentração: Saúde Materno-Infantil
Orientadora: Prof. Dr. Néia Schor

São Paulo
2004

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, por processos fotocopiadores.

Assinatura:

Data:

Ao meu querido pai, Zenonas Stasevskas (in memoriam) e ao meu querido Marcelo Kujawski, os homens com quem mais convivi.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, as mulheres que me concederam as entrevistas, sem a qual este trabalho não se realizaria.

A seguir, gostaria de agradecer à minha professora e orientadora, Néia Schor, pelo longo acompanhamento, desde meu mestrado, e estímulo dado à pesquisadora que em mim se desenvolve.

Agradeço também a cada membro da banca: à Eleonora Menecucci, pelos criteriosos apontamentos para o aperfeiçoamento deste texto, pela sua elegância e experiência nos ajustes conceituais. Ao Paulo Endo, pelas indicações de leituras e estímulo a novas reflexões. À Kátia Pirotta, pelos ajustes e também por me estimular a reelaboração dos posicionamentos adotados. À Augusta Alvarenga pelas organizadas observações que ofereceu, que clarificaram e melhoraram o texto. Agradeço a todos por renovarem meu ânimo e pelas contribuições.

Tenho um especial agradecimento a Yanina, minha irmã e grande amiga, perspicaz e constante interlocutora, pelas discussões teóricas, pelas contribuições interpretativas, pelas conversas sobre mulheres e sobre a vida, que certamente, também refletem neste trabalho, mas, sobretudo, pelo seu generoso companheirismo.

Agradeço à minha querida amiga Lucila que, lá de longe, da Nova Zelândia, contribui com seus conhecimentos da língua inglesa e para acertos metodológicos.

Ao Paulo de Souza agradeço pelo rico acréscimo interpretativo.

À Maria Rita Kehl por, no início deste trabalho, me indicar algumas rotas.

À Fumika pela disposição de ler e discutir meu texto.

Aos meus amigos da pós-graduação, Patrícia, Ideraldo e Paulinha, sempre prontos a ajudar no que for preciso. E aos amigos funcionários do departamento Leandro, Iara e Meirezilda pelas colaborações oficiais e oficiosas.

Ao CNPq, pela bolsa de estudos que viabilizou financeiramente a execução deste trabalho.

E finalmente agradeço a Rita, minha filha, pela sua compreensão, solidariedade e paciência.

RESUMO

STASEVSKAS KO. **Travessias do feminino: potencialidades no mundo.** São Paulo; 2004. [Tese de doutorado - Faculdade de Saúde Pública da USP]

Vivemos, como nunca antes havíamos experimentado, um período de transformações que levaram à configuração contemporânea do convívio entre homens e mulheres no espaço público.

Mas isso não significa a eliminação de diferenças nas inserções e nas formas de inserções no mundo público, para os homens e para as mulheres, e sim uma transformação das relações entre todos, tanto no mundo público quanto no mundo privado.

Em um panorama social, político e econômico contemporâneo, de descartabilidade do homem, de esvaziamento do espaço público, da criação e manipulação de imagens, foco das reflexões de Hannah Arendt (2000, 1981, 1987) em sua crítica à democracia representativa, inscreve-se também a violência simbólica preconizada por Pierre Bourdieu (2003).

Nestas reflexões sobre o ser humano e o mundo contemporâneo, coloca-se a questão de como se inserem as incontáveis experiências de mulheres comuns, seu pensamento, práticas e escolhas.

As mulheres, sujeitos desta pesquisa, são flagradas em uma particular circunstância: estão expostas a vicissitudes quanto às exigências de sua história pessoal e a um interstício, situado entre influências historicamente mais conservadoras e mais progressistas.

Portanto, na intersecção entre: as construções historicamente produzidas que pautam uma conduta feminina, transformações mais contemporâneas que afetam estas condições e, especialmente, as maneiras com que cada mulher investe-se de sua história pessoal, a proposição deste estudo é pensarmos as possibilidades de subversão de uma feminilidade hegemônica e, as potencialidades de se transformar em um sujeito político.

Nos discursos trazidos é possível entrever maneiras com que cada mulher vai construindo um percurso e negociando, escolhendo e moldando dentre as enunciações sócio-culturais, uma marca pessoal, ou uma singularidade para o enfrentamento de questões cotidianas e de vida, encaminhamentos objetivos e subjetivos que se constituem potencialidades de transformação na lógica de poder que destroça os seres humanos quando não se tolera as distinções, singularidades e diferenças e quando o agir é substituído por um mero comportar. A compreensão destas alternativas potencialmente capazes de subverter condicionantes que submetem seres humanos a outros seres humanos, é alicerçada no pensamento de Hannah Arendt, sobre liberdade, pluralidade, natalidade, pensamento, milagre e ação.

PALAVRAS-CHAVES: feminilidade; condição social; relações de gênero.

SUMMARY

STASEVSKAS KO. **Feminine routes: potentials in the world.** São Paulo; 2004. [PhD thesis - Faculdade de Saúde Pública da USP]

We are experiencing a period of transformation, never experienced before, which is leading us to the contemporary way men and women relate in the public sphere.

This does not mean that the differences in the insertions and in the form of insertions have been eliminated to men and women in the public world. It means however, that relationships among them are changing, both in the public and in the private world.

In a social, political and economical contemporary scene, the disposability of men, the emptiness of the public space, the creation and manipulation of images, are the focus of Hannah Arendt's reflections (2000, 1991, 1981) in her critique of the representative democracy. The symbolic violence of Pierre Bourdieu (2003) is also included.

Following these reflections of the human being and the contemporary world, there is a question of how the numerous experiences of the common women, their thoughts, practices and choices are embedded.

The women participating in this research are in a special circumstance: they are exposed to vicissitudes regarding their own personal stories, and positioned in the interstice of both conservative and progressive historical influences.

Hence, in the intersections between the historical constructions underlying the feminine conduct, contemporary transformations affecting these conditions, and specially, the way that each woman embraces her personal story, this study examines the possibilities of subverting a homogeneous femininity, and the potentialities of becoming a political being.

In their interviews one can see the ways in which each woman builds her own personal route and negotiates, socio-cultural propositions, choosing and modeling her own singularity to confront everyday life questions. These objective and subjective endeavors would potentially transform the logic of power which destroys human beings whenever differences and singularities are not tolerated, as well as when acting is replaced by a common behavior.

The understanding of these alternatives which can potentially subvert the conditionals that human beings submit to other human beings, is based on Hannah Arendt ideas of freedom, plurality, birth, thinking, miracle and action.

KEY-WORDS: femininity; social condition; gender relationship.

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	1
1.1. DO MODELO DO SEXO ÚNICO AO SEGUNDO SEXO	11
1.2. UM FEMININO NO BRASIL	24
2. OBJETIVO	38
3. METODOLOGIA	39
3.1. PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS	39
3.2. PROCEDIMENTOS E SUJEITOS	45
3.3. REFERENCIAIS TEÓRICOS: BOURDIEU E ARENDT	51
4. RETRATO 3X4: BREVES HISTÓRIAS, LONGOS PERCURSOS	65
5. UM FEMININO IDEALIZADO	97
6. ALGUNS AMORES	Erro! Indicador não definido.
7. DE MULHERES E DE HOMENS	110
8. TEMPO DE ENVELHECER	133
9. REFLEXÕES FINAIS	142
10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	156

1. INTRODUÇÃO

Os estudos sobre o desenvolvimento humano dedicam suas atenções, principalmente, aos períodos da infância e da adolescência e admitir que homens e mulheres continuam passando por importantes mudanças à medida que envelhecem é idéia bastante recente e tem resultado em estudos voltados para outras faixas etárias. É possível que isto se deva ao fato de, simplesmente, ser uma conquista bastante recente as pessoas viverem mais tempo. CAVALCANTI (1984), observou com base nos dados da Organização Mundial de Saúde que a partir de 1950 a população do mundo cresce devido a uma diminuição das taxas de mortalidade, muito mais que a uma alta generalizada da natalidade.

Atingindo todos, a longevidade atinge, sobretudo a mulher que então passa a viver para além de seu período reprodutor aproximadamente um terço de sua vida, no chamado climatério ou velhice: “antigamente a mulher morria antes da morte de seus ovários; hoje ela sobrevive 30 ou mais anos depois de seus ovários já terem morrido” (CAVALCANTI 1984; p. 11-12).

Seja devido às diretrizes tradicionais dos estudos sobre o desenvolvimento humano, seja devido ao fato das pessoas até bem pouco tempo atrás morrerem mais cedo, ou mesmo devido ao imperativo biológico da fertilidade, as iniciativas que intentam ampliar reflexões sobre as etapas da vida estão, em sua maioria, focalizadas na intersecção de temas como juventude e sexualidade, uma vez que há, em nossa sociedade, depositado no indivíduo jovem todo um apelo econômico, histórico e social, fazendo

com que representem o futuro e o presente, como reprodutor e produtor da espécie.

No âmbito da Saúde Pública, boa parte das publicações atuais sobre sexualidade se tornou de particular interesse, sobretudo, com o surgimento da AIDS, a preocupação com a gravidez precoce e, como aponta VILLELA, a idéia da “adolescência tomada como um momento estratégico de produção/incorporação de valores sociais que se pretende mais duradouros” (VILLELA 1999; p.320).

Essa mesma autora acrescenta que, nos dias de hoje, as tecnologias de contracepção e reprodução, as discussões trazidas pelo movimento feminista e homossexual, o aumento de doenças sexualmente transmissíveis, incluindo especialmente a AIDS, a diminuição da idade no momento da primeira relação sexual e o fracasso do silêncio como estratégia de postergação do assunto da sexualidade, tudo isto, traz a preocupação em se constituir um foco mais abrangente acerca da sexualidade, considerando seus aspectos psíquicos, afetivos e sua função no universo das relações.

Adotando uma perspectiva Foucaultiana, que versa sobre o controle sexual a partir dos discursos sobre sexo, a autora afirma: “A vinculação biológica do sexo à reprodução, tanto quanto a vinculação no plano psíquico da sexualidade à dinâmica de construção de identidade, conferem especial relevância ao tema, que se tem traduzido, historicamente, na formulação de leis, sanções e discursos reguladores do sexo e das práticas sexuais” (VILLELA 1999; p. 310-11).

Esta autora considera ainda que, ao longo do séc. XX, com a ampliação das discussões sobre sexo, a produção atual sobre estes temas “atende à necessidade de adequação das normas de permissão/interdição, aceitação/recusa sexual às demandas dos dias de hoje, quando o imperativo demográfico não é mais a expansão, quando as exigências do mercado substituem a dicotomia produtor *versus* reprodutora pela reprodutores *versus* consumidores, e as doenças decorrentes da atividade sexual sem proteção representam real ameaça para todos nós”. (VILLELA 1999; p. 311-12).

Entretanto, quando a mulher está em uma fase não reprodutiva, algumas destas preocupações não se colocam, como por exemplo, os problemas advindos de uma gravidez. Também não parece representar, do ponto de vista dos discursos da saúde, um segmento estratégico de incorporação e reprodução de valores sociais, o que pode estar apoiado na suposição que já tem, se não delineada, ao menos encaminhada, formas estáveis de conduta para suas relações. Em contrapartida, é também alvo de normas, leis, sanções e discursos revestidos de contradições, preconceitos e tabus.

CAVALCANTI (1994), sugere que nossa sociedade cultua fortemente a juventude, encobrendo as razões econômicas e mercadológicas existentes sob este culto. A juventude, cheia de força e principalmente de força produtiva, é também, sob a perspectiva dual da produção/consumo, o sinônimo da beleza e, conseqüentemente, o grande alvo das atrações, inclusive a atração erótica.

Ao contrário, em nossa cultura industrial há um repúdio ao envelhecimento. O velho, em nossa sociedade industrial, perdendo a força de trabalho, não é mais produtor e reproduzidor. “Quando as mudanças históricas se aceleram e a sociedade extrai sua energia da divisão de classes, criando uma série de rupturas nas relações entre os homens e na relação dos homens com a natureza, todo sentimento de continuidade é arrancado de nosso trabalho. Destruirão amanhã o que construiremos hoje” (BOSI 1987; p.35).

As mulheres passaram a ter em torno de um terço de suas vidas situado no que foi designado como início do processo de envelhecimento, o que pode se traduzir em aproximadamente 30 anos de vida, tal fenômeno, no caso da mulher, traz consigo o que se denominou climatério. São dois acontecimentos inseparáveis, o envelhecer junto a mudanças físicas e fisiológicas, pontuada por esta marca corporal, incluída no climatério: cessa a produção de óvulos. Muitas vezes, há uma tal vinculação e conseqüente confusão entre envelhecimento físico e menopausa (a última menstruação), de maneira que não sabemos, quando falamos de aspectos pertinentes a uma possível “síndrome menopáusica”, se estamos, na verdade, nos referindo ao processo de envelhecimento.

A mulher jovem, bonita e forte, fenece gradativamente como todas as coisas vivas, mas neste caso, a grave conseqüência é que seu papel social parece diluir-se ou mesmo tornar-se indefinido. Há envelhecimento e perda da força de trabalho como para todos, mas há também a perda de um desígnio funcional das mulheres, a reprodução, um dos principais pilares do

que se entende por feminino. Resta, ainda, a função de avó, aquela que é “mãe duas vezes”, como se diz popularmente, mas certamente este papel não possui o respeito e deferência socialmente dedicada à maternidade. Os papéis para esta mulher em processo de envelhecimento, de amante, esposa, mãe ou profissional parecem estar, no mínimo, em franca transformação e, no máximo, em direta extinção.

Há que se pensar, porém, que a maioria da literatura, no âmbito da Saúde Pública, normalmente circunscreve o assunto às questões ligadas à saúde física, como é o caso dos trabalhos voltados à menopausa e climatério.

E ainda assim, GREER (1996) afirma que a maior parte dos escritos sobre menopausa é de autoria masculina e com poucos exemplos no âmbito da literatura artística seja em prosa ou em verso e que isto, certamente, impõe uma marca na abordagem, no qual é característica uma tentativa, por vezes leviana, de “eliminação” da menopausa.

A mesma autora aponta a menopausa sendo utilizada como um nicho comercial muito rentável e chama a atenção para o poder de vendas e gigantesco lucro da indústria farmacêutica, empenhada em seduzir este segmento da sociedade. “Para as multinacionais da área farmacêutica, é muito produtivo financiar excursões internacionais pelo mundo todo, a fim de divulgar produtos que serão consumidos diariamente por bilhões de mulheres, a cada ano” (GREER 1996; p. 13).

Realmente, estas cifras não podem ser desconsideradas, em um mundo regido por princípios capitalistas como os que vivemos, como algo

inócuo e não produtor de ações e idéias em torno de qualquer assunto, no caso, precisamente em torno desta fase feminina.

Ao mesmo tempo, a feminilidade, no senso comum, possui ressonâncias de significados advindos dos discursos científicos e religiosos, que tem sua parcela de contribuição na maneira como deveria ser o comportamento feminino, o lugar e o papel da mulher.

Em minha dissertação de mestrado eu discuto alguns elementos que constituem a condição de *ser mãe*, as articulações que tais elementos fazem entre si, e, um dos pontos que me chamou a atenção foi o fato das mulheres, sujeitos da pesquisa, mencionarem a falta de um companheiro como se falassem, de forma implícita, da perspectiva ou não de possuir uma família, dentro de uma acepção burguesa de família, que, de acordo com os ideais burgueses de meados do século XIX, a esposa e mãe era a “senhora do lar”: “Enfim, o filho, sua saúde são invocados como fundamento dos deveres e poderes das mulheres” (PERROT 1991, p.142). Ou seja, as mulheres entrevistadas neste trabalho, além de desejarem um companheiro para suas vidas, possuíam idéia de que a sua feminilidade estaria necessariamente vinculada ao desempenho responsável do papel de esposa e mãe. Esta condição de *ser mãe*, era por sua vez, eixo central da constituição de uma identidade e da identificação com o feminino: “a função materna aqui parece se constituir no núcleo central do *ser mulher*, ou seja, é na maternidade que está a possibilidade da mulher se realizar plenamente enquanto sujeito e, não ser mãe é ser vazio de sua potência, de sua

importância (também do valor que se dá para a vida) e de sentido para a vida” (STASEVSKAS K O 1999; p. 89).

É de chamar a atenção que alguns elementos são insistentemente colocados para a mulher não só quando falamos em uma história no século XIX e século XX, como também quando nos debruçamos em estudos feitos recentemente sobre a questão feminina: o mundo privado, a função de esposa e mãe, a necessidade de manter determinada moral, de se guardar certo recato.

Todo este preâmbulo serve para situar o ponto de partida e as aproximações sucessivas que precederam o tema e a forma de abordagem escolhida até chegar em sua configuração atual.

Sob estas considerações, a partir das condições históricas e sócio - culturais, juntamente com a maneira como o sujeito vai construindo uma trajetória pessoal, que intenciono refletir sobre a construção de uma feminilidade, a reprodução mas também as inovações nesta constituição de um sujeito “feminino” com apoio no pressuposto de que não há uma Mulher (como não há um Homem) universal, transcendental. De forma que, importa para o presente trabalho a conjunção de três eixos reflexivos: as questões ligadas a uma construção historicamente produzida que pauta uma circunstância feminina, as transformações mais contemporâneas que afetam estas condições e, especialmente, a maneira com que cada mulher investe-se de sua história pessoal abrindo a possibilidade de subversão de uma feminilidade hegemônica. Digo possibilidade porque tomar posse da própria história (no contexto das influências sócio culturais) pode ou não acontecer,

mas é, ao meu ver, requisito preliminar para ações que minem e subvertam os ditames de uma feminilidade hegemônica, incluído nas formas de organização do poder.

Desta forma, adoto como norteadores de minhas reflexões dois autores, HANNAH ARENDT e PIERRE BOURDIEU:

Para o melhor entendimento da construção do que estou chamando de uma hegemonia da feminilidade, recorri a uma obra de PIERRE BOURDIEU (2003), em que versa sobre a forma como se estabelece uma estrutura de dominação responsável pela divisão sexual e seus princípios correspondentes.

Para refletir sobre a força (e não o poder) existente nas histórias individuais (aprofundei mais no capítulo Retrato 3X4: breve história, longos percursos) como um processo de reconhecimento no qual o sentido dos acontecimentos pode permanecer vivo, e a potencial possibilidade, na medida em que haja uma ação conjunta, de transformação da realidade, lanço mão de HANNAH ARENDT(2000; 1981 e 1987).

A seguir, abordo brevemente o paradigma do sexo único, um pensamento dominante desde o séc. II d.C., posteriormente, a produção das diferenças entre os sexos e a ascendência do modo de vida burguês no séc. XIX, finalmente, para encerrar essa parte introdutória, sobre o projeto colonizador brasileiro e a penetração dos discursos políticos, religiosos e científicos no cotidiano das pessoas. A tentativa é a de, sem perder de vista o duplo vetor de influências entre a sociedade e seus sujeitos, marcar a importância destas produções discursivas pelo fato de que muito delas são

importadas e utilizadas no projeto colonizador do Brasil e ainda permanecem enquanto campo ideológico e simbólico no nosso cotidiano atual sendo, portanto, parte constituinte da vida das pessoas e das mulheres do presente estudo.

Posteriormente, vem o capítulo de metodologia no qual, absorvo da “Grounded Theory” algumas referências utilizadas para uma técnica de manipulação dos dados, como também algumas diretrizes conceituais do Sistema Indiciário sobre uma postura adotada na análise e interpretação dos discursos. A seguir, abordo os procedimentos propriamente ditos e sobre sujeitos deste trabalho e, encerrando o capítulo, o referencial teórico que norteou minhas reflexões, mencionado acima.

No capítulo 4 que chamo de “Retrato 3x4: breves histórias, longos percursos” a tentativa é de, como denuncia o subtítulo, retratar um fragmento de vida de cada pessoa, manter à vista suas singularidades.

O capítulo 5, “Um feminino idealizado”, traz uma reflexão sobre a permeabilidade de diferentes posturas frente a situações de vida, observada pelas entrevistadas em si e em outras mulheres.

O capítulo 6 “Alguns amores”, traz uma reflexão sobre formulações referentes ao relacionamento amoroso, ao desejo sexual, ao compromisso e rompimento matrimonial, à traição e às confluências entre construções históricas e encaminhamentos pessoais.

O capítulo 7, “De mulheres e de homens”, traz uma reflexão sobre os equacionamentos produzidos pelas entrevistadas, com base na percepção e

interpretação destas, quanto às diferenças do lugar social entre homens e mulheres.

O capítulo 8, “Tempo de envelhecer”, traz uma reflexão sobre a percepção das entrevistadas diante da questão do envelhecimento.

E, finalmente, nas “Reflexões finais”, se encontra a tentativa de articulação entre as categorias analíticas e os autores escolhidos para este diálogo: BOURDIEU e ARENDT.

1.1. DO MODELO DO SEXO ÚNICO AO SEGUNDO SEXO

Aparentemente, a diferença entre os sexos é no mínimo evidente para qualquer pessoa na atualidade, sendo instantaneamente constatada pela anatomia, de fato, ela foi pensada de forma unívoca no decorrer dos tempos.

No entanto, LAQUER (2001) afirma que, ao contrário, não é perfeitamente óbvio que a biologia ou até mesmo uma inspeção leiga comum definam os sexos como diferentes, ou seja, sexo feminino e masculino. Diferentes são as formas como isto foi pensado e significado ao longo da história. Até fins do séc. XVIII, com as permeações inerentes aos acontecimentos e as formulações históricas, pensava-se que o sexo era apenas um e o mesmo para homens e mulheres.

No estudo de documentações médicas do séc. XVIII, o mesmo autor foi percebendo que em uma discussão sobre a comprovação da morte de um indivíduo uma questão subjacente era colocada: a ligação entre concepção e orgasmo feminino. Conta sobre uma moça que sofreu um coma e dada como morta, recebe a visita em seu velório de um monge que pratica relações sexuais com ela e a engravida.

Os discursos científicos em torno desta história vão se modificando em um curto espaço de tempo. O primeiro deles a que LAQUER (2001) se refere falava da dificuldade em se provar que uma pessoa está morta sem adequados testes científicos. A seguir, outro discurso contemporâneo a este, analisava em 1752, o mesmo caso, afirmando que de alguma forma o

monge poderia perceber que a moça estava viva, uma vez que ela engravidou no ato sexual e, engravidando, teve (como se acreditava então), necessariamente, um orgasmo, ou seja, de acordo com o que se pensava, deve ter dado sinais de vida neste momento.

Pouco tempo depois, em 1836, outro médico muda a pauta de discussão, desconsiderando questões relacionadas à morte e às formas de identificá-la e põe o foco sobre a gravidez da moça, mais especificamente sobre a inutilidade do orgasmo para a concepção. Chama a atenção do autor o curto tempo que se passou para que fosse transformada uma idéia tão antiga e há tanto tempo arraigada: a vinculação entre concepção e orgasmo. Mostra que entre estas duas vertentes discursivas, no período próximo ao final do Iluminismo, a ciência médica já não considerava mais o orgasmo feminino necessário à concepção. Essa dissociação, “(...) criou o espaço no qual a natureza sexual da mulher podia ser redefinida, debatida, negada ou qualificada” (LAQUER 2001; pg. 15).

Aquilo que nos é hoje aparentemente óbvio, a dissociação entre orgasmo e concepção, provém da reinterpretação de um conceito de corpo muitíssimo antigo e radical: “Durante milhares de anos acreditou-se que as mulheres tinham a mesma genitália que os homens, só que (...) ‘a delas fica dentro do corpo e não fora’” (LAQUER 2001; p. 16).

O pensamento dominante, desenvolvido por Galeno desde o séc. II d.C. que, por sua vez, era inspirado em Herófilo, um anatomista do séc. III a. C., era o de que os órgãos reprodutivos do homem e da mulher eram apenas um, o masculino. O aparato genital feminino era a reprodução

interna do aparato genital masculino, o ovário, que é hoje marco da referência biológica feminina, que durante dois mil anos não teve um nome específico, ficava na parte interna do corpo ao contrário dos testículos, situados na parte externa, devido a ausência de “calor vital – perfeição”.

“A mulher era essencialmente um homem imperfeito”. Essa afirmação é de tal impacto à nossa moderna compreensão que se faz interessante ater-se à observação de LAQUER sobre a dificuldade de ler textos antigos, medievais e renascentistas, sobre o corpo “com a lente epistemológica do Iluminismo, através do qual o mundo físico- o corpo- aparece como ‘real’, enquanto seus significados culturais são epifenômenos” (LAQUER 2001; p. 18). O corpo era concebido de um ponto de vista metafísico, capaz de fazer coisas estranhas, incríveis, por exemplo, homens que amamentavam e meninas que se tornavam meninos.

“Ser homem ou ser mulher era manter uma posição social, assumir um papel cultural e não *ser* organicamente de um ou outro de dois sexos incomensuráveis. Em outras palavras, o sexo antes do séc. XVII era ainda uma categoria sociológica e não ontológica” (LAQUER 2001; p. 19).

O progresso da ciência poderia ser pensado como desencadeador da transformação deste paradigma, mas, muito do que se descobriu posteriormente, ao contrário, dava margens para uma reafirmação do modelo do sexo único.

No século XIX, a teoria do germe referia-se às origens comuns de ambos os sexos. Em 1850, rearticulou-se no plano embriológico, o pênis e o clitóris como homólogos, assim como os lábios e o escroto, os ovários e os

testículos. Era possível e fácil apoiar a visão antiga, se isso fosse culturalmente relevante, porém, houve interesse em buscar evidências para fundamentar dois sexos distintos, diferenças anatômicas e fisiológicas concretas entre o homem e a mulher, diferenças que se tornaram politicamente importantes.

Estas novas formas de interpretar o corpo resultaram não da ciência em si, mas do rumo de seu desenvolvimento implicado à política. A ciência cria um outro arcabouço de conhecimento concomitante a novas circunstâncias políticas que geravam novas formas de realidades sociais e constituição do sujeito.

Os discursos da biologia em voga até e ainda no séc. XVIII ligavam as qualidades do prazer sexual à ordem social e cósmica, e quando se deixou de acreditar nisso, a nova biologia buscava as diferenças fundamentais, entre as quais a questão do prazer feminino que surge exatamente quando a velha ordem social é abalada.

“Porém as mudanças sociais e políticas não foram, por si sós, explicações para reinterpretação dos corpos. A ascensão da religião evangélica, a teoria política do iluminismo, o desenvolvimento de novos tipos de espaços públicos no séc. XVIII, as idéias de Locke de casamento como um contrato, as possibilidades cataclísmicas de mudança social elaborada pela revolução Francesa, o conservadorismo pós revolucionário, o feminismo pós revolucionário, o sistema de fábricas com sua reestruturação da divisão sexual do trabalho, o surgimento de uma organização de livre mercado de serviços ou produtos, o nascimento das classes,

separadamente ou em conjunto - nada disso causou a construção de um corpo sexuado. A reconstrução do corpo foi por si só intrínseca a cada um desses desenvolvimentos“ (LAQUER 2001; p. 22-3).

O especialíssimo e singular enfoque dado à sexualidade como objeto específico - o sexo oposto - foi-se produzindo em fins do séc. XVIII, promovendo abalo na noção de que “homem é homem e mulher é mulher”. Por outro lado, é mais para corpo feminino ‘problemático’, instável, diferente do corpo masculino sem problemas e estável que se constrói e se debate uma sexualidade.

O corpo de homens e mulheres, antes visto como versões hierárquicas e ordenadas verticalmente em graus de perfeição, sob uma ótica metafísica ao longo do eixo do corpo masculino, foi dividido em dois, cada um com propriedades naturais específicas, sendo que tais diferenças direcionam um resultado comportamental. Homens e mulheres deviam ter um tipo de prazer sensual, de conduta social e de vida emocional adequados à natureza biológica de "seus sexos", pela conformidade à finalidade sexual de suas supostas "naturezas biológicas".

Apenas há, aproximadamente, duzentos anos, ou seja, muito recentemente constituiu-se um discurso sobre a diferença sexual. Os órgãos sexuais, compreendidos dentro de um modelo único, hierárquico, inserido em uma ordem de perfeição, foram paulatinamente permeados de uma nova compreensão, apoiada no modelo da diferença sexual. Evidentemente, a sistematização e a consolidação deste novo discurso, porém, não aconteceu a partir de uma simples substituição feita de uma só vez e ao mesmo tempo:

“Assim, o novo paradigma da diferença sexual, que se instituiu então como um imperativo teceu-se pela reflexão e pela pesquisa, pela formulação do postulado da existência de uma diversidade radical de fundamentos sobre o ser do homem e o ser da mulher” (BIRMAN 2001; p. 34).

Começam a surgir inúmeros trabalhos em que eram explicitados os fundamentos biológicos da ordem moral e, segundo LAQUER, os cientistas não construíam deliberadamente o novo paradigma, ofereciam sim, dados neutros aos ideólogos e emprestavam seu prestígio científico ao empreendimento político e cultural do período revolucionário e pós revolucionário “... uma biologia de incomensurabilidade na qual a relação entre o homem e a mulher não era inerentemente uma relação de igualdade ou desigualdade mas de diferença, que exigia interpretação.... Na verdade, uma estrutura onde o natural e o social podiam ser claramente distinguidos entrou em ação” (LAQUER 2001; p. 193).

Do ponto de vista de FOUCAULT, “... cumpre falar do sexo como de uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou tolerar mas gerir, inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimos ... No séc. XVIII o sexo se torna questão de polícia ...isto é, necessidade de regular o sexo por meio de discursos úteis e públicos e não pelo rigor de uma proibição” (FOUCAULT 1977; p.27-28).

Sob um referencial estritamente biológico, ou seja, por uma visão naturalista da diversidade sexual, derivou-se essências diferentes para o homem e para a mulher, criando uma distância intransponível entre os sexos

“já que uma essência particular e perene os diferenciava” (BIRMAN 2001; p. 43).

Esta concepção de diferenças essenciais entre o homem e a mulher dimensiona as faculdades morais e psíquicas como distintas assim como efeito destas marcas biológicas perenes. As formas de ser da mulher e do homem são interpretadas como epifenômenos destas diferentes essências biológicas.

Em seus estudos, ARIÈS observa em trabalhos iconográficos do início do séc. XVI o surgimento de uma representação da família que ainda não se trata do que nomeia uma cena do gênero família, mas que já aponta para uma atenção sobre a intimidade. Embora o homem não apareça mais sozinho nas representações, estas possuíam um teor público e o essencial era o valor atribuído à vida exterior. “A análise iconográfica leva-nos a concluir que o sentimento de família era desconhecido na Idade Média e nasceu nos séculos XV-XVI, para se exprimir com um vigor definitivo no Séc. XVII” (ARIÈS 1978; p.210-1).

No mundo medieval também não se pressupunha diferenças entre o universo infantil e o universo adulto, e o interesse na educação dos infantes leva os moralistas dos séculos XVI-XVII a criarem um sistema de ensino distinto para as crianças e jovens como também a salientarem a importância dos pais como guardiões e responsáveis pelo corpo e alma de seus filhos. Este foco lançado às crianças junto às argumentações que estimulam os pais, principalmente a mãe, a uma maior atenção e cuidado com os filhos, dão princípio a um novo sentimento de afetividade e inspiram o sentimento

moderno de família. No século XVIII, é que o retrato de família passa a ser tratado como uma cena de gênero, uma cena viva, com a intimidade de um certo momento da vida quotidiana.

Na Europa, durante a Revolução, pairam sobre as fronteiras entre o público e o privado inúmeras reflexões, isso significou entre outras coisas, o que HUNT chama de uma politização da vida cotidiana, que vai contribuindo para uma determinação mais precisa do espaço doméstico e conseqüente ampliação do espaço público. Uma exigência de maior transparência nas atitudes e nos sentimentos, tendo como norte nobres princípios morais e políticos, deixam as questões pessoais na ordem de coisa irrelevante senão mesmo uma afronta, e ao indivíduo é cobrada uma revolução pessoal, reflexo daquela que se realizava no Estado. O espírito público invade os domínios habitualmente privados da vida “(...) preparando o movimento romântico do fechamento do indivíduo sobre si mesmo e da dedicação à família, num espaço doméstico determinado com uma maior precisão” (HUNT 1991; p.21).

O Estado enxerga a família como átomo da sociedade civil, cujo bom andamento assegura a produção, o funcionamento econômico e a transmissão dos patrimônios, “(...) produz as crianças e proporciona-lhe uma primeira forma de socialização” (PERROT 1991; p.105) e, sem a subordinação do indivíduo à família “(...) o Estado só se relacionaria com ‘coletividades inorgânicas’, com multidões, propícias ao despotismo” (HUNT 1991; p.94).

O filho, no século XIX, é o elemento central da família, o zelo não é ainda propriamente voltado à criança em sua singularidade, mas, sim, à criança como “ser social”; alvo de investimento afetivo, mas também econômico, educacional e existencial da família, o filho era representação de um futuro concreto e abstrato, o sonho de amanhã e a herança de tudo que uma família reuniu em bens e em princípios, é “(...) o futuro da nação e da raça, produtor, reprodutor, cidadão e soldado do amanhã” (HUNT 1991; p.146).

O modelo burguês de família tem no século XVIII sua funcionalidade exaltada, mas é no século XIX que o pensamento francês sobre a família, implicado na questão do público e do privado, acentua uma reflexão sobre os papéis feminino e masculino, deposita força no discurso sobre a propícia natureza feminina para os cuidados com o outro, criando a tendência de situar a mulher no espaço privado devido à sua natureza singular, com elementos genuinamente femininos, perfeitos para o cuidado com a casa e os filhos.

Apesar da dedicação prioritariamente feminina neste espaço doméstico, a posição forte, de poder, é ocupada pelo pai de família que é ao mesmo tempo condutor da família e da sociedade civil “(...) Em nome da natureza, o Código Civil estabelece a superioridade absoluta do marido no lar e do pai de família, e a incapacidade da mulher e da mãe” (PERROT 1991; p. 121).

Contudo, na Europa Ocidental de meados do séc. XVIII as reivindicações por liberdade e igualdade incluíam também a porção feminina

da humanidade, as promessas da Revolução Francesa de transformação das relações sociais e culturais no âmbito da família, da moral e das relações pessoais e acenavam também com a possibilidade de maior liberdade civil e individual para as mulheres.

Segundo LAQUER, a criação de uma nova esfera pública burguesa traz consigo a questão de quem irá ocupá-la, as promessas da Revolução Francesa “fizeram surgir não só um feminismo novo e genuíno como também um novo tipo de antifeminismo” (LAQUER 2001; p.242). Os que se opunham ao crescimento de poder civil e privado das mulheres, em sua maioria homens influentes, contavam com o apoio irrefutável do discurso da biologia no bojo de suas argumentações, expunham a convicção da inadequação física e mental das mulheres para a ocupação dos “espaços quiméricos que a revolução abria inadvertidamente” (LAQUER 2001; p. 242) e, feministas revolucionárias apontavam o absurdo da exclusão feminina dos direitos políticos, com base em uma argumentação biológica.

Em todos os discursos a biologia adentrava: “Roussel, Moreau e Cabinis, os mais proeminentes antropólogos morais da Revolução Francesa, escreveram sobre questões de família e de gênero, argumentando que as diferenças corporais exigiam diferenças sociais e legais do novo Código” (LAQUER, 2001; p. 244).

Aqueles ou aquelas que se insurgiam contra estes discursos também tinham seus argumentos apoiados na diferença de natureza, ou seja, na justificativa de fundamento biológico se alicerçavam as defesas das qualidades femininas, qualidades estas que deveriam ser representadas

pelas próprias mulheres quanto ao direito de terem espaço, voz, maior liberdade, força e poder. Mas, “(...) ver semelhanças entre o feminismo da diferença e o ideário que, impregnando o social, discriminava as mulheres, é um erro de perspectiva” (OLIVEIRA 1999; p.14).

As formulações revolucionárias sobre igualdade de direitos para todos suprimem o tão antigo modelo de sexo único. Entretanto, a lógica da igualdade, não obstante o engajamento político das mulheres na Revolução, custou aproximadamente dois séculos e muitas idas e vindas para legitimar de fato os direitos conferidos aos homens, para as mulheres.

“Produziu-se, então, uma revolução que continua em processo, da qual não sabemos ainda todos os seus desdobramentos e conseqüências nos registros psicológico, ético e político” (BIRMAN, 2001; p. 48).

Para a manutenção da hierarquia de poder com supremacia masculina foi necessária a articulação de novas bases que, fundadas na natureza biológica da diferença sexual, justificariam as finalidades e conseqüentes inserções sociais distintas para a natureza feminina e para a natureza masculina.

Os ideólogos, como dito anteriormente, creditam maior apreço à criança por meio de motivações econômicas e sociais, delegando para a mulher, mãe, a função concreta e subjetiva da formação desse indivíduo, mas esse também é um discurso permeado pela promessa de felicidade para a mulher que, na convergência entre sua natureza biológica e seu modo de ser, possui qualidades para angariar felicidade e amor no seio da família. Compreender a existência de uma realidade sedutora às mulheres,

provocada pelas novas proposições de prestígio da família e da criança, implica compreender um lugar de verdadeiro reconhecimento, respeito e utilidade designado a estas, neste panorama. “Acreditava-se, de fato, que não se estava retirando poder social das mulheres em relação ao poder masculino, mas tão-somente repartindo socialmente os diversos sexos segundo as virtualidades irrefutáveis de suas diferentes naturezas” (BIRMAN, 2001; p.57).

Nem todas, segundo BADINTER, são sensíveis a tais argumentos e promessas “Se muitas se submeteram alegremente aos novos valores, grande número delas apenas simularam acatá-los e puderam ficar em paz. Outras resistiram e foram combatidas” (BADINTER 1995; p.147).

ROCHA-COUTINHO (1994) questiona a perspectiva unívoca de vitimização da mulher sob a constatação da universalidade da opressão masculina em vários períodos históricos e culturais distintos. Em seu estudo, opta por examinar as estratégias utilizadas, as influências e resistências das mulheres, diante do poder legitimado, colocando em perspectiva o poder feminino e masculino como formas socialmente construídas de relação que estão apoiadas em ideologias de comportamento.

Fica patente, contudo, que em diversas partes do mundo burguês ocidental são construídas as concepções da diferença e, subsequente desigualdade, da natureza feminina e masculina juntamente com a revolução no estatuto social da família: “nos lugares e entre os grupos sociais onde a família conjugal moderna institucionalizou-se, isto se deu junto à construção de toda uma cultura familiar que enfatizava a privacidade,

o amor materno e a criança, fazendo da mulher a própria encarnação de tudo aquilo que a vida privada e familiar passou a significar no plano do imaginário social” (VAITSMAN 1994; p.31).

1.2. UM FEMININO NO BRASIL

Neste capítulo, a intenção é trazer, brevemente, sem a pretensão de reconstituir uma história do percurso feminino, alguns aspectos históricos dos acontecimentos no Brasil, observando discursos que pregavam normas éticas e estéticas, como também alguns dos movimentos que empreenderam rupturas destes discursos, na tentativa de compreender possíveis ressonâncias de ambos, nos discursos das mulheres entrevistadas neste trabalho.

No Brasil, durante o período Colonial, Estado, Igreja e Ciência, particularmente a medicina, colaboravam na definição dos papéis sociais com objetivo de estabelecer uma ordem na sociedade colonial.

Para DEL PRIORE (1993), no período colonial, também a diversidade de etnias, com heranças, costumes, hábitos e crenças, promovia diálogos entre visões de mundo diferentes.

“Além dessas heranças, quero sublinhar que a condição feminina fabricava-se, então, marcada pelo caráter exploratório da empresa portuguesa no Brasil, do século XVI XVIII (...) a tradição androcêntrica da cultura ibérica e os objetivos da empreitada colonial estimulavam os homens – padres, governantes, cientistas – a estabelecerem um papel identificado com o esforço de colonização para todas as mulheres indiscriminadamente” (DEL PRIORE 1993; p.24).

A autora neste trabalho (1993) aborda a condição feminina permeada pelas heranças culturais, marcas do escravismo e o projeto normatizador da Metrópole, no que chama de “longo processo de domesticação da mulher”.

ARAÚJO (1997) demonstra como a Igreja controlava de perto, por intermédio de seus instrumentos, toda uma catequese: meninas, então, deviam logo se casar (com quem seu pai designasse) e tornar-se mães, sendo esta maternidade encarada como o ápice de suas vidas como mulheres. Fazendo associações entre as mães mundanas e a mãe de Deus, e incentivando o culto às Nossas Senhoras, a Igreja estimulava a maternidade tão logo a donzela se casasse, maternidade esta que redimiria a prática sexual, promoveria o crescimento da família e, conseqüentemente, favoreceria o povoamento. A mulher deveria, ao casar-se, engravidar o quanto antes, para purificar seu corpo da devassidão carnal, que muitas vezes não passava de um ato sexual praticado de forma mecânica: era preciso se afastar de Eva e aproximar-se de Maria.

“Das leis do estado e da Igreja, com freqüência bastante duras, à vigilância inquieta de pais, irmãos, tios, tutores, e à coerção informal, mas forte, de velhos costumes misóginos, tudo confluía para o mesmo objetivo: abafar a sexualidade feminina que, ao rebentar as amarras, ameaçava o equilíbrio doméstico, a segurança do grupo social e a própria ordem das instituições civis e eclesiásticas” (ARAÚJO 1997;p. 45).

A medicina endossava a concepção que via na maternidade o desígnio natural da mulher e, ao estatuto biológico da mulher, associava-se um estatuto moral e metafísico (DEL PRIORE 1993, 1997). Também formadores de opinião, os médicos elaboravam teorias que não se restringiam ao domínio da ciência, misturavam-se à religião e à política. Na visão da medicina, a gestação e a maternidade eram caminhos naturais e

únicos para a mulher, protegendo-a de desvios, de doenças físicas e da alma, como a melancolia e a loucura, e, ainda, resguardando-a do subjugo do Demônio que, aparentemente, possuía trânsito fácil no corpo e mente feminino (DEL PRIORE 1993).

Na vida doméstica, à semelhança das mulheres europeias, além de ser função feminina a administração da casa, os cuidados dirigidos ao companheiro e a criação dos filhos, havia também a participação na economia através de, entre outras coisas, o comércio e pequenos serviços.

Tanto Estado como Igreja desejavam, obviamente, a formação da família legítima, oficializada, o que significava a união de branco com branca sob o controle deles, mas era comum a união de portugueses com índias e, mais tarde, frente à escassez de mulheres portuguesas, a união com mulheres de origem africana, à parte de formalidades matrimoniais. Certamente, também, ocorriam uniões entre negros e negras e os estupros. Ficou a cargo da Igreja, então, atacar as formas ilegítimas de casamento que eram todas aquelas que não tinham a benção dela, Igreja (DEL PRIORE 1993, 1997).

Quase toda família, consensual ou não, possuía filhos, em um momento que era comum o abandono, o aborto e o falecimento.

Na primeira metade do séc. XIX, as mulheres reivindicam acesso ao ensino que até então só admitia meninas na escola de primeiro grau (TELES 2003), já que o aspecto valorizado na formação das meninas era a preparação para o desempenho dos papéis de dona de casa, esposa e mãe.

“No século XIX, à mulher competia, tanto quanto no período colonial, o papel de dona-de-casa, esposa e mãe” (TELES 2003; p.28).

Ainda segundo TELES, algumas coisas começaram a mudar, por meio de um processo de industrialização que impulsionava várias regiões no mundo para uma integração ao capitalismo que se acentuava cada vez mais. No Brasil surgem alguns indícios dessa mudança, em 1850, com a proibição do tráfico negreiro, acelera-se a luta pela libertação dos escravos, ao mesmo tempo em que se formava uma nova classe dominante mais voltada para a “formação de mão de obra assalariada, para o desenvolvimento das cidades e para a ampliação dos meios de transporte e do comércio” (TELES 2003; p. 28).

Ainda segundo a autora, foi esse setor, junto a uma classe média que se formava e o Exército que promoveu a proclamação da República. “Tivemos, então, a urbanização e a imigração em larga escala. Com a mudança na economia, na política e na sociedade, há espaço para novas idéias e a mulher inicia sua participação de uma maneira questionadora da sua condição e do papel que vinha desempenhando” (TELES 2003; p. 29).

Por volta de 1860, algumas mulheres, parte desta classe dominante, organizam sociedades abolicionistas, este processo “proporcionou maior circulação de idéias inovadoras que atingiram particularmente a intelectualidade” (TELES 2003; p. 29).

Segundo TELES (2003), também em meados do século XIX, surgiram vários jornais editados por mulheres que estimulavam e disseminavam as potencialidades femininas, de início ainda com ênfase em seu papel de

esposa e mãe, mas paulatinamente acrescentando temas sobre conscientizações de direitos.

Veio a República e as idéias, de uma maneira geral, pertenciam a correntes liberais. Entretanto, no sul, prevalecia a corrente positivista, que pensava ainda a mulher como um ser de natureza complementar ao homem, divergindo apenas em um ponto, a educação. Estes últimos consideravam importante a educação destas que seriam as responsáveis pelo futuro homem, constituidor da nação: "(...) ser mãe era o papel mais sublime que uma mulher poderia desejar. Assim, os papéis familiares de filha, mãe e esposa eram uma espécie de preparação para a função de mãe (...) a autoridade masculina e a submissão feminina eram compreendidos no binômio 'obediência e amor' (...) as mulheres obedeciam, porque eram delicadas e meigas" (PEDRO 1997; p. 298).

Até agora, apesar de nossas singularidades étnicas e culturais, são inúmeras as semelhanças com o que se pregava para a população feminina européia, dos séculos XVIII - XIX, no que diz respeito ao que se considerava sua principal função, a maternidade; como também o lugar que lhe cabia, a casa sob o jugo de seu marido ou companheiro.

"Durante a *Belle Époque* (1890-1920), com a plena instauração da ordem burguesa, a modernização e a higienização do país despontaram como lema dos grupos ascendentes, que se preocupavam em transformar suas capitais em metrópoles com hábitos civilizados, similares aos modelos parisienses. Os hábitos populares se tornaram alvo de especial atenção no momento em que o *trabalho compulsório* passava a ser *trabalho livre*"

(SOIHET 1997; P. 362). Neste sentido, segundo a autora, era interesse adequar homens e mulheres ao novo estado de coisas, inculcando-lhes valores e formas de comportamento tanto no espaço e tempo do trabalho quanto nas demais esferas da vida. “A implantação dos moldes da família burguesa entre os trabalhadores era encarada como essência, visto que no regime capitalista que então se instaurava, com a supressão do escravismo, o custo de reprodução do trabalho era calculado considerando como certa a contribuição invisível, não remunerada, do trabalho doméstico das mulheres” (SOIHET 1997; p.362-63).

RAGO nos esclarece sobre o fluxo da presença feminina na constituição do parque industrial brasileiro: “Assim, enquanto em 1872 as mulheres constituíam 76% da força de trabalho nas fábricas, em 1950, passaram a representar 23%. O desenvolvimento das indústrias, intensificado pela Primeira Guerra Mundial, que trouxe um aumento de 83,3% da população operária no espaço de treze anos, explica-se pela ampla incorporação do trabalho masculino em detrimento do feminino” (RAGO 1997; p. 582).

Apesar de ter um trânsito no mundo público, por meio dos seus trabalhos, de suas aquisições em dinheiro, que influenciavam suas atitudes, linguagem, a lida com o duro cotidiano, “Muitos acreditavam (...) que o trabalho da mulher fora de casa destruiria a família” (RAGO 1997; p. 585)

É importante dizer, também, que havia médicos, como também pessoas do movimento operário e, evidentemente, muitas mulheres, que protestavam contra a exploração do trabalho feminino e infantil, e defendiam

o direito ao trabalho digno, à educação, ao acesso a todos os campos da cultura e o direito ao voto para as mulheres, ou seja, a ampliação e dignificação do espaço público para as mulheres.

“A União Feminina nasceu em 1934, como parte integrante da Aliança Nacional Libertadora (ANL), um movimento organizado, em 1935, sob a direção dos comunistas com o objetivo de derrubar o governo de Vargas e implantar um governo popular. Suas adeptas eram principalmente intelectuais e operárias” (TELES 2003; p. 47). Isso custou, para muitas delas, a prisão e, para outras, como Olga Benário Prestes, a deportação e, posteriormente, sua morte.

À época da Segunda Guerra, as mulheres defendem a paz, a estabilidade política e a soberania nacional, mas muitas de suas reivindicações ainda não foram efetivamente consideradas. Contudo, no pós-guerra, chegavam por meio da literatura e do cinema influências advindas de países diretamente afetados pela guerra, um novo modo de se comportar. “O processo de emancipação; iniciado no pós-guerra, prosseguia. Ventos liberais sopravam da França, assim como do movimento feminista norte-americano. Gradualmente, a mulher foi penetrando em redutos profissionais até então exclusivo dos homens” (BERTOLINI 2002; p.19).

Durante esta guerra, “as mulheres participaram da luta em favor da democracia, contra o nazi-fascismo, e para pressionar a entrada do Brasil na guerra, ao lado dos aliados” (TELES 2003; p. 48).

Com o fim da guerra, segundo TELES (2003), surgiram várias organizações femininas como o Comitê de Mulheres pela Democracia, a Associação de donas de Casa contra a Carestia e A associação Feminina do distrito Federal que tinham em pauta direitos igualitários, a anistia, custo de vida, defesa da infância, pela paz.

“Em maio de 1947 é criada também a Federação das mulheres no Brasil (FMB), cuja primeira presidente foi Alice Tibiriçá, batalhadora do direito do voto e defesa do nosso petróleo” (TELES 2003; p. 49).

Não obstante a luta em questões políticas, pela anistia, democracia, defesa das riquezas nacionais, direito da mulher, “Pelo menos até a década de sessenta acreditava-se que a mulher, sendo feita para o casamento e para a maternidade, não deveria fumar em público ou comparecer a bares e boates desacompanhada, e a política era considerada assunto preferencialmente masculino”. “Só muito recentemente a figura da ‘mulher pública’ foi dissociada da imagem de prostituta e pensada sob os mesmos parâmetros pelos quais se pensa o ‘homem público’” (RAGO 1997; p. 604).

Segue-se nesse período o decantado movimento de jovens nos anos 60, contra o estabelecimento acadêmico, literário e social, marcando época. Se, até então sexo e reprodução mantinham estreita relação, com o advento de anticoncepcionais faz-se possível um novo condicionamento das práticas heterossexuais. “A pílula tirou o risco da gravidez, os meios de comunicação – revistas, rádio, televisão -, o cinema, o automóvel, o vídeo cassete, a maior urbanização, o grande impulso da emancipação da mulher, que passou a

trabalhar fora (...) etc., são fatores que contribuíram para a chamada revolução sexual” (SALES 1984; p.48)

Nos anos 60, as questões salariais eram o alvo principal das reivindicações e aquelas relativas às condições de vida são, primordialmente, mediadas pelas primeiras. Os programas sociais ou de assistência mantêm a mesma filosofia de governos anteriores, ou seja, o público-alvo era a família, institucionalmente constituída em torno do chefe de família, representante único das necessidades e exigências de todos os familiares.

O golpe de 64 foi a expressão de um contexto de violência e repressão, instaurado pela ditadura militar, interrompendo os processos democráticos e seus projetos políticos e levando os grupos de esquerda à clandestinidade. No Brasil e na América Latina, o rechaço à violência institucional tem como base a concepção dos Direitos Humanos na democratização do poder do Estado, e esse processo levou a uma associação entre Direitos Humanos e proteção de direitos políticos: “A ampliação do seu significado para todos os campos da vida social é um processo em curso; nesse sentido os Direitos Humanos são reivindicados, hoje, como referência nas lutas por políticas emancipatórias e são defendidos com questão central para o desenvolvimento da cidadania e da democracia” (ÁVILA 2002; p.124).

A aceleração do desenvolvimento industrial, após 1964, acelera também o desenvolvimento de grandes centros urbanos e agrava problemas

econômicos e sociais. Segundo TELES (2003), neste contexto as mulheres tomam a iniciativa no combate em prol de melhores condições de vida.

“Foram também as mulheres vinculadas aos agrupamentos de esquerda que articularam os primeiros passos para a anistia (...). Foi mais uma iniciativa feminina de criar espaços de denuncia da violação de direitos humanos no Brasil. Se bem que os seus discursos reforçassem o papel tradicional da mulher – de mãe, esposa e irmã dedicada às causas do amor e da justiça. Mesmo assim, algumas questões relevantes do emergente feminismo foram colocadas nas várias reuniões e encontros (...)” (TELES 2003; p. 160).

Ressurge, em 1975, a imprensa feminista no afã de despertar a consciência social da condição feminina, denunciando a condição da dona de casa e da operária, grupos feministas articulavam-se e “assinalavam os momentos mais expressivos de divulgação das suas idéias libertárias” (TELES 2003; p.161), neste ano foi também instituído pela ONU como ano internacional da mulher e o início da década da mulher.

Com o processo de democratização, valores igualitários e individualistas guarnecem de referência a constituição de identidades para parcelas significativas da sociedade, decorrendo daí um ingresso proeminente de mulheres no mercado de trabalho e no ensino superior, “com perspectivas abertas de ascensão social e com socialização cosmopolita, que o ideário feminista finca raízes no país desde meados da década de 70” (SORJ 2002; p.100).

“A nova linguagem dos direitos humanos estabelece parâmetros para as relações de gênero, redefine territórios de cidadania, reconfigura os conteúdos simbólicos de feminino e masculino porque evidencia as desigualdades e hierarquias nas relações entre homens e mulheres com instâncias da vida, como a violência, a sexualidade, a reprodução, o meio ambiente que, até então, não faziam parte dessa linguagem” (PITANGUY 2002; p.118).

Discussões sobre condições de vida são inseridas e são criados outros fóruns de debates, como associações e movimentos populares. GIULANI (1997) aponta que, na década de 80, a população trabalhadora, de ambos os sexos, falava de suas respectivas responsabilidades no seio familiar.

Nos grupos comunitários formados pela Igreja, há a preocupação com a injustiça social e é ressaltado o papel da mulher como mãe, esposa e dona de casa, resgatando-se a identidade feminina intimamente ligada aos laços afetivos e ao lar. Começa a surgir, como aponta GIULIANI (1997), um movimento que se preocupa com as condições de vida da mulher, seu duplo esforço, na administração simultânea de assuntos relacionados tanto à esfera pública quanto à esfera privada.

Gradativamente, evolui o ingresso das mulheres nas universidades, processo que se iniciou em profissões consideradas tipicamente femininas, ampliando-se para a ocupação de espaços até então reservados aos homens. “Quando a profissão de professora primária deixou de satisfazer às aspirações de um número cada vez maior de mulheres oriundas das classes

médias, que passaram a buscar vagas nas universidades, estavam criadas as condições para que a hierarquia sexual na família e na sociedade fosse questionada“ (VAITSMAN 1997; p. 63). Segundo VAITSMAN, sob uma perspectiva global, as principais oportunidades de trabalho que se colocavam para a mulher situavam-se no setor de serviços domésticos, já que a expansão das atividades que exigem um melhor nível educacional direcionou-se para as mulheres de classe média.

No período de 1940-1990, a força de trabalho feminina passou de 19% para 35,5%, em 1990 mais de dois terços (74%) da população ativa feminina estava concentrada no setor terciário, principalmente em algumas atividades, como serviços comunitários, serviços de educação, serviços de saúde e serviços domésticos. Embora crescente, é proporcionalmente pequena, porque, apesar da mulher constituir maioria na população do país, sua participação no mercado de trabalho é de apenas 35,5%; e profissionalmente marginal, porque a grande maioria das mulheres que participam do mercado de trabalho exerce atividades de média e baixa qualificação profissional (FUNDAÇÃO IBGE 1993).

Na contemporaneidade, a mulher busca, não sem dificuldades, a integração desses papéis novos e tradicionais, a família moderna abre espaço para novas formas de se constituir, desafiando seus significados culturais mais tradicionais. “Com a industrialização e a urbanização, semeia-se, efetivamente, o princípio da igualdade, embora num primeiro momento as antigas desigualdades de gênero tenham sido reelaboradas e expressas sob novas linguagens. O aprofundamento da modernização, porém, ao

impulsionar a participação das mulheres – e a participação das mulheres, ao aprofundar a modernização – estimulou os princípios de igualdade e autonomia, desafiando a estratificação de gênero e desestabilizando as relações institucionalizadas na família conjugal moderna” (VAITSMAN 1997; p. 62).

OLIVEIRA chama a atenção para o que aponta como a armadilha da igualdade; considera que dentro de um contexto onde o lugar dos homens e das mulheres era nitidamente demarcado, houve uma ruptura de maneira assimétrica. Reflete que, contrariando a teoria da interação dos papéis sociais em suas interferências mútuas, ocorreu uma transformação do papel feminino sem que o papel masculino fosse fundamentalmente tocado. Fala, também, que a partir de uma desvalorização do espaço privado, concernente a importante fatia do universo feminino, tanto a sociedade como um todo como as próprias mulheres alimentaram o equívoco “aceitando como definição de um mundo igualitário aquele em que teriam ‘apenas’ que continuar a ser as mesmas de sempre, acrescentando a suas vidas vivências até então próprias do masculino” (OLIVEIRA 1999; p.56).

OLIVEIRA acredita que, considerando a lógica da organização da sociedade, não se vê políticas voltadas para a permissão de um maior tempo dedicado à vida privada. “O que estamos vivendo e que ameaça afirmar-se como norma é o desaparecimento da gratuidade que caracteriza a esfera do privado e sua substituição por uma rede institucional que se responsabilizaria pelos aspectos da vida familiar de que, até hoje, ocupavam-se as mulheres” (OLIVEIRA 1999; p.98).

Deste modo, vê-se que na coreografia de transformações da sociedade, da família, dos papéis de gênero, coloca-se para a mulher uma dupla responsabilidade no que se refere à “luta empreendida para se manter as vidas, quando se trata de prover o sustento, como também de cuidar dos filhos (...) Por outro lado, é nessa luta que parece residir a percepção de um amadurecimento enquanto pessoa, um aval de ‘adulície’ e maturidade que é revelado na ponta de orgulho existente nas narrativas que falam dessas batalhas cotidianas. Mas é importante ressaltar que as mulheres consideram grande a sobrecarga que representa esta vida de dupla jornada, sem companheiro e pertencendo a uma camada pobre da população.” (STASEVSKAS K O 1999; p.132).

Para ROCHA-COUTINHO (1994), não é possível dar uma resposta totalizante para um processo que não é só sociológico, mas individual, como também não é resposta individualizar o problema, de tal forma que as dificuldades pelas quais o sujeito passa, sejam vistas como um problema pessoal. O desafio consiste em abrir caminhos nos quais as conquistas importantes sejam preservadas com uma abertura para a diversidade.

Por fim, é preciso reforçar que as diferenças entre as mulheres de todo o mundo são muitas, portanto são diferentes suas trajetórias. Os sujeitos sociais nunca criam percursos lineares e puros, ao contrário, quando falamos de seres humanos, falamos de conflitos, contradições, singularidades e de processos.

2. OBJETIVO

Como já mencionei anteriormente, é intenção refletir sobre uma reprodução hegemônica da feminilidade, mas também as inovações ocorridas, na conjunção entre trajetórias pessoais e condições sócio culturais. Parto do pressuposto de que uma “feminilidade” historicamente produzida, as transformações mais recentes desta referência e as diferentes formas de experimentação pessoal desta pauta, tem a potencialidade (como possibilidade) de subverter os ditames desta feminilidade hegemônica, incluído nas formas de organização do poder.

De forma que, por meio dos discursos trazidos por mulheres com idade entre 50 e 60 anos, busca-se quais os significados atribuídos à feminilidade. A este trabalho, de abordagem qualitativa, interessa uma aproximação das variações no pensar e lidar com este momento de vida - o que se mantém e o que se transforma - sob uma perspectiva subjetiva, levando em consideração as convergências históricas, sociais e contextuais emergidas nos discursos.

3. METODOLOGIA

3.1. PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Em uma perspectiva qualitativa de pesquisa, com face empírica, que se refletiu em entrevistas abertas, produzidas nos discursos por mulheres entre 50 e 60 anos de idade, foram tratados os temas discutidos nas categorias analíticas. Para tal registro, operacionalização, compreensão e análise desses discursos, utilizou-se referenciais, como a “Grounded Theory” e o Sistema Indiciário.

GROUNDING THEORY

A “Grounding Theory” foi pela primeira vez descrita por Glaser e Strauss na década de sessenta. Estes autores observaram que a prática sociológica tinha até então, quase que exclusivamente, se apoiado em métodos quantitativos, e que estes possuíam mais prestígio que os métodos qualitativos (PIDGEON & HENNWOOD 1996). A partir dessas discussões, provindas das Ciências Humanas em relação aos méritos das pesquisas qualitativa e quantitativa, Glaser e Strauss elaboraram uma metodologia onde “uma teoria (...) é gerada por (ou fundada em) um interativo processo envolvendo a análise do conteúdo de dados qualitativos obtidos da (contínua) amostragem, advindos de situações concretas, tais como dados não estruturados obtidos através de entrevistas, observação participante ou pesquisas de arquivos” (PIDGEON & HENNWOOD 1996; p. 86)

Em “The Discovery of Grounded Theory”, Glaser e Strauss sugerem três objetivos na proposta desta metodologia: o primeiro era oferecer os fundamentos de uma teoria gerada e desenvolvida através da interação dos dados coletados. Estes dois autores argumentaram que este tipo de teoria: (...) “contribuiria para preencher a embaraçosa lacuna entre teoria e pesquisa empírica” (STRAUSS & CORBIN 1994; p.274). A “Grounded Theory” e suas possibilidades foram propostas criadas que iriam contra o funcionalismo dominante e as teorias estruturais, no campo das Metodologias (STRAUSS & CORBIN 1994).

O segundo objetivo da formulação da “Grounded Theory” por Glaser e Strauss, foi o de demonstrar a lógica e as especificidades técnicas da teoria. E, o terceiro objetivo, foi o de legitimar cuidadosamente a pesquisa qualitativa, já que, até aquela época, não se acreditava que a pesquisa qualitativa era passível de adequada verificação.

Com o passar dos anos a “Grounded Theory” passou a ser descrita por diferentes autores interessados em desenvolver métodos para a pesquisa qualitativa. (RENNIE, PHILIPS & QUARTARO 1988).

O principal objetivo da “Grounded Theory” é: (...) “buscar similaridades e diversidades, reunindo uma gama de indicadores que apontem para as múltiplas facetas qualitativas que possuam a potencialidade de gerar um conceito significativo” (PIDGEON & HENNWOOD 1996; p. 93).

Os procedimentos da “Grounded Theory” incluem o desenvolvimento de um sistema de codificação aberto e a geração de níveis de categorização

que descrevem características e conceitos relevantes. Sendo assim, uma lista de categorias emerge a partir de uma sistemática inspeção dos dados onde constante comparação dos dados é efetuada.

Na elaboração de um conjunto de categorias, o pesquisador utiliza os seguintes procedimentos (PIDGEON & HENNWOOD 1996):

- saturação teórica de categorias, (codificação de exemplos até o ponto em que não mais novos exemplos de codificação sejam encontrados),
- descrição (por escrito) das categorias que tenham atingido a saturação,
- registro de todas as observações feitas pelo pesquisador no curso da análise,
- estabelecimento de ligações entre as categorias,
- e procura de dados complementares para elucidar aspectos dos conceitos emergentes

A importância deste tipo de análise no material qualitativo, escrito e verbal, está na possibilidade da promoção de um maior entendimento de uma experiência subjetiva, construída por meio da linguagem (CARVALHO 1996).

De forma que, adoto como procedimento, os descritos nos tópicos operacionais desta referência, como também o pressuposto de que a elaboração dos comentários analíticos é proporcionada pela integração entre as entrevistas e os aportes teóricos, gerando uma compreensão do fenômeno em estudo.

SISTEMA INDICIÁRIO:

Este conceito é descrito ou resgatado por CARLO GINZBURG (1989), que por meio de seus ensaios, promove uma profunda reflexão sobre as raízes de um paradigma epistemológico assentado na observação do detalhe.

Em seu livro “Mitos, emblemas, sinais”, mais especificamente, no capítulo que trata dos sinais, que aqui adotaremos para a compreensão deste conceito, GINZBURG (1989), faz uma análise minuciosa deste paradigma, apontando como este ainda não fora teorizado explicitamente.

Faz uma análise comparativa entre o método “morelliano”, a técnica interpretativa de Freud e as técnicas utilizadas pelo escritor Arthur Conan Doyle, por meio de seu conhecido personagem literário, Sherlock Holmes. Esta análise vai expondo um método de abordagem do fenômeno estudado onde se leva em consideração “(...) uma diversidade de elementos, desde o conhecimentos esclarecido, científico propriamente, até informações do viver cotidiano, incluindo as relações de diversas ordens entre os envolvidos etc.” (STASEVSKAS Y O 1999; p. 14)

GINZBURG (1989), vai mostrando como, desde o século XIX, emergiu um modelo epistemológico que persevera no âmbito das ciências humanas e que permanece operante desde então até nossos dias. Relata que escritos de um homem de nome Ivan Lermolieff, eram na verdade de autoria de Dr. Morelli, médico e crítico de arte. Entre 1874/76, Dr. Morelli usou seu pseudônimo para assinar ensaios e alguns anos mais tarde, o autor assume seu verdadeiro nome e seu método passa a ser conhecido por

método morelliano, que consistia em diferenciar obras de arte falsas das reais através de características imperceptíveis para a maioria das pessoas. Este médico dizia que era preciso examinar pormenores negligenciáveis pela maioria das pessoas, considerava os pormenores menos sofríveis da influência das características da escola que o pintor pertencia, sendo, portanto, mais reveladores da personalidade do autor. Chamava a atenção em seus ensaios, a lóbulos, unhas, formas de dedos etc, para a identificação da autoria da obra. Segundo GINZBURG (1989), outro autor de nome Castelnovo havia comparado este método ao método utilizado por Doyle, em sua literatura policial, que de forma muito semelhante, atento a pormenores, construía uma malha de pistas que levavam o leitor a ir esboçando, paulatinamente, o mosaico da trama até o desenlace final.

O autor nos mostra que no ensaio sobre o *Moisés* de Michelângelo, escrito por Freud, há uma passagem onde este menciona a influência que o Dr. Morelli exerceu sobre sua pessoa muito antes da descoberta da psicanálise. Posteriormente Freud, em seu método de interpretação, mostra a extrema relevância dos resíduos, daqueles dados que ao contrário de saltarem à vista, são marginais.

As pistas, sintomas para Freud, indícios para Doyle e signos pictóricos no caso de Morelli, possuem similares em épocas muito antigas como em textos de jurisprudência mesopotâmicos. Mas essa atitude, orientada para a análise através da reconstrução de indícios, remonta épocas anteriores à documentação escrita. Hoje, arqueólogos e

antropólogos descrevem também antigos métodos com os quais os homens observavam, perseguiam e capturavam suas caças.

O fator comum entre as técnicas utilizadas pelos autores citados se fundamenta, como nos demonstra GINZSBURG (1989), em um paradigma indiciário: “No final no século XIX - mais precisamente, na década de 1870-80 começou a se afirmar nas ciências humanas um paradigma indiciário baseado justamente na semiótica. Mas as suas raízes eram muito antigas” (GINZBURG 1989, p. 151).

Para o autor, esta forma de saber, ou de desvelamento, varia segundo seus contextos e momentos históricos, assemelha-se a uma densa trama que, de acordo com a circunstância, imprime teor venatório, divinatório, indiciário ou semiótico a este paradigma: “Trata-se, como é claro, de adjetivos não sinônimos, que, no entanto, remetem a um modelo epistemológico comum, articulado em disciplinas diferentes, muitas vezes ligadas entre si, pelo empréstimo de métodos ou termos-chave” (GINZBURG 1989, p. 170).

Assim, é em seu teor indiciário que lanço mão deste paradigma no sentido de um posicionamento interpretativo atento à uma malha de pistas e pormenores, norteado pela intenção de apreender o sentido dos discursos das entrevistadas, considerando ser estes, expressão “(...) de um conhecimento experimentado, vivido, que podia ser aproveitado naquela característica forma (...), onde o objetivo não era concluir, chegar a qualquer espécie de conclusão. Antes era reunir uma quantidade de coisas vividas

por nós (...) cujo pronunciamento (...) viesse a criar aberturas novas para a forma de se interpretar a própria vida” (STASEVSKAS Y O 1999; p. 17).

3.2. PROCEDIMENTOS E SUJEITOS

Como dito anteriormente, este trabalho, situado no universo da pesquisa qualitativa, adotou como instrumento de coleta de dados um roteiro temático (abaixo descrito) que se constituiu em uma entrevista aberta. A construção paulatina deste instrumental, atualizada a cada entrevista realizada, contribuiu para melhor entendimento do fenômeno estudado, ou seja, os discursos e seus significados no mundo em que se apresentam.

Em se tratando de pesquisa que intenciona aproximar-se de um universo subjetivo do sujeito, é importante o cuidado com esta singularidade, seu ritmo, contexto e a relação intersubjetiva, inclusive, com o entrevistador. (BIRMAN 1991; IBAÑEZ 1993).

A fase piloto da pesquisa de campo objetivou uma sondagem sobre o tema que proporcionasse uma gradativa aproximação do universo a ser pesquisado.

A partir disso, o roteiro foi estruturado de acordo com os temas de interesse e abordou:

- Dados preliminares: idade; região onde mora; escolaridade; trabalho; filhos; companheiro;

- Informações sobre feminilidade: comportamento feminino; exigências sociais para a mulher; diferenças entre homens e mulheres

- Informações acerca da intimidade: sexualidade; menstruação; primeiras curiosidades/experiências sexuais; relacionamento amoroso; prazer; prazeres atuais;

- Aspectos relativos ao envelhecimento e menopausa;

- Espaço aberto para as considerações que desejar.

As entrevistas tiveram duração média de uma hora e meia e foram gravadas mediante consentimento livre e esclarecido (Anexo 1), aprovado previamente pelo comitê de ética da FSP/USP e assinado pelas entrevistadas.

Após os discursos colhidos, foram realizadas as transcrições das gravações e com o texto e a gravação feita procedeu-se as primeiras etapas de análise que consistiu em várias leituras com escuta simultânea da gravação.

Em primeiro lugar, estudou-se cada entrevista, separadamente e em profundidade, de forma a promover uma compreensão individual de cada mulher entrevistada, um entendimento de sua história, através dos dados trazidos. Desta forma foi criado o que se denominou: “Retrato 3x4: breve história, longo percurso” na tentativa de captar singularidades de cada mulher e reter algumas de suas especificidades para as posteriores fases de análise. Este procedimento justifica-se pelo fato das entrevistas se constituírem em relatos longos e muito densos, demandando um norteador de compreensão da pessoa, individualmente, neste seu momento de vida,

destacando-se as características e traços pessoais que apresentaram, formas de relatar acontecimentos de suas vidas, conflitos, estratégias (subjetivas e objetivas) adquiridas.

Este retrato 3X4, portanto, serviu também para que ocorresse uma maior familiaridade e introjeção de cada entrevista pela pesquisadora, de forma que nos capítulos seguintes pudesse transitar por uma e por outra sem se perder de vista a referência pessoal de cada discurso, de cada recorte.

Em seguida, iniciou-se a fase horizontal de análise que se resume em tomar cada entrevista, uma a uma, e a partir de novas leituras, arrolar os principais temas emergidos, formulando-se assim as primeiras grandes categorias empíricas.

A partir disto, foi necessário, ainda, para o prosseguimento das análises:

1. Rever as entrevistas uma a uma, agora já sublinhadas, e observar se algum tema escapou à atenção, se temas considerados frágeis ainda o são e se há algum que se agrupe com outro ou desapareça.

2. Dar início à fase vertical de análise, acompanhar na ficha de temas de cada entrevista uma lista única de temas referente a todas as entrevistas, a partir disto que temas podem ser reagrupados, que novos temas surgem, que temas são extintos.

3. Agrupar as falas referentes a cada tema arrolado, proceder a análise comparativa, verificar as diferenças e semelhanças.

4. Buscar em cada reagrupamento vertical das falas o sentido explícito/ideológico, e/ou subreptício destes recortes, considerando as nuances emergentes.

5. Verificar as contradições nos discursos em forma horizontal e vertical.

6. Dialogar com a literatura especializada e outras para aprofundar a compreensão dos sentidos encontrados.

7. Identificar e redigir capítulos sobre as categorias encontradas.

Para o presente estudo, realizou-se o total de treze entrevistas, das quais duas integram a fase piloto de pesquisa, duas foram interrompidas pelas entrevistadas e uma sofreu problemas de gravação.

Das oito entrevistas íntegras que restaram, incorporou-se uma da fase piloto, já que trazia dados que enriqueciam a reflexão, perfazendo nove entrevistas que compõem o grupo de sujeitos desta pesquisa.

São quatro entrevistas de mulheres matriculadas no Ambulatório da Saúde da Mulher no Climatério (ASMUC), do Centro de Saúde Geraldo de Paula Souza, da Faculdade de Saúde Pública da USP. As duas referidas interrupções ocorreram pelos seguintes motivos: uma das mulheres foi tomada por forte emoção devido a sua situação matrimonial, e optei pelo acolhimento da entrevistada, acalmando-a e escutando-a, sem a imposição do seguimento do roteiro temático e da gravação da entrevista. A outra foi chamada para consulta médica, uma vez que este subgrupo de entrevistadas foi abordado no próprio Centro de Saúde, na sala de espera para consultas agendadas.

Foi, inicialmente, decidido considerar algumas mulheres do ASMUC, porque era interesse averiguar se mulheres matriculadas em um serviço público de atenção a fase do climatério apresentavam um interesse maior ou algum tipo de preocupação explícita dos assuntos relacionados a esta fase do ponto de vista físico.

Para a escolha das mulheres que pertenciam ao programa ASMUC, procedeu-se a checagem dos prontuários nos dias de atendimento do Centro de Saúde, verificando a idade e selecionando as mulheres que pertenciam a faixa etária estabelecida.

As cinco outras entrevistas são de mulheres escolhidas aleatoriamente, através de minha rede de relações, mulheres que não estavam inseridas em nenhum programa público de atendimento à Saúde no Climatério.

Todas as mulheres pertencem a faixa etária que compreende o período entre os cinqüenta e sessenta anos de idade, vale dizer que, atualmente e no universo da medicina ocidental, para alguns autores o climatério se inicia em torno dos 35 anos e, para outros, em torno dos 40 anos e pela Organização Mundial da Saúde (OMS), não há designada uma faixa etária para tal. Optei por uma faixa etária superior a 50 anos: em primeiro lugar, porque interessa saber o que acontece com a mulher mais madura, já adentrada na chamada fase climatérica, mas, principalmente porque interessava mulheres que já tivessem um tempo considerável de experiência de vida e, desta forma, promover uma reflexão *a posteriori* destas experiências. E, em segundo lugar, porque pela Organização Mundial

de Saúde estabelece para o final do período fértil a idade de 49 anos e não interessava entrevistar mulheres grávidas.

No conjunto total de entrevistas, procurou-se mulheres com distintas inserções sociais, diferentes modos de vida. Desta forma, as entrevistadas desempenhavam diversas ocupações de trabalho distintas (Quadro 1):

Quadro 1 – Perfil das mulheres entrevistadas. São Paulo, 2002/2003.

Codínomes	Idade	Estado civil	Com namorado	Nº filhos	Escolaridade	Ocupação
ÁGATA	54	separada	não	02	2º completo	Secretária
CRISTAL	58	separada	não	02	superior	prof. dança
RUBI	50	casada	----	04	1º incompleto	Cozinheira
SAFIRA	53	separada	não	02	2º completo	do lar ¹
JADE	59	casada	----	02	superior completo	consultoria ²
TURMALINA	54	separada	sim	01	2º incompleto	governanta
ÔNIX	52	solteira	sim	---	1º incompleto	manicure
ESMERALDA	55	viúva	não	01	1º completo	cabelereira ³
TURQUESA	52	solteira	sim	---	1º incompleto	overloquista

1- Anteriormente trabalhava como secretária do Tribunal de Justiça

2- Professora doutora Universitária aposentada

3- Micro-empresária

Os nomes das entrevistadas foram trocados por nomes fictícios, assim como o nome das pessoas citadas. Os nomes de gemas e pedras foram escolhidos, para as mulheres entrevistadas, a partir de associações subjetivas entre a pedra e traços pessoais que me tocaram. Pretendi

também, com esta escolha, preservar uma postura de respeito com todas as entrevistadas com nomes de coisas belas que não teriam conotações pejorativas e ao mesmo tempo me dessem uma possibilidade de rápida e fácil associação ao sujeito de quem tratava.

3.3. REFERENCIAIS TEÓRICOS: BOURDIEU E ARENDT

Sem se ater a uma reflexão circunscrita aos movimentos feministas ou às explícitas discussões sobre gênero, como vêm sendo desenvolvidas pelos teóricos e teóricas deste campo, PIERRE BOURDIEU (2003) investiga os mecanismos (históricos) de des-historicização que eternizam as estruturas das relações sociais, criando esquemas inconscientes de percepção e dispendo as experiências de apreensão do mundo social. Entrevê, na divisão socialmente construída entre os sexos e nas proposições de divisão correspondentes, inscrições produzidas no pensamento e no estado objetivado das coisas que são vividas como naturais, evidentes, imbuídas de tal grau de legitimação que já dispensam discursos para tal. Esta divisão arbitrária, por ser apoiada na diferença biológica entre os sexos, e, ao mesmo tempo, tão profundamente legitimada, por possuir uma justificativa da diferença colocada como natural, não desvela seu paradoxo que resulta de princípios que regem a concordância entre as estruturas cognitivas e estruturas sociais, e que derivam e são derivados de uma lógica de dominação.

No exame dos esquemas de perpetuação das relações de dominação, o autor vê na dominação masculina o exemplo maior da relação

subjugação-submissão e, neste dualismo, a ocorrência do que chama violência simbólica: “A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural (...)” (BOURDIEU 2003; p.47).

Esta primazia masculina baseia-se em esquemas imanentes a todos os *habitus*, portanto, inculcados em corpos e mentes, funcionando como “matrizes das percepções” universalmente partilhados e produzindo uma inversão na leitura da relação entre causa e efeito. A submersão nesta forma de perceber e experimentar a realidade social - recriando ela mesma - de dominação masculina, constrói a diferença anatômica e esta se torna, por sua vez, o “fundamento e a caução” desta visão sexual, fechando um círculo que “encerra o pensamento na evidência de relações inscritas ao mesmo tempo na objetividade, sob forma de divisões objetivas, e na subjetividade, sob forma de esquemas cognitivos que, organizados segundo estas divisões, organizam a percepção das divisões objetivas” (BOURDIEU 2003; p.20).

O autor pondera que os homens também são prisioneiros da representação dominante, ou seja, a dominação ou o lugar de dominação não se dá por uma condição natural, está incluído e certamente relacionado a esses princípios simbólicos construídos ao longo de todo um trabalho de

socialização e cria a contrapartida deste aprisionamento masculino na tensão e contenção permanentes, por vezes extremadas, que obriga o homem à afirmação constante de sua virilidade.

Para a ruptura de um sistema tão duradouramente inscrito, moldado por estas condições, o autor conjectura que não basta uma tomada de consciência ou um esforço da vontade, uma vez que, o princípio de perpetuação das forças materiais e simbólicas se coloca, evidentemente, no interior da casa e da família, mas, principalmente, nas instituições de um modo geral.

Desta forma, “Só uma ação política que leve realmente em conta todos os efeitos de dominação que se exercem através da cumplicidade objetiva entre as estruturas incorporadas (tanto em mulheres como em homens) e as estruturas de grandes instituições em que se realizam e se produzem não só a ordem masculina, mas também toda a ordem social (....) poderá, a longo prazo, sem dúvida, e trabalhando com as contradições inerentes aos diferentes mecanismos e instituições referidas, contribuir para o desaparecimento progressivo da dominação masculina” (BOURDIEU 2003; p.139).

BOURDIEU aponta para a possibilidade de mudança na estrutura de poder, a partir de um trabalho histórico atento a des-historicização realizada por agentes, principalmente, pelas instituições, que tenha em vista o que se transforma e o que permanece nestas instâncias. A maior mudança está no fato de a dominação masculina não se impor, em muitas ocasiões, como uma evidência que nunca pressupõe defesa, o que resulta, a seu ver, de

transformações na condição feminina, experimentadas fundamentalmente por uma fatia da sociedade mais favorecida. O acesso à esfera pública, ao ensino secundário e superior, ao trabalho assalariado, o distanciamento das tarefas domésticas, entre outros, são exemplos destas transformações. Ressalta as modificações que interferem com a “função da instituição escolar na reprodução da diferença entre os gêneros, tais como o aumento do acesso das mulheres à instrução e, correlativamente, à independência econômica e à transformação das estruturas familiares (...) contribuem para quebrar a *doxa* e ampliar o espaço das possibilidades em matéria de sexualidade” (BOURDIEU 2003; p.107 -8).

A abordagem do autor fornece instrumento de compreensão dos princípios e mecanismos históricos responsáveis pela eternização das estruturas de divisão sexual e divisão correspondentes: “Colocar o problema nestes termos (...) pode estar no princípio de um progresso decisivo na ordem da ação” (BOURDIEU 2003; *prefácio*).

O salto entre sua abordagem da estrutura de dominação para as mudanças que já ocorrem e têm reflexos nas instituições, e mesmo a visão futura de ampla transformação social, deixa em aberto um campo de reflexão sobre o curso desta passagem. Neste campo, onde podemos situar circunstâncias de manutenção e mudança que é inerente à atividade de pensar, e à ação, intrínseca ao espaço de liberdade. Embora a evidência desta forma de dominação e as rearticulações ocorridas signifiquem, fundamentalmente, a perenização de seu poder, as mudanças nas formas de sustentação podem ser examinadas nesta espiral de rearticulações, e

desvelar iniciativas que lancem brechas para a fuga de uma mesma maneira de pensar e podem deixar emergir faíscas que não estão totalmente atreladas a uma mesma lógica de pensamento e ação.

Há, no entanto, uma referência que abre uma fissura e permite refletir sobre um elemento que, se não determinante, participe de todo processo de transição: “Porém, por mais exata que seja a correspondência entre as realidades, ou os processos do mundo natural, e os princípios de visão e de divisão que lhes são aplicados, há sempre lugar para uma *luta cognitiva* a propósito do sentido das coisas do mundo e particularmente das realidades sexuais” (BOURDIEU 2003; p.22).

Esta luta cognitiva pode se encaminhar para o que ARENDT (2000, 1981) concebe como espaço da palavra e da ação ou pode permanecer oculta, limitada ao universo do pensamento.

Perseguindo a concepção de liberdade como acessório do agir mais do que de um atributo da vontade, ARENDT (2000) retoma tradições políticas e pré-filosóficas da Antigüidade por considerar que aí, e não no âmbito da grande filosofia, situa-se o campo em que a liberdade era fato da vida cotidiana, no espaço da política.

Historicamente, a noção de liberdade, no interior da filosofia, é inaugurada por Agostinho que dá continuidade a discussão sobre o livre arbítrio de tradição cristã. No entanto, mais do que sobre o livre arbítrio, a concebe principalmente como um traço da própria existência humana, ou melhor, concebe o aparecimento do ser humano no mundo equacionado ao surgimento da liberdade, o nascimento do homem como início e liberdade.

“Porque é um começo, o homem pode começar; ser humano e ser livre são uma única e mesma coisa. Deus criou o homem para introduzir no mundo a faculdade de começar: a liberdade” (ARENDR 2000; p. 216).

A autora aponta para o paradoxo de encontrar, no seio do Cristianismo, a concepção filosófica de liberdade, implicada em uma antiga idéia política de liberdade, ou seja, liberdade enquanto começo. Contudo, em sua interpretação do produto da fé, o milagre, descobre a concepção filosófica e sua implicação política da idéia de liberdade. À parte do aspecto sobrenatural do milagre, mostra o fenômeno como uma interrupção (inesperada) de uma série de acontecimentos, posto que no conjunto da vida humana estamos submersos em processos automáticos, do ponto de vista dos processos cósmicos, naturais e orgânicos; a vida política e social cria também, historicamente, processos automáticos acionados pelo homem. Esta automação, inerente a todos os processos, possui em comum, um vetor único direcionado à morte; os processos vitais para aí se dirigem e os processos históricos e artificiais, como é o caso das civilizações, caminham também para o declínio e ruína, passando por longos períodos de estagnação. “O que normalmente permanece intacto nas épocas de petrificação e de ruína inevitável é a faculdade da própria liberdade, a pura capacidade de começar, que anima e inspira todas as atividades humanas e que constitui a fonte oculta de todas as coisas grandes e belas. Mas enquanto essa fonte permanece oculta, a liberdade não é uma realidade tangível e concreta; isto é, não é política” (ARENDR 2000; 217-8).

Portanto, milagre na concepção arendtiana é a interrupção deste automatismo que surge na ordem do inesperado, do improvável e que permeia toda a existência como no caso da ‘infinita improbabilidade’ imanente dos processos físicos e naturais, dos processos do universo e na natureza. Claro que, esclarece a autora, nos processos automatizados em seu contexto artificial, das construções sociais, o milagre não se faz por si, muito embora ‘a infinita improbabilidade’ não rechace nem mesmo este acontecimento, contudo, a criação e interrupção nessa esfera é, freqüentemente, procedida da iniciativa humana, “pelo *initium* que é o homem enquanto ser que age” (ARENDT 2000; p. 219).

“É da própria natureza de todo novo início o irromper no mundo como uma ‘improbabilidade infinita’, e é, contudo, justamente este infinitamente improvável que constitui de fato a verdadeira trama de tudo que denominamos de real” (ARENDT 2000; p. 218).

A autora compreende liberdade interior como uma derivação da liberdade, pois pressupõe uma fuga da coerção externa, onde a liberdade foi negada, abrigada na interioridade onde ninguém mais tem acesso. O diálogo interior, não possuindo expressão externa, destitui-se de significação política, espaço a partir do qual agimos. “O campo do pensamento é o do diálogo do eu consigo mesmo” e “O campo da política é o do diálogo no plural que surge no espaço da palavra e da ação – o mundo público – cuja existência permite o aparecimento da liberdade” (LAFER 2003; p. 63).

Para ARENDT (1991), a privação do espaço público significa a perda da realidade, de um mundo comum, quando as ações não têm importância e

conseqüência para os outros e aquilo que possui importância para o indivíduo não pode despertar interesse para mais ninguém, proporcionando a perda do sentido de existência e da liberdade, uma vez que, oculta, a liberdade não é uma realidade tangível.

“Para o indivíduo, viver uma vida inteiramente privada significa, acima de tudo, ser destituído de coisas essenciais à vida verdadeiramente humana: ser privado da realidade que advém do fato de ser visto e ouvido por outros, privado de uma relação ‘objetiva’ com eles decorrente do fato de ligar-se e separar-se deles mediante um mundo comum de coisas, e privado de realizar algo mais permanente que a própria vida” (ARENDR 2000; p. 68).

O pensamento ao irromper no mundo pela palavra, torna visível o invisível. A partir de sua interpretação de Kant, ARENDR salienta uma maneira de pensar no plural, que consiste em ser capaz de pensar no lugar e na posição dos outros em vez de estar de acordo consigo mesmo. Isto abre a possibilidade da concordância potencial com os outros e traz, muito ao contrário de uma validade universal, uma validade específica, limitada aos interlocutores para chegar a um acordo. Este diálogo requer um espaço que é o que nomeia o espaço da palavra e da ação, que constitui o mundo público onde surgem estes tipos de juízo que se extraem de opiniões, e não de proposições universais, “para que a possível coincidência entre palavra viva e palavra vivida possa surgir e assegurar a sobrevivência das instituições através da criatividade” (LAFER 2003; p.64).

Desta forma, parodiando Sócrates, HANNAH ARENDR utiliza-se da metáfora dos ventos para a atividade do pensar: são invisíveis, mas o que

fazem é manifesto para nós e sentimos sua aproximação. As atividades mentais se manifestam pela palavra. O pensamento especulativo requer a metáfora, a partir da qual grandes termos filosóficos são cunhados para formar a ponte entre o mundo e a especulação. “Para ela (Arendt), a linguagem constitui o repertório da experiência humana (...) toda época assinalada pela problematização de seu passado tem de se confrontar com o fenômeno da linguagem, pois é na semântica da língua que o passado deita as suas indestrutíveis raízes” (LAFER 2003; p.78).

Pensar significando uma provisória suspensão do mundo para compreender, criar, problematizar o sentido das coisas é o contrário de lançar mão de normas que não exigem compreensão de seu conteúdo e são criadas para uma aplicação direta, normas constituídas por um dogmatismo que afeta o espaço público da palavra e da ação. Esta provisória suspensão do mundo, posteriormente, retorna a este, assim como o sopro do pensamento: “O pensar, neste sentido, do ponto de vista da *vida activa*, prepara a vontade para decidir o que vai ser e o juízo para julgar o que não é mais, o que em situações limite pode evitar catástrofes no mundo das aparências, pelo menos para o ser” (LAFER 2003; p.84).

Vivemos em uma sociedade em que se multiplicam sofisticados instrumentos de manipulação que produzem maneiras de se comportar e de se relacionar e constituem parte fundamental do processo democrático. BOBBIO aponta para as incoerências entre a moderna democracia e seus ideais; a democracia é considerada, idealmente, como a melhor forma de governo, o governo da visibilidade, dos atos desenvolvidos em público sob o

controle de uma opinião pública, no entanto não foi capaz “de manter suas promessas”: “Não manteve, por exemplo, a promessa de eliminar as elites do poder. Não manteve a promessa do autogoverno. Não manteve a promessa de integrar a igualdade formal com a igualdade substancial. Estranhamente, é acusada, com freqüência, de não conseguir debelar o poder invisível. E, na verdade o poder invisível continua a existir” (BOBBIO 1999; p.209). Trago esta formulação apresentada por BOBBIO apenas para introduzir, dentro do panorama da democracia moderna, sua incoerência intrínseca, especialmente no que se refere à visibilidade de governo.

Discutindo a relação, ou o conflito, entre verdade e política, HANNAH ARENDT volta sua atenção ao fenômeno da manipulação em massa de fatos e opiniões, da eficiência moderna da mentira política que lida com coisas que são conhecidas por todos, diferente da tradicional mentira política que lidava com segredos: “Isso é óbvio no caso em que a história rescrita sob os olhos daqueles que a testemunharam, mas é igualmente verdadeiro na criação de imagens de toda a espécie, na qual todo o fato conhecido e estabelecido pode do mesmo modo ser negado ou negligenciado caso possa vir a prejudicar a imagem; porquanto uma imagem, ao contrário de um retrato à moda antiga, deve, não bajular a realidade, mas oferecer um adequado sucedâneo dela. E, em consequência das técnicas modernas e dos meios de comunicação de massa, esse sucedâneo está, é claro, muito mais sob as vistas do público que o original em qualquer época” (ARENDT 2000; p. 311-12).

Para ARENDT (1981), do ponto de vista da produção, os homens são descartáveis e esse é um dos motivos pelo qual não estão, hoje, à vontade e em casa no mundo.

ORTEGA (2000), com base em conceitos arendtianos, afirma: “O que está em jogo é simplesmente a validade universal e incontestável da democracia ocidental atingida desde o fim da guerra fria unida à impotência característica de nossa sociedade, incapaz de pensar o sistema democrático além da democracia de partidos, da falta de imaginação política e de um medo diante das coisas que não se conhecem, dos pensamentos que ainda não foram pensados e das formas de comunidade não experimentadas” (ORTEGA 2000; p. 17).

A democracia representativa é foco da crítica arendtiana em suas reflexões sobre a despolitização da vida e esvaziamento do espaço público neste sistema de representação partidária que, ao contrário de estimular um processo de discussão pública com intercâmbio de opiniões, promove formas de controle do poder popular por meio da “criação de imagens”, produzidas pelas técnicas midiáticas.

A autora aponta que, sob a crença de que os temas políticos são, no fundo, percebidos como um fardo, o agir é freqüentemente circunscrito ao estado governamental, o espaço público se burocratiza e o sistema de partidos não se faz permeável a um processo de discussão continente das opiniões pessoais sobre temas públicos.

Incluído neste panorama social, político e econômico contemporâneo, de descartabilidade do homem, de esvaziamento do espaço público, da

criação e manipulação de imagens, inscreve-se também a violência simbólica preconizada por BOURDIEU (2003). Para o autor, a violência simbólica na sua forma particular de dominação masculina, tem uma primazia universalmente concedida ao gênero masculino e é baseada tanto na objetividade das estruturas sociais (fundamentada em uma divisão sexual do trabalho), quanto nos esquemas imanentes a todos os *habitus*, como matrizes de percepções, pensamentos e ações, e, funcionam como transcendentais históricos, que por serem partilhados, se colocam transcendentais para cada pessoa.

Na conjectura sobre as estruturas que resultam na violência simbólica é possível estender seu alcance a outras esferas de dominação que atingem homens e mulheres muito embora, a dominação a que BOURDIEU centrou seu estudo esteja corporificada no gênero masculino. Mas, ao pensarmos a dominação masculina como um tipo de expressão de poder invisível e também inerente às estruturas de poder visíveis, como a moderna democracia apresenta, podemos pensar, que se impõe para homens e mulheres na medida em que, inserido nas lógicas de poder há subjugações que não se detém apenas ao confronto entre sexos e sim a expressões de poder que submetem seres humanos a outros seres humanos. Ademais, do ponto de vista objetivo, a dominação está corporificada em homens enquanto gênero e do ponto de vista subjetivo estes adquirem o *habitus* do dominador e isto não implica que a dominação se dirija exclusivamente às mulheres, ou seja, pessoas do gênero masculino submetem pessoas do gênero masculino se, por exemplo, ocorrer uma associação entre uma

pessoa do gênero masculino e um posicionamento feminino (situação de fragilidade/vulnerabilidade).

Quero ressaltar, contudo, que isto não significa dizer que não há uma força gigantesca e de longa permanência na estrutura de poder tão bem descrita por BOURDIEU (2003), da eficácia simbólica de estruturas históricas (des-historicizadas) da ordem masculina, exemplo por excelência. Mas, que esta dominação é intrínseca a uma lógica de poder possuidora de uma força destrutiva que desconsidera aspectos da dimensão humana, a que todos estamos sujeitos. Pensar nas possibilidades de transformação da dominação masculina é pensar também nas possibilidades de transformação na lógica de poder que destroça os seres humanos quando “qualquer traço de distinção, singularidade ou diferença” não são tolerados e quando “o agir é substituído por um mero comportar-se” (ORTEGA 2000; p.19-20).

Para pensarmos alternativas transformadoras de condicionantes artificiais (e não naturais) da existência humana que fazem parte dos processos automáticos (acionados pelo ser humano), lanço mão do pensamento arendtiano sobre liberdade, natalidade, pensamento, milagre e ação, já que: “A teoria política de Hannah Arendt representa uma tentativa de pensar o acontecimento, de afrontar a contingência, de romper e inaugurar, de recusar as imagens e metáforas tradicionais oferecidas para imaginar o político e uma vontade de agir, de transgredir e superar os limites” (ORTEGA 2000; p. 24).

Assim, retomando a metáfora do pensamento quando manifestado no espaço da palavra e da ação, sua potência de criar a possibilidade do agir

em conjunto que confere autoridade e geração de poder. Este poder diferenciado de força e violência, da força como um recurso, mas sim, de ações conjuntas legitimadas a partir de uma vontade comum, guardadas as singularidades distintas que levam cada um a concordar com um curso comum de ação, que levam a rupturas nas estruturas de dominação incluindo a dominação masculina. As resistências e estratégias diante da dominação podem ser expressões particularizadas, invisíveis, privadas e, assim, não gerar poder e autoridade, ou, encontrar a relação que leva à comunicação voltada para o acordo resultante de uma vontade comum e, acrescentar, por meio dos feitos “importância à fundação da comunidade política e vida às suas instituições” (LAFER 2003; p. 65), abrindo, no universo da ‘infinita improbabilidade’, as possibilidades de interrupção dos processos de automação socialmente construídos de dominação. A re-conformação do processo artificial demonstra que as iniciativas, não obstante não eliminá-lo completamente, compreende ações legítimas capazes de interromper a forma como a dominação se expressa, forçando-a a novas conformações que, sucessivamente, podem ser e são minadas.

Por fim, cito ARENDT sublinhando a experiência de vida como importante ponto de partida: “(...) meu pressuposto é que o próprio pensamento emerge de incidentes da experiência viva e a eles deve permanecer ligado, já que são os únicos marcos por onde pode obter orientação” (ARENDT 2000; p. 41).

4. RETRATO 3X4:

BREVES HISTÓRIAS, LONGOS PERCURSOS

Nos próximos capítulos, encontram-se as análises dos discursos, categorizadas segundo os temas de interesse do presente trabalho.

Inicialmente, foi criado o que nomeei de “retrato 3X4”, que vem a ser uma observação da pesquisadora de cada entrevistada, de forma singular, ainda sem buscar percepções comuns e diferentes entre as entrevistadas. Foi capturado o que entendi por aspectos marcantes do discurso (percurso) personificado desta mulher, estando aí explícito, e por isto o nome retrato, que são as mulheres vistas pela perspectiva da pesquisadora, sem, contudo, deixar de considerar a própria imagem desta, uma vez que totalmente apoiado nos discursos das entrevistadas.

Para ARENDT a aparência, o mesmo que vir a público, constitui a realidade, desta forma, os acontecimentos da vida íntima são “(...) uma espécie de existência incerta e obscura, a não ser que, e até que, sejam transformadas, desprivatizadas e desindividualizadas, por assim dizer, de modo a se tornarem adequadas à aparição pública. A mais comum dessas transformações ocorre na narração de histórias (...)” (ARENDT 1981; p. 59-60).

Sob a conjectura de que o sentido da ação só é alcançável na medida em que esta ação encerrou-se e pode se tornar uma estória passível de ser narrada, ARENDT fala que esta narração não se presta para um “domínio” sobre o passado, para resoluções de problemas ou alívio de sofrimentos,

mas sim para revelar o “sentido sem cometer o erro de defini-lo, realiza o acordo e a reconciliação com as coisas tais como realmente são (...)” (ARENDT 1987; p.95).

De forma que “O poeta, num sentido muito geral, e o historiador, num sentido muito específico, têm a tarefa de acionar esse processo narrativo e de envolver-nos nele. E nós que, na maioria, não somos nem poetas nem historiadores estamos familiarizados com a natureza desse processo, a partir de nossa própria experiência de vida, pois também nós temos a necessidade de rememorar os acontecimentos significativos em nossas vidas, relatando-os a nós mesmos e a outros” (ARENDT 1987; p.28).

Para a autora, a vida privada, devido a uma fuga do mundo (quer por que nos retiramos, quer por que fomos expulsos) pode reter uma realidade que, embora impotente, de modo algum insignificante, desde que se compreenda que “o real dessa realidade consiste não em seu tom profundamente pessoal, mas em algo mais, que brota da privacidade como tal, é inerente ao mundo de que fugiram. Devem se lembrar que estão constantemente no fluxo, e que a realidade do mundo se expressa efetivamente com sua fuga” (ARENDT 1987; p.29).

De forma que, sob uma concepção de mundo e as divisões sexuais subjacentes foi reservado, em algum momento, às mulheres o espaço privado como ordem “natural” das coisas, esta condição é efetivamente expressão deste mundo, ao que se colocam não só questões estritamente pessoais, como também questões comuns a todos que estão sob tais condições. E muita embora as mulheres deste estudo não estejam

confinadas de forma absoluta ao mundo privado como mulheres de outrora, seus relatos trazem, além de heranças disto mesmo, algo repercutido de nossa sociedade, no relato de suas experiências, impressões e estratégias diante do mundo em que vivemos.

Os limites, para ARENDT, da existência privada “são inerentes ao fato de que a força e o poder não constituem a mesma coisa; o poder surge apenas onde as pessoas agem em conjunto, mas não onde as pessoas se fortalecem como indivíduos” (ARENDT 1987; p.29). No espaço público só é consentido o que é tido como relevante, “digno de ser visto e ouvido” (ARENDT 1981; p.61), e, o não relevante é tudo aquilo que estritamente privado.

Se, por um lado, as histórias trazidas pelas mulheres deste estudo revelam algo do mundo comum e dão sentido aos acontecimentos, para si e para os outros, resta saber, até que ponto a força presente nos relatos, tomada daquilo que privativo (e não necessariamente íntimo), pode vir à público e tornar-se poder.

Antes de entrarmos no “retrato” de cada mulher, não posso deixar de mencionar uma carta dirigida à sua amiga Mary McCarthy em que Hannah Arendt faz o seguinte comentário, sobre seu trabalho “Homem em tempos sombrios”: “(...) na medida em que são retratos, embora eu não tivesse percebido isso. Eu realmente penso nas pessoas nesses termos. O que pensei estar fazendo eram antes ‘silhouettes’” (ARENDT 1995; p.224).

ÁGATA

Ágata tem 54 anos, é do interior de São Paulo, separada, tem dois filhos, cursou até o segundo grau completo e, atualmente, trabalha como secretária em uma instituição de ensino superior e pós-graduação. Não estava namorando no momento da entrevista.

Separou-se aos 38 anos e relata que essa época foi difícil se sentir parte do grupo de convívio: “Tanto que eu fiquei bem afastada um bom tempo, até as pessoas se acostumarem, que eu sou uma mulher separada, mas não tô a fim, sei lá se era esse o caso, do marido da outra”. Aparentemente, Ágata achava que as outras mulheres a viam como uma ameaça a seus casamentos.

Sobre a exigência social de determinado tipo de comportamento para a mulher, diz: “Eu acho que o mundo ainda tá muito machista, sabe, embora os homens achem que eles são liberais, não sei quê que eles falam, mas ele gosta daquela mulher submissa, que fica em casa”.

Segundo a entrevistada, este comportamento machista, exigido para a mulher, se refere ao trabalho doméstico, incluindo o cuidado com os filhos, que não é, na sua opinião, compartilhado pelos homens. Fala, também, do trabalho remunerado, com a ressalva da “diferença de salário” entre homens e mulheres. Diz que existem profissões que não acha “bonito” para as mulheres e, neste ponto, reflete acerca da possibilidade que tenha um “outro lado machista”: “Jogador de futebol, por exemplo, não... eu não acho uma mu- bonito uma mulher jogar futebol, né... uma mulher operária, de braçador, mesmo assim, né, vai ficar meio... então eu acho que... eu também tenho um

outro lado meu machista (...). Esta consideração parece se relacionar à idéia que Ágata faz sobre uma feminilidade que se constitui, em parte, por uma delicadeza, um charme que a mulher tem que preservar: “A mulher tem que ser feminina... ãh, porque às vezes é difícil pra eu falar porque, como eu vivi muitos anos sozinha eu tive que fazer o papel de homem e de mulher, entendeu?”

Mas, a mulher ela tem - que - ser - um pouco independente do marido em tudo, mas assim, umas frescuras assim, ‘ah, troca a lâmpada pra mim... num sei quê...’ sabe? Esta é a parte feminina da mulher, né , a mulher... faz essa parte e o homem faz a outra parte mais...mais de homem mesmo, de...de peso, dessas coisas... Então a mulher teria que se cuidar, se vestir, cuidar da, da, da aparência que é a... Sexualidade, eu a- eu penso assim, num sei”.

Ágata menciona, ainda, a solidão que viveu após a separação, dá a entender que teve de cumprir com o papel feminino e masculino padronizado em nossa cultura, enfrentando sozinha as responsabilidades de criar meios de subsistência, cuidar dos filhos e das tarefas domésticas.

Quanto aos aspectos ligados à sua transformação corporal, como sua primeira menstruação, relata seu desconhecimento sobre o que lhe ocorria, justificando que sua mãe, “por ignorância”, não conversava sobre estes assuntos, tampouco sua única irmã, mais velha. Diz: “Não, num tinha com quem conversar, assim...”.

Este enfrentamento solitário de assuntos e acontecimentos importantes em sua vida pareceu-lhe fornecer, ao mesmo tempo, força e

fragilidade. Força, para atravessar tantos acontecimentos com a firmeza que foi cultivando diante das adversidades e fragilidade, porque tais recursos possuem esta marca de solidão e, é possível, um certo sentimento de inadequação: “o interessante é que, às vezes, eu num, num me vejo na idade que eu tenho, eu me vejo mais nova, sabe? Aí depois, olho no espelho é que eu vejo a ... ca - ou então quando alguém me chama de senhora, porque na minha cabeça ainda, num tô nessa ainda”.

Por outro lado, diz: “Mas eu assim eu num... eu acho que hoje eu tô melhor do que eu tava antes, embora tudo caído, mas... Cabeça tá melhor, tanto que eu falei procê que eu não me vejo na idade que eu tenho, me vejo menos.”

Esta contradição pode indicar uma certa relutância para se aceitar e, talvez, se sentir aceita (pelo entorno) como está hoje, como se quisesse ter tido antes aquilo de satisfatório que vê em si agora.

Este caminho solitário de luta é uma marca muito forte na vida de Ágata, que sempre contou apenas consigo mesma, para cuidar de si e dos filhos, estes representando hoje um ponto de orgulho, uma conquista do empenho dispensado, que se traduz por uma sensação de tarefa cumprida, conseqüentemente, se sente mais leve, menos compromissada. Portanto, neste momento de sua vida é possível que sinta uma liberdade que nunca antes foi experimentada, principalmente no que se refere aos assuntos pessoais, no âmbito afetivo e de projetos futuros; em contrapartida, está mais velha e não se sente como tal, como se estas conquistas, uma vez realizadas, deixassem espaço interno para a emergência de novas

possibilidades ou até mesmo para uma energia vital que parece incompatível com a idade cronológica e com a aparência física que tem hoje.

CRISTAL

Cristal tem 58 anos, é paulistana, separada, tem dois filhos, fez curso superior, trabalha atualmente como professora de dança e não estava namorando.

Cristal é uma mulher que adotou para si um senso místico que descreve de várias maneiras, nomeando de, por exemplo, “abertura de visão” ou “espiritualidade”, um conjunto de convicções que mobilizam e norteiam seu entendimento sobre os acontecimentos da vida.

Em suas falas iniciais, traz a idéia de “paz” em oposição à idéia de “projeção”. Esta paz se refere a uma paz interior e é, segundo a entrevistada, algo que se constrói dentro de si, independentemente de outras pessoas “com ou sem alguém, não importa”. A idéia de “projeção”, em contrapartida, associa-se com insatisfação, com algo que não possui e é necessário buscar fora, no outro, uma ausência desta “paz interior” que impeliria a uma “busca” incessante.

Se por um lado esta “paz” por ser “interior” parece se relacionar com algo assentado, quieto, e derivando da própria palavra apaziguado, a “projeção” parece se relacionar com algo inquieto, inconformado, que caracteriza uma “busca em outras pessoas” que é, talvez, conflituoso, por se tratar de um limite pessoal que precisa se misturar a outra pessoa.

A entrevistada indica esta espiritualidade e conseqüente “paz interior” como uma conquista em sua vida, uma “busca (de) novos horizontes”, muito embora, como vimos, associa esse “buscar” com insatisfação. Sugere que é por intermédio da espiritualidade que se faz possível ter comando da própria vida, sair da posição de passividade e escapar ao sofrimento, à insatisfação que pode ser o próprio estado passivo diante do sofrimento. Segundo Cristal, esta espiritualidade, que é também “uma abertura de consciência”, traz a possibilidade de se fazer “a própria vida”. Acompanha esta concepção uma idéia de destino, e ao agir com espiritualidade, coisas destinadas conspirarão a seu favor.

Cristal faz uma leitura das relações sociais utilizando-se de definições de energia, tais como “ying e yang”. Considera estas energias de natureza distintas, relacionando-as também a conceituações de masculino e feminino, e que demandam um equilíbrio para que haja o que denomina “harmonia”. Acredita que a sociedade está mais regida pela energia “Yang”, de pendor masculino e que por exercer atividade artística, ligada a dança, tem o favorecimento de lidar com as duas energias de forma equilibrada: “(...) eu uso as duas energias bem... bem relacionadas (...) então eu tenho as duas... sou obrigada a ter os dois equilíbrios”. Parece nos indicar aqui que possui, profissionalmente, uma condição completa no que se refere às duas energias, ao equilíbrio e harmonia, podendo se furtar de um crivo social, mercadológico, masculino. Sua atividade a ajuda também a não pensar nessa questão das diferenças, na inserção social, para homens e mulheres: “beneficia para não ter essa... esse pensamento”.

Sobre as diferenças entre homens e mulheres, também aplica sua concepção sobre energias que, neste caso, se complementam. Refere que para um relacionamento amoroso crescer, complementar, é necessário que ambas as pessoas, homem e mulher, tenham estas energias muito bem “trabalhadas” em si mesmos. Contudo, pondera que pode estar muito bem, sozinha se tiver em si as duas energias bem “trabalhadas”, remetendo a mencionada “paz interior” e ao “equilíbrio”, decorrente de sua atividade artística. Traz, mais uma vez, agora referido ao relacionamento amoroso, esse fator comum que diz respeito a uma possibilidade de completude, apoiado em elementos internos, centrado em si mesma, solitário.

Ser completa e não precisar do outro parece ser um ponto crucial que emerge das falas de Cristal.

Podemos inferir que o que Cristal chama espiritualidade, desempenhou um papel importante em sua vida, abriu-lhe uma nova forma de interpretar o mundo e certamente, de interpretar também suas questões e conflitos internos.

Esta forma de organizar os acontecimentos internos e externos, focaliza as experiências vividas como ganhos em contraposição a uma aceitação passiva diante daquilo que é lastimoso. Por outro lado, parece produzir um lugar ideal, em que se faz possível minimizar as inquietudes, as faltas e a dor, na construção de uma condição idealizada, que não carece de confronto com o outro, que é protegida por essa forma de interpretação mística, que apóia uma auto-harmonização, uma possibilidade de solucionar os desejos e, portanto, as carências em si mesmo. Talvez uma maneira de

escapar de desejar aquilo que falta e por isso mesmo faz sofrer, nega essa falta: “não falta nada em mim”.

ESMERALDA

Esmeralda tem 55 anos, é paulistana, viúva (foi casada três vezes, uma formalmente e duas consensualmente), sem namorado, tem uma filha, cursou o primeiro grau completo e trabalha como cabeleireira em um salão de beleza de sua propriedade.

Esmeralda diz que sentiu uma grande dor por ocasião da viagem de sua única filha, que foi à Londres estudar e passou três meses fora. Esta relação mãe–filho, nos dois pólos, parece representar algo muito importante em sua vida. Fala de como foi difícil compreender sua mãe que, ao se separar de seu pai, sofreu tanto “de ser abandonada e não ter como sobreviver pra comer, pra ter uma casa”. Conta que esta dificuldade a impulsionou para uma emancipação financeira. Não considera que este aprendizado, apoiado na necessidade, é algo pertinente apenas ao percurso feminino. Acha que os homens, assim como as mulheres, vivem suas dificuldades em suas histórias e que a partir disso: “Ele vai buscar resposta e sobrevivência, e nessa busca de sobrevivência você descobre algumas coisas”. Contudo, pondera sobre a fala de seu irmão que considera sensível às questões femininas: “(...) foram buscar as suas liberdades e ficaram sozinhas”. Continua: “(...) mas, ele também ainda crucifica essa mulher que foi em busca de um eixo, seja ele qual for. Então, a gente tá num momento em que temos que sentar e, e, e conversar como está sendo na política,

digamos, assim, entendeu, então é uma coisa de negociação, porque ninguém é sozinho em nada, entendeu, então eu acho que é muito delicado”.

Este homem que não aceita a mulher que foi em busca de seu eixo não é entendido como alguém a ser combatido, confrontado, apesar de, algumas vezes, tal postura conferir solidão para este novo lugar social da mulher. É por isso mesmo e por pensar que homens e mulheres vivem exigências em sua história que Esmeralda traz a idéia de negociação, de coalizão e justifica: “(...) porque ninguém é sozinho em nada”.

Esmeralda fala também da mulher (e do homem) que está entregue, da mulher que idealiza e não busca a realização, que não se coloca como sujeito de sua própria vida. Por outro lado, acredita que através das frustrações, desta dor, é onde está a possibilidade de crescimento e mudança e conta do esforço que faz para respeitar esse processo, no outro.

Este respeito pelo processo do outro é trazido, pela reflexão sobre o relacionamento com a mãe. Considera que, apesar de ter tido poucas ferramentas para lutar, aludindo a falta de preparo para criar condições de se sustentar tanto economicamente como emocionalmente, enfrentou a situação e resguardou os filhos de um abandono. Para Esmeralda, a mulher: “(...) alguma coisa ela tem que segura a vida dela”, parece localizar na capacidade de cuidar do outro, no caso o filho, a promoção, de alguma forma, de uma força que dá suporte, força para a própria vida. “Existe uma força, vamos dizer assim, de, de, de mãe mesmo, no caso, a mulher né?”.

Por outro lado, Esmeralda atrela esta mudança individual a uma mudança social, diz: “Nós dependemos da sociedade, do que está sendo cobrado naquele momento”. E acrescenta: “Ah, por comportamentos, que... de uma certa forma são necessários. Porque se não tiver essa cobrança, esse parágrafo, essa sentença, essa pergunta, essa resposta, não vamos a lugar nenhum. Então existe uma expectativa da sociedade do comportamento da mulher, e dentro dessa expectativa há uma evolução da qual vai se transformar, de geração pra geração. Então, vai mudando as expectativas. Eu creio nisso. Eu acho que já houve muitas melhoras... através do crescimento da mulher...”.

Novamente, Esmeralda fala do crescimento da mulher, crescimento que parece estar relacionado à capacidade de mudança de si mesma, como no caso da mulher que se sujeita às circunstâncias em que vive e, com este dor, produz uma posição mais ativa diante da realidade, tornando-se capaz de dirigir sua vida. Mas fala também quanto à capacidade de mudança do entorno social, geração após geração, naquilo que chama de “crescimento da mulher”, influenciando as expectativas sociais que nela são depositadas.

JADE

Jade tem 59 anos, nasceu em uma cidade do interior de São Paulo, é casada há 31 anos, tem dois filhos, tem título de doutora, é professora aposentada e, atualmente, trabalha em consultoria acadêmica.

Jade é uma mulher intelectualizada, faz algumas reflexões sobre os temas apresentados que fogem ao lugar comum, como é o caso das suas considerações sobre o envelhecimento para o homem e para a mulher, em nossa sociedade. Considera que o homem é bastante tomado pelo universo profissional, do trabalho e que ao se aposentar perde, de certa forma, um estímulo do qual se utilizou durante sua vida, adotando uma postura que, ao mesmo tempo, circunscreve um lugar de repouso “(...) ‘ah, agora vou ser servido’, não é?”, mas também de vazio: “Vou descansar porque o que eu tinha que fazer, eu já fiz...’, não é?”. Parece apontar que o aspecto masculino da aposentadoria está intrinsecamente vinculado à profissão ou ao trabalho, dando um matiz unidimensional deste fazer masculino, sendo possível perder, então, algo mais além do próprio trabalho, ao se aposentar. Enquanto que a mulher, não tendo seus afazeres e identidade fundados tão somente no âmbito profissional, ao se aposentar, vê mantidas outras dimensões de suas práticas, resguardando-a desta perda adicional ou deste vazio de fazer.

Assim como outras entrevistadas, admira as mulheres independentes e não admira as que estão entregues e ressentidas em relação aos acontecimentos de sua vida. O ressentimento pode estar associado a uma idéia de estagnação, de “energia bloqueada”, coisa que, além de não provocar sua admiração, parece produzir um desconforto. Podemos observar, a partir de sua narrativa um contraponto dessa idéia de estagnação que é a idéia de movimento, com efeito, esse assunto da atividade é um tema recorrente nesta entrevista. Há uma admiração voltada

para a mãe, que já é bastante idosa, mas mantém-se sempre atarefada, independente, dentro do possível, enfim, ativa. Abordou o sentido de aposentar-se para homens, mulheres e ela mesma que, nesse momento de sua vida, apesar de aposentada, está plena de capacidade para as suas atividades laborais, na sua maioria de natureza intelectual, mantendo, poderíamos dizer, o pensamento em movimento constante. De fato, menciona que, por ter uma atividade mental intensa, por vezes deseja “vagabundear um pouco”, mas em seguida questiona: “(...) porque que continuo pegando as coisas?”. Menciona também outras coisas que lhe dão prazer por dar a sensação de “esvaziar a cabeça”.

Em pelo menos duas outras menções, a entrevistada coloca aspectos de sua vida que sugerem esta idéia de movimento, uma que se refere aos cuidados com o corpo, com ginástica e massagens, diz: “(...) você tem energia bloqueada aqui ou ali, piriri, então cê... os carocinhos, desfaz os carocinhos...” e outra sobre como fez opção por direcionar o dinheiro para viagens, cursos em contraponto a aquisições materiais: “(...) Então dentro da minha família espessa, eu sou a filha pobre, filha pobre nesse sentido de que, minhas pretensões eram diferentes... não é?”.

Parece emergir, contudo, algo que confronta com essa idéia de movimento, e que diz respeito a seu filho: “Não, meu filho assim, ele assim...ele namora uma tia, né?”

Jade assinala que seu filho sempre “se prendeu com namorada”, diferente de sua filha que “aproveitou todas as oportunidades...”; ele, ao contrário, “perdeu oportunidade de fazer intercâmbio no exterior, de viajar

aqui dentro (...).” O filho, além de namorar atualmente uma pessoa que tem quase a sua idade, parece não estar regido pela regra de movimentar-se, parece descrever um ponto de estagnação.

É possível sugerir uma associação entre imobilização e envelhecimento, e entre movimentação e jovialidade, ou seja, podemos pensar que Jade negocia o sentido de envelhecer por meio da atividade, do movimento, e que, a relação amorosa de seu filho aparece como, entre outras coisas, uma contradição, uma imagem de, ao mesmo tempo estagnação do ponto de vista (para ela) do filho e de hesitação, no que se refere ao posicionamento da mulher mais velha que namora seu filho: “eu não consigo vê-la como, como namorada, porque o que ela faz é competindo na, na posição de mãe, mais do que de namorada...”.

Essa negociação com o sentido de envelhecer aparece também, mas de outra forma, quando Jade fala sobre uma exigência para as mulheres aposentadas, pois diz que é esperado da mulher aposentada um retorno da dedicação às coisas da própria família. Refere que não atende a esta expectativa de uma forma padronizada, não se dedica às coisas da família de forma a cumprir um papel exigido. Em contrapartida diz: “Tem almoço... tem uma farra, então, eu fiquei nessa época da vida como se fosse uma, a cozinheira da família, e isso congrega né, então sempre tô na cozinha...”. É como se a exigência fosse redimensionada de forma que esta não necessite de oposição contundente, ao contrário, para ela é uma forma de prazer, na congregação, no aspecto afetivo da família e não banalizado pela rotina.

ÔNIX

Ônix tem 52 anos, é baiana, solteira, não tem filhos, cursou o primeiro grau incompleto, atualmente tem um namorado e trabalha como manicure.

Ônix tem uma forma de expressão apoiada em um pensamento concreto. Suas falas são curtas e apresentam quase sempre descrições de situações, como se encontrasse dificuldade em, partindo de situações enunciadas, estender aquela idéia apresentada.

No seu discurso, coloca reiteradas vezes sua dificuldade em dizer, explicitar mais, desdobrar aquilo que afirmou, ou ainda sobre aquilo que está sendo perguntado para mais além de sua primeira resposta. Suas respostas são bastante pautadas no padrão, e, o que está fora do padrão de normalidade, socialmente estabelecido, merece também o seu repúdio. Desta forma, suas falas circunscrevem-se no universo do senso comum, naquilo que comumente todos aceitam ou naquilo que comumente é por todos rejeitado. A palavra “normal” é usada para resumir, em alguns momentos, o que quer dizer, depositando nela a síntese de todo o significado daquilo que é tão difícil enunciar com minúcias, tornando mais fácil compreender se deixarmos embutido na palavra “normal” a tarefa de simplificar o dizer aquilo que todos sabem, que é óbvio.

Vejamos alguns recortes que podem ilustrar este aspecto: “Como é que eu vou te responder...”, “Que tipo de mulher eu não gosto? Aquelas que se diz sapatão eu não gosto”, “De um jeito normal, entendeu?”.

Por outro lado, suas respostas foram muito diretas, mesmo quando o tema poderia provocar vergonha ou censura, uma vez que assuntos íntimos

estavam sendo abordados em situação de entrevista. Deu a impressão que se dispunha a falar realmente o que achava, não se furtando de relatar suas experiências. “Não, não tô com vergonha, é que eu não tô com...sabendo me explicar, entendeu?”.

Quando falamos sobre se a sociedade espera que a mulher se comporte de uma determinada maneira, diz apenas que “sim”; ao ser indagada de que maneira, diz que de um “jeito normal”; sobre este “jeito normal” diz que é “ficar no lugar dela, não ser vulgar”, perguntada se havia algo mais que a sociedade esperava da mulher, disse que “não” e mudando um pouco a questão, respondeu: “acho que exige sim”, investigando mais, respondeu: “Eu acho que eu não vou saber te responder, mas eu acho que a sociedade exige”. Então indaguei se havia também exigência para os homens e se essas exigências eram as mesmas, disse: “É, mais ou menos é”. Especulando sobre quais eram, a seu ver, estas exigências, diz: “Eu acho que tem a ver com tudo, viu”. Depois, relaciona estas exigências à questão do trabalho e diz: “Trabalho, muito trabalho” e diz também que se a mulher não trabalhar: “Passa fome, se não trabalhar, filha, passa fome”. Aqui, essa abordagem aparece bastante apoiada em situações concretas da vida.

Ao falar um pouco sobre as diferenças que vê entre homens e mulheres, diz: “Assim, os homem (s) não aceita muito as mulher num cargo alto, no lugar deles, entendeu? Eles ficam frustrado. Entendeu?”.

Voltando à idéia de normalidade, de senso comum, é possível pensar que a mulher “normal” não almeja um cargo mais alto que o homem, porque este não seria o desempenho feminino tradicional, padrão; por outro lado,

não é porque a mulher está colocada em um lugar menor, rebaixado, mas sim porque os homens “ficam frustrado (s)”. Não vê, na empresa, um tratamento diferenciado para homens, dado esse seu modo de pensar concreto e que em sua experiência não vivenciou qualquer distinção ou não considerou nada como sendo significativamente diferente no que se refere a isto. Pensando na narrativa anterior, sobre as exigências, pode-se inferir que a entrevistada focaliza a exigência na quantidade de trabalho e, neste sentido, considera esta uma exigência igual tanto para homens como para mulheres. Ao contrário de outras entrevistadas, não parece pensar balizada por uma pauta feminista, de igualdade de comando para homens e mulheres.

Sobre sua primeira experiência sexual, traz idéias que, aparentemente, contraditórias, também parecem revelar sua forma simples (e direta) de interpretação da vida. “Foi bom. Foi, doeu bastante, mas foi boa. Foi horrível porque doeu bastante, mas foi bom. Porque eu senti prazer, lógico”.

RUBI

Rubi tem 50 anos, é proveniente do interior de Minas Gerais, vive uma união consensual com um companheiro há dezessete anos, tem quatro filhos, sendo que o mais velho não é desta união, tem o primeiro grau incompleto e atualmente trabalha como cozinheira em casa de família.

Rubi possui um apelido que é curioso à primeira vista, pelo fato do significado deste se opor ao que afirma ser sua sina com os homens. Sendo

uma corruptela de seu nome, remete a idéia de “querida”. No entanto, afirma que “nunca teve sorte com homens”. Está com seu atual companheiro há dezessete anos e não tem relações sexuais com ele há doze, em rechaço ao que entende por suas traições. E mesmo quando se refere a momentos críticos de sua vida, confere a estes um forte senso de humor e freqüentes boas risadas.

Demonstra ter tido, desde muito cedo em sua vida, uma determinação na condução de suas escolhas e uma independência de decisões. Em suas primeiras ligações amorosas, quando o curso dos acontecimentos tomava uma direção que, aparentemente, lhe desgostava, não havia hesitação em rapidamente pôr um ponto final, interromper aquilo que não era de seu agrado. Na relação atual, porém, apesar de afirmar ter sido “muito machucada” e relatar as reiteradas tentativas de escapar desta união, permanece.

Essas contradições: o riso fácil junto ao humor das falas perante ao que afirma serem cenas doloridas; a recusa em ter um relacionamento sexual apesar dos anos de convívio; a menção de feridas ainda abertas ao mesmo tempo em que fala de carinho e de planos futuros em comum, indica algumas pistas da forma como Rubi vai aprendendo, constituindo estratégias para sua vida. Não parece angustiar-se demasiado com estas contradições, é possível que se afirme como sujeito, inserida nesta mesma contradição, e, muitas vezes, a impressão que dá é que lança mão de seu humor para negociá-las. Recorro a KEHL (2002) para melhor compreendê-la: “O humor talvez seja a arma que nos encoraja a enfrentar certos riscos decorrentes

das empreitadas em que nos metemos tentando transformar alguns aspectos da realidade, a fim de torná-la mais favorável às moções do princípio do prazer. É o recurso de linguagem que nos permite tentar algumas grandes empreitadas sem nos iludirmos, nem nos deixarmos humilhar pelas evidências de nossa pequenez” (KEHL 2002; p. 182).

Rubi parece construir um caminho inverso ao de algumas outras mulheres entrevistadas; ao invés de percorrer um caminho de uma (suposta) dependência e posterior emancipação, parece ter criado com suas heranças e com o decorrer do tempo, uma ampliação no espaço de negociação de seus afetos, revelado pelo humor, não que não haja ressentimentos, como ela mesma afirma, mas coexistem com este humor.

É como se, de antemão, não encontrasse problemas em “tomar as rédeas da própria vida”, à semelhança de outras mulheres, e que, posteriormente, tivesse aprendido a deixar-se permear pelas vidas e contingências ao redor.

SAFIRA

Safira tem 53 anos, é paulistana, separada, tem dois filhos, cursou o segundo grau completo, trabalhou como secretária do Tribunal de Justiça, não trabalha fora faz muitos anos e se diz “do lar” e não tinha namorado no momento da entrevista.

Safira separou-se de seu marido aos 37 anos e todo o processo de ruptura do casamento a abalou muito. Ao contar de seu esforço para manter

o casamento, sublinha todo seu sofrimento e ônus, chegando a adoecer, e afirma possuir “seqüelas” provindas daí até hoje.

Conta, também, como era grande sua dificuldade para falar sobre o que se passava consigo. No primeiro mês após a separação, isolou-se na casa da mãe sem falar ou ver ninguém, sentindo-se “envergonhada e derrotada”.

A narrativa que constrói sobre dois relacionamentos que teve após o casamento é bastante confusa e entrecortada; usa o termo “loucuras” para exprimir as ações que praticou neste período e que nunca havia experimentado antes praticar. Nos dois a três anos após a separação, afirma que “não estava bem” e “estava começando a entrar na síndrome, numa crise de síndrome do pânico”. Continua: “E daí eu bati o carro, eu já não estava bem, ah, daí já escangalhou de vez, não conseguia mais voltar a dirigir. Eu não ando de metrô sozinha, detesto, tenho horror de metrô e elevador, assim, muita altura”.

Todas essas informações demonstram que, de fato, Safira passou por um período de crise muito intenso e que, em certos aspectos, a afeta até hoje. Contudo, Safira diz: “Eu tenho seqüelas, eu tenho problemas disso até hoje, só que agora eu posso falar, nada me bloqueia, eu converso numa boa. Eu sei tudo que me incomoda, né, mas...”.

Poder falar sobre esses acontecimentos e os sentimentos que o permearam, algo que antes não conseguia, abre uma possibilidade de elaboração destes e foi uma conquista, um aprendizado. Se por uma parte essa ferramenta adquirida, a fala, traz a possibilidade de (uma) elaboração,

esta parece ter alguns pontos frágeis que a própria Safira aponta: “Eu não sei, eu estou atravessando uma fase, um pouco, de medo, é... tô, vol, eu notei que, outro dia, que eu tô meio com medo, alguma coisa com... tô meio insegura, mas normalmente, eu tinha melhorado muito.”

Pode se pensar que após a crise que eclodiu com a separação, a conquista de Safira criou um campo de relativo alívio para seus medos e ansiedades, “eu tinha melhorado muito”, mas algo que situa nesta fase pela qual passa, atualmente, a desestabiliza. Mais adiante aparece uma indicação do que pode ser: “Só tem uma coisa que eu também, muita dificuldade pra lidar que é a morte porque a morte é definitiva e isso pra mim, na minha cabeça, é complicado demais. Tenho um...horror, medo. Eu tenho medo de sentir medo, entendeu? Meu problema é medo de sentir medo, que vai morrer, ou com alguém, meus filhos quando viajam, um terror, eu fico apavorada, preocupada”.

Não obstante ser o assunto de envelhecer e morrer delicado e, de fato, definitivo para qualquer pessoa, há alguns aspectos na afirmativa de Safira que merecem atenção. Verbalizar seus problemas foi para Safira uma conquista, contudo no decorrer da entrevista pode-se perceber que ainda possui dificuldade em narrar acontecimentos que a mobilizaram muito como a separação e seus outros encontros amorosos. Por outro lado, conta de seu prazer em conversar, desenvolver assuntos diversos com pessoas conhecidas e desconhecidas, coisa que não era comum anteriormente. Além disso, revela o que localiza como aspectos que a incomodam em si mesma: a extrema “ansiedade” e o medo da “morte”, sendo este acrescido com a

expressão “medo de sentir medo”. Safira diz que antes da pré menopausa, não possuía tanta fluência em conversas, sendo de índole mais retraída e, é possível supor, que à época de suas crises passou por um processo difícil e demorado para identificar e entender um pouco o que se passava consigo mesma. Portanto, ao falar de seu incômodo provindo de sua “ansiedade” e de seu “medo”, essas declarações, que são denominações do que considera seus problemas, possuem um valor funcional que a ajuda a organizar seus afetos. Contudo, é a partir mesmo das suas falas sobre os momentos conflitantes que é possível perceber que esta função ocorre no sentido de uma identificação de seus incômodos, mas que ainda tem o que progredir, no que se refere à possibilidade de resignificação destes, uma vez que ainda perduram.

Quanto à sua descrição do abalo vivido com a separação, questões que têm para ela a marca do “definitivo” a colocam em um estado de fragilidade, de perda de estabilidade. Morrer é definitivo, assim como envelhecer ou ter-se separado de seu ex-marido, ou, pode-se pensar, é definitivo o sentido que ela dá a estes temas, sentido este de difícil transmutação, sentido, talvez, definitivo. A tentativa é lançar a questão de se o sentido “definitivo”, imutável, “terrível”, impalpável, que dá à morte pode ser diametralmente reflexo do sentido “definitivo” que atribui a acontecimentos de sua vida.

Safira afirma ter sido sempre muito “racional” e diz que passou a ser uma pessoa mais “emocional”, após a separação. Ao mesmo tempo, considera a entrada na menopausa um determinante para o aumento

considerável de tanta emotividade. Diz: "Ai que horror! Nunca pensei que eu ia sofrer tanto na minha vida. Muito! Tem muita tristeza. Eu nunca fui uma pessoa muito, muito alegre, mas, é... sentir vontade de chorar e sentir por bobagem e ficar emocionada e sentir tristeza como agora, qualquer filmezinho mais triste daí, então, eu choro, um depoimento muito... uma coisa, eu não era assim. Nunca fui. Eu sempre fui forte para as coisas e agora não. Eu sou muito, muito, muito, muito emotiva. Eu era dura na queda, sempre fui. E agora eu sou muito emotiva. Eu não tô gostando, não, desse efeito".

Apesar de dizer que antes era mais "racional", muito embora diga também que isso se modificou, concebe que, nesse momento atual, acontece uma exacerbação dessa emotividade, no que tange aos sentimentos mais tristes. Se relacionarmos isso ao seu temor declarado, o "medo da morte" e o "medo de sentir medo", é possível pensar que o envelhecer e a noção de finitude suscitam, entre outras coisas, um sentimento ameaçador, que deixam emergir "tristezas", fragilidades, que Safira, em sua anterior racionalidade, evitava: "Eu não estou gostando desse efeito".

Mais uma vez, sua narrativa deixa a impressão, na forma como é construída, que a compreensão de suas emoções atuais, até por serem emoções que repele, é uma compreensão rápida, sucinta. Segue dizendo: "Parece, você vai ver, uma luta comigo mesma, mas foi depois que eu entrei na menopausa. Você vê, até para falar eu já me emocionei, né, e eu não gosto, num...num queria, mas acho que eu vou sair dessa. Eu vou fazer

tratamento, vai dar certo, eu vou sair de tudo isso. "Vislumbra que será "uma luta comigo mesma", mas a associação é feita com a entrada na menopausa, com algo mais na ordem do fisiológico, e quando fala em fazer um "tratamento", refere-se a um acompanhamento médico, a um tratamento de seu corpo que, presume, a livrará de todos esses sentimentos incômodos.

TURMALINA

Turmalina tem 54 anos, é do interior do Paraná, é separada, tem um filho, cursou o segundo grau incompleto, atualmente trabalha como governanta e tem um namorado.

Do ponto de vista de Turmalina, o admirável é a mulher "que vai à luta", é uma mulher que não é dependente e que tem voz ativa com relação à própria vida.

Ao falar sobre a expectativa das pessoas quanto ao comportamento da mulher, Turmalina trouxe a própria experiência de mulher separada que sentiu-se vigiada em seu comportamento. Aqui, situam-se alguns pontos interessantes, coloca que ao se separar, tendo que resolver a questão de trabalhar e também cuidar de seu filho, aprendeu como montar uma pré escola e montou: "...arrumei professores e tudo o que era necessário, pra criar minha criança comigo e ajudar as outras mães também...foi ótimo!" Há, em um primeiro momento, a preocupação em criar o filho junto, perto, que se repete mais adiante, que associa-se com outra idéia que é a de ser digna de

si mesma e há, também, um esforço muito grande de mudança na estratégia de sobrevivência que é a criação da pré escola, impulsionada pelo conflito emergido, após a separação, entre cuidar do filho e, ao mesmo tempo, trabalhar fora em busca da subsistência. Quanto ao policiamento que a mulher separada torna-se alvo, coloca que através desta solução, angaria também, pelo mesmo recurso, a admiração das pessoas de seu convívio, pois não “soltou” a “criança na mão de ninguém”.

“A mãe tem que ser mãe, uma mãe que deixa o filho, por causa de um homem, eu acho que ela não tá sendo digna dela. Ou uma mãe que dá o filho pra alguém, mesmo com toda a dificuldade, eu acho que ela não é digna dela, porque eu jamais deixaria a minha criança por causa de qualquer tido de relação, não deixaria nunca!” Esta idéia de ser “digna” de si mesmo, que vem primeiramente associada à maternidade como um forte compromisso na assunção e criação do próprio filho, é então associada à feminilidade, à coisa de mãe e não de pai, quase que um dever feminino. Persequindo esta idéia de “dignidade”, Turmalina dá a entender que a mulher, assim como ela mesma, muitas vezes precisa sair e trabalhar, em busca da subsistência e nestes casos considera a possibilidade de deixar o filho com uma avó ou numa instituição como a que ela montou e isso não é “indigno”.

O que, aparentemente, é “indigno” para Turmalina é o abandono dos filhos, a mãe não assumir o compromisso de criá-los, e menciona a própria mãe que apesar de viver forte dificuldade financeira, atribulações com o marido, manteve os filhos junto a si.

Mas há mais sobre esta dignidade, prossegue dizendo sobre sua mãe: "Ana dá essa, você tem tantos, dá esse, dá essa. Imagina! Então uma vez ela saía de manhã, ela fala agora, que a gente é criança a gente não sabe, não tinha o que fazer no almoço sabe, mas só que ela voltava, lá estava nossa comida. Eu nunca posso falar que sofri desse lado, porque não, nem eu, nem meus irmãos. Então eu acho que a mulher, ela tem que ser digna dela mesma, não é pra você me ver que eu tenho que ser, é por mim." Aqui, é interessante a parte final da narrativa em que explicita que tudo isso que está implicado na tarefa feminina, materna, até como um dever, é também situado como uma satisfação pessoal, um ganho pessoal, diluindo, de certa forma, o sentido de dever que é exigido pelo senso comum "não é pra você me ver que eu tenho que ser".

E também retirando um sentido unívoco de obrigação no cuidado com o filho, uma vez que não é apenas por este, e sim, também, para algo que se adquire para si mesmo "(...) é por mim". Quando perguntada se isto não seria uma auto-exigência, reitera: "É por mim". Também é perguntado se a sociedade exige isso, ou outra coisa, da mulher, diz: "Não... Eu acho que cada um tá na sua agora, faça da tua vida o que você quiser, só que você que tem que olhar pra você, ninguém gosta mais de você do que você mesma. Então é isso". Novamente o foco em si mesma, considera que a sociedade coloca cobranças, mas que estas, em última instância, são inconsistentes, salvo, diz, quando há dano concreto, por exemplo, financeiro. Ainda sobre essas exigências sociais, refere-se também a um tipo de comportamento feminino, que falaremos mais adiante, mas, sobre si, diante

destas exigências, diz: “Não acho nada, não me importa muito”, “Não, não me importa isso”. O que reforça aquela idéia de estar centrada em si mesma, ter dignidade para si mesma.

Quando fala sobre a vida da mulher, conjectura sobre a mulher que está submetida ao casamento, que se encontra inserida no âmbito doméstico, com marido e filhos e considera ser esta uma condição de muito esforço sem o reconhecimento deste por parte dos familiares, “acha que ela faz parte daquele movimento”. Distingue sua própria experiência no que se refere a este panorama.

Mas é importante sublinhar que ao falar desse movimento, que é um movimento doméstico, no interior da família, dá a entender que é um movimento que a própria mulher se vê mergulhada, submetida, e, diz: “(...) ela sai prejudicada com isso”. Contudo, faz o contraponto: “E se ela sai fora, não que ela deixou a casa dela abandonada, mas ela tá atenta a outro movimento, agora ali não (...) ela tem que tá ali atenta... então eu acho que a mãe é uma chave dentro da casa, você tem a consciência absoluta. Só que eu não acho certo que eles exige tanto daquela mulher, você concorda?”

Ao sair de casa, a mulher fica “atenta a outro movimento”, percebe outro movimento. Parece correlacionar este mergulho no movimento doméstico a uma vida vinculada ao outro e não a si mesmo, “ela tem que fazer os afazeres da casa, esperar o marido chegar, quando ela tem o marido e... e pronto”.

Há, sim, uma “chave”, mas ter “a consciência absoluta”, inserida neste âmbito das “exigências”, faz com que se perca outro movimento, possivelmente, o movimento de saber de si.

Sobre as diferenças que vê entre homens e mulheres, diz: “... eu acho que os homens são mais livre e as mulher tem que ser, tem que ser mais retraída”, por outro lado, prossegue mais adiante: “Uma mulher vive sem sexo um determinado tempo. Uma mulher fica sozinha se o marido dela morreu, ela sabe lavar a roupa... agora, os homem, já também aprenderam um pouco, mas eles, os homem nasce pra ser dependente da mulher. Ele tem uma mãe, depois ele tem uma namorada, depois se ele não tem nem uma, nem outra ele arruma uma empregada, quando ele pode. Então os homens são muito homem pra andar a noite, pra viver a vida... Mas eles não são quase nada perante esse ponto de vista meu...” Se, a princípio, marca a diferença que há entre mulheres e homens dizendo serem estes possuidores de uma liberdade, há também uma espécie de aprisionamento que refere, uma “dependência” que os homens têm da mulher, e aqui, talvez, seja possível perceber algum significado da idéia de “chave” que a mulher, mãe, possui “dentro de casa” que se, por um lado, nos remete a idéia de um estar trancado, fechado (naquele movimento doméstico), pode trazer também a idéia de uma ferramenta, um instrumento de decodificação que parece estar no saber cuidar do outro e no controle. Por outro lado, quando fala da dependência dos homens em relação às mulheres talvez seja porque estes últimos não possuem esta “chave”, não sabem o “enigma” do cuidar, que é aplicável a si mesmo, relativizando, assim, a liberdade que diz possuírem.

Por fim, as seguintes falas: “E eu acho que é... quando existe a química perfeita, eu acho que não tem coisa melhor...Os homem fala sobre isso mais mesmo, as mulheres, bom, as mulheres digo eu, porque as que, elas não são muito de falar, agora falam, né?”. E acrescenta: “(....) porque tem coisas que você não fala, depois você é mais livre pra falar, tem coisas que você não aceita, assim, em si, por exemplo, falar pra uma pessoa te amo, nossa! Isso é tão assim, imagina que eu vou falar, vai ficar pensando que eu tô gamada nele.... E agora depois que você tá madura, não tem muito esse lado assim... Sentiu”, fala.

Turmalina parece se referir a um desprendimento, a possibilidade de sentir e de falar, da mulher e dela mesma, que veio com o tempo. Em seu caso, a separação marca uma posição na sua história, deste desprendimento, de ruptura quanto ao mito do casamento que lhe desvela a possibilidade de ser para si mesma. A conquista que relaciona com a vida adulta, inserida em uma condição de maturidade, pautada na experiência, abre a possibilidade de se relacionar a dois enquanto sujeitos separados, individualizados, resignificando o cuidado feminino, centrado na figura humana, no cuidado com o outro e consigo mesma.

TURQUESA

Turquesa tem 52 anos, é de origem nordestina, solteira, sem filhos, com o primeiro grau incompleto, trabalhando atualmente como overloquista e está namorando há, aproximadamente, um ano.

Turquesa possui um traço de retidão, de princípios, com os quais dirige sua vida e que lhe dão forças em momentos críticos. Muito semelhante ao tipo de mulher que admira: “O que eu admiro muito (é) a mulher trabalhadeira, a mulher direita, trabalhadeira, cumpre, pra cumprir com seus deveres e ser uma pessoa honesta em tudo, admiro muito, pessoa assim...”.

Teve seu primeiro relacionamento sexual perto dos trinta anos de idade com um rapaz com quem ia se casar. Este noivo teve um relacionamento com uma garota, menor de idade, e a engravidou. Ao saber disso, pelo próprio noivo, Turquesa relata que disse: “Eu escutei tudo, tudo, tudo que ele tava falando. Daí quando ele terminou, aí eu falei, ‘olha, eu sinto muito porque eu gosto muito de você, e acontecer o que aconteceu foi uma prova de amor que eu te dei, mas acontece que você pode casar com ela, tem o direito de ficar com ela. Se isso tivesse acontecendo comigo eu gostaria que você casasse comigo, se está acontecendo com ela, seja feliz com ela””. Esta narrativa parece ilustrar os princípios que Turquesa adotou para sua vida e que a ajudam em momentos frágeis, mas que não são inflexíveis, afinal, Turquesa teve relacionamento sexual antes do casamento, apesar disto não ser condizente com sua formação. De um ponto de vista mais subjetivo, Turquesa parece desvencilhar-se de um sentimento de rivalidade, de um lugar de ressentimento, com relação à garota que engravidou de seu noivo e dele próprio. Parece investir-se de algum princípio que a faz posicionar-se no lugar do outro, e que se, por um lado a

impedem de reclamar seu próprio lugar, também não parece deixar aí depositado algo irremediavelmente dolorido, ressentido.

Ainda sobre estes princípios que a norteiam, diz logo no início da entrevista, sobre filhos: “é... acho que sou careta nessa parte, eu queria, se eu tivesse um filho eu queria que meu filho tivesse um pai, que eu fosse casada, entendeu?”. No entanto, mostra, na fala a seguir que não adota essas idéias como regras imutáveis: “não sou contra... hoje talvez poderia ter (....)”.

De todas as entrevistas realizadas, essa trouxe uma peculiaridade: é a única que usa o espaço aberto, oferecido ao final da entrevista, para que a entrevistada fale o que desejar, e ocupa este espaço quase com uma reivindicação, Turquesa diz: “a única coisa que eu queria é assim, eu sempre procuro saber, que sempre isso me atormenta é esse negócio que eu te falei”. Se refere aqui, ao fato de não sentir orgasmo na relação sexual com seu atual namorado e associa isso à entrada na menopausa, já que, diz, viveu essa experiência em outros relacionamentos que teve. De todas as maneiras, isso parece apontar para o fato de que Turquesa não coloca suas questões sobre si mesma, ou sobre sua feminilidade como questões fechadas, como assunto encerrado. Ao contrário, mostra que permite que suas questões íntimas surjam e a inquietem, além de empenhar-se em uma busca, no sentido de mexê-las, uma vez que formula uma demanda.

5. UM FEMININO IDEALIZADO

Em seguida, correspondendo a leitura horizontal dos discursos, a análise levou em conta cada entrevista em particular, e a partir de reiteradas leituras foi possível arrolar os principais temas emergidos, formulando-se, assim, as categorias empíricas que são o objeto das próximas reflexões.

As mulheres entrevistadas viveram sua juventude em um contexto complexo de transformação política, econômica e social. Nos anos sessenta, a emergência do feminismo vem influenciar as formas pelas quais se pensavam estas transformações, posteriormente questionando a naturalização da divisão sexual e divisões correspondentes e a hierarquização entre os sexos.

“Parece-me possível afirmar que o feminismo contemporâneo em sua trajetória realizou uma conquista fundamental (...) ao instituir as mulheres com um sujeito político do processo de transformação social (...) Considero que essa é, com certeza, sua grande contribuição histórica para o movimento das mulheres no geral, uma vez que a construção desse sujeito produziu uma ruptura com a heteronomia do que se denomina condição feminina (...)” (ÁVILA 2002; p.128).

Para a mulher, a possibilidade de um maior acesso à educação e às atividades profissionais, políticas e culturais passa a ser uma realidade relativamente tangível: relativamente, porque o acesso concreto a esses espaços não se apresenta enquanto oportunidade (inclusive de mobilidade social) de forma igual para todas. No entanto, nessa conjuntura redefiniam-

se práticas dos papéis masculinos e femininos produzindo rupturas em relação à forma de pensar e se comportar da geração imediatamente anterior, ou seja, dos pais das entrevistadas, nas quais estes papéis possuíam delineamento muito mais claro e definido.

Desta forma, ao serem indagadas sobre o que consideram admirável em uma mulher, as entrevistadas trazem algo que parece designar uma capacidade de lutar, desprendida de uma dependência do outro para as coisas que se relacionam à própria vida.

ÁGATA

... forte de...de natureza forte. Hãã... que vai ... batalhar as coisas, entendeu, pra conseguir... (...) são pessoas que vão á luta e...é, é , esse tipo de mulher forte que eu falei, é isso...

CRISTAL

Uma abertura de consciência. Dizer que nada é culpado. A gente faz a própria vida.

JADE

Deixa eu ver...não, eu acho, mulher, toda mulher tem que ser independente...

ESMERALDA

(...) eu admiro uma mulher quando ela se, se, se harmoniza e se realiza profundamente, sabe, tanto materialmente, fisicamente, emocionalmente, eu acho que é o todo (...)

TURMALINA

Eu? A que vai à luta... sabe, que não tem medo de encarar a dificuldade e as que sabe viver por elas mesmo (...)
(...) mas se você tem que ir à luta, você também tem que comandar, não é?

ÔNIX

...Sei lá, bonita, pra frente assim, sabe? Sei lá, acho assim.
Esse pra frente quer dizer... Sei lá, lutadora.

RUBI

Admiro a mulher que tem coragem de jogar tudo pro alto...

TURQUESA

Admiro a mulher inteligente, trabalhadora.

“Luta” é a idéia mais trazida, seu sentido pode ser o de batalhar (as coisas) para (se) conseguir, não ter medo das dificuldades, saber viver por si mesma, e, também a possibilidade de comando. As outras menções falam do fazer “a própria vida”, de independência, de estar “plena” em seu momento, buscando realizar-se em vários aspectos.

Todas as menções parecem ter em comum uma postura ativa diante da própria vida, uma concepção não tão comum em épocas onde as atribuições femininas cerceavam o limite das possibilidades de ação, principalmente em função do âmbito privado, comumente sob o jugo do marido, estivesse ou não a mulher satisfeita com suas condições de vida.

Em algumas entrevistas, podemos perceber uma fala de identificação das narradoras com o que consideram admirável em uma mulher:

ÁGATA

... forte de...de natureza forte. Hãã... que vai ... batalhar as coisas, entendeu, pra conseguir... (...) ... mais ou menos como eu sou, sabe, na verdade.

CRISTAL

(...) ...Seria uma mulher talvez, vamos dizer citando meu caso né, trabalho, tenho algo que eu goste, gosto da minha casa, gosto dos meus amigos, gosto do que eu faço, gosto do... do que eu tenho, satisfeita com o que eu tenho, os meus alunos

JADE

(...) eu sempre fui...sempre fui...a privacidade minha é assim, o meu espacinho eu sempre fiz questão de preservar...

ESMERALDA

E hoje eu tô vivendo o que não pude viver quando era menina... Fazer tudo o que eu quero por amor, sem me preocupar com, com a insegurança digamos assim né, e eu sei que se eu, o que a pessoa vai dizer de mim não está me importando, se eu cheguei à meia-noite, se eu cheguei a uma, se eu dormi com alguém, se eu não dormi, se eu... O que eu quiser fazer... Então isso é legal, é uma liberdade muito legal.

TURMALINA

Talvez por isso que eu não conseguia viver com o marido, depois tive um outro parceiro dois anos, mas não dá, depois que você sabe viver sozinha, assim, lutar, aí você não aceita que as pessoas (...) se você tem que ir à luta, você também tem que comandar, não é?

Portanto, aquilo que admira em uma mulher, concernente à idéia de força, liberdade e independência é reconhecido em si mesma, indicando uma transgressão do movimento de acatar e obedecer, incluído no discurso sobre uma natureza feminina.

Essa admiração que possuem pode ser relacionada a uma admiração (eventualmente, a uma vivência) da concepção de ação arendtiana: “Agir, no sentido mais geral do termo, significa tomar a iniciativa, iniciar (...) imprimir movimento a alguma coisa. Por constituírem um *initium*, por serem recém chegados e iniciadores em virtude do fato de terem nascido, os homens tomam iniciativas, são impelidos a agir” (ARENDDT 1981; p.190)

Também remete a uma admiração pela assunção do controle da própria vida, que faz-se mais evidente ao contrapormos aos fragmentos onde falam sobre o que não é admirável em uma mulher:

ÁGATA

Aquela que é muito dependente. Mulher muito dependente, principalmente de marido, que se... humilha e deixa o marido tomar conta, este tipo de mulher eu não gosto. Eu acho que a mulher tem que ter opinião própria, mesmo casada ela tem que ter opinião própria

CRISTAL

Sem dúvida, insatisfeita com a própria vida, seja lá qual for (....) Passiva, com a vida, fechada, um... eu diria né, eu posso até um pouquinho mais, nesse sentido em relação a mim, a pessoa que está pensando cartesianamente, linearmente, a vida é só isso aqui, a vida me faz isso, ai não sei o quê, e reclama, aquela que não abre um pouco a visão, busca novos horizontes uma espiritualidade né?

JADE

Ah! Dependente, lamuriosa, que fica se queixando da vida, se queixando de tudo, que... não tem iniciativa, fica dependente...

ESMERALDA

(...) você às vezes tem que ter mais paciência para não peitar aquela mulher ou aquele homem que ainda não cresceu, que ainda tá entregue assim, a uma frustração, aquela mulher deprimida, que não vai a luta, que...que não cresce né? Que fica esperando o que a vida pode dar alguma coisa e... De uma certa maneira, digamos assim, muito submissa demais, né, digamos assim. E tem como melhorar, mas eu também já estou aprendendo a aceitar, eu era muito grilada com essa história, mas..."

TURMALINA

Eu, em si, eu só vejo essas mulher que não tem muita disposição, eu não, acho que não é legal pra elas...é ruim pra elas...Não é que eu vejo assim, desprezo, não!

Aqui fica claro o incômodo provocado pela postura passiva da mulher, da mulher lamuriante, cheia de queixumes, diante da vida que não a satisfaz. Reforça-se a indicação da importância do esforço, da "luta", para não fixar o lugar de vítima e de submissão. Lugar este constituinte de um

princípio construído do feminino, como nos aponta BOURDIEU: “(...) do mesmo modo a submissão feminina parece encontrar sua tradução natural no fato de se inclinar, abaixar-se, curvar-se, de se submeter (o contrário de ‘pôr-se acima de’), nas posturas curvas, flexíveis e na docilidade correlativa que se julga convir à mulher” (BOURDIEU 2003; p.38).

Por outro lado, as duas últimas falas trazem algo na ordem de uma “aceitação” desta postura, por vezes, adotada pela mulher: “(...) só vejo essas mulher que não tem muita disposição, eu não, acho que não é legal pra elas...é ruim pra elas...Não é que eu vejo assim, desprezo, não! (...)”. A seguir apresenta uma crença ambígua da “natureza” das pessoas para justificar o fato de não desprezar as mulheres passivas: “Porque cada um tem sua natureza, e a natureza não se muda. Alguma vez a pessoa pode mudar por necessidade, alguma coisa a mais, mas se você é uma pessoa que tem a sua natureza, você não muda (...)”. Muito embora Turmalina parece se referir a um aspecto pessoal, e não de gênero, (acrescenta adiante: “que nem, trabalhei treze anos numa pré-escola, você vê, tinha os manso e tinha os que gostava de morder, ninguém ensinou ele a morder, mas ele gostava”), ainda assim traz uma idéia de “natureza”, marcando comportamentos.

Esmeralda traz a outra narrativa de aceitação da postura passiva da mulher diz: “(...) mas eu também já estou aprendendo a aceitar”. Esta entrevistada conta como foi difícil compreender a dependência de sua mãe e o estado de sofrimento e fragilidade em que ficou quando seu pai foi embora, sofrimento que a entrevistada compartilhou. Conta que sua mãe

não sabia como sobreviver, como ganhar dinheiro, quando a entrevistada, “uma menina“, começa a trabalhar. Mas, diz: “(...) minha mãe foi uma pessoa assim e me deixou coisas maravilhosas (...)”. Na sua vida, relata, o trabalho representa uma sustentação do ponto de vista objetivo e subjetivo, uma força que possui para enfrentar dificuldades de sobrevivência e também um espaço de possibilidades para elaboração de conflitos, de projetos, de abertura de novas possibilidades de vida. Compreende que a sua mãe tinha essa força depositada na maternidade:

ESMERALDA

“Dentro dessa possibilidade que ela teve ela conseguiu ter nós dois, filhos, nos braços dela, então, eu respeito pela maternidade, quer dizer, a mulher, embora ela possa ser depressiva, desagradável, chata alguns momentos, ela, alguma coisa ela tem que segura a vida dela, o coração dela, no caso, minha mãe, fomos nós (...)”

É esse respeito que lhe dá a compreensão, a aceitação da mulher que, assim como sua mãe, é frágil, aparentemente passiva, mas que revela também uma força:

ESMERALDA

(...) força positiva da mulher (...) uma força, vamos dizer assim, de, de, de mãe mesmo (...)

Nestes últimos recortes, soam ecos de um pressuposto biológico que promove, ao mesmo tempo, um valor natural e social da mulher propondo o amor materno como inato à natureza feminina. “Mas essa linguagem da natureza, que se acredita trair o mais oculto e o mais verdadeiro ao mesmo

tempo, é, de fato, uma linguagem da identidade social, assim naturalizada (...)" (BOURDIEU 2003; p.80).

Como diz BADINTER (1985), primeiro a mulher há que ser mãe, depois há que amar infinitamente seu filho e isto é um dos propulsores da natureza para a preservação da espécie e do bom encaminhamento da sociedade. Cotejando CHODOROW (1990), os cuidados maternos, são vistos sob um ponto de vista biológico que se explica em si mesmo: "(...) aquilo que parece universal é instintual, e aquilo que é instintual, ou tenha componentes instintuais, é inevitável e imutável" (CHODOROW 1990; p. 30).

Essa atribuição feminina, o cuidado dos filhos, atrelada às bases biológicas assim como o pendor para a fragilidade, a submissão, e o sentimentalismo, divergem entre si ao considerarmos o contexto de condições adversas que grande parte da população feminina enfrenta na responsabilização pelos filhos. Segundo CARVALHO, há uma crescente expansão do fenômeno chefia feminina e este está associado a diferentes causas históricas, econômicas e sociais, mas que é (...) "em grande parte associada ao potencial que as populações vivendo nestas circunstâncias têm de estarem submetidas às situações de maior pobreza e vulnerabilidade econômica" (CARVALHO 1998; p. 84).

Esta realidade, de responsabilização plena pelo filho, que se mantém e é vivida por algumas das mulheres entrevistadas enquanto mães e, particularmente, por Esmeralda, enquanto filha e mãe, pode conceder, em um interstício mais singular, uma conciliação com o jeito passivo e dependente de sua mãe, que também experimentou esta circunstância,

muito embora, encaminhamentos diferentes foram dados. Mas, mais que isso, talvez insinue uma negociação entre diferentes significações de feminilidade que coabitam na subjetividade desta e possivelmente de outras mulheres.

Algumas mulheres, ao relatar a situação de separação vivida, contam como, à época, com filhos pequenos, viram-se sós diante das necessidades de sobrevivência e da responsabilidade pelos filhos. Essa inquestionável responsabilização pelas crianças, vivida do ponto de vista social e pessoal, torna a apresentar a naturalização do papel atribuído à mulher e cria um conflito entre uma antiga e uma recente construção da feminilidade. Ou seja, entre aquela caracterização que descreve uma mulher submissa, dependente, inserida na tentativa de reprodução do modelo burguês de família e da mulher trabalhadora, independente, senhora do curso de sua vida, sem companheiro, eventualmente chefe de família. Nestas construções, há ao menos um elemento que permanece e é gerador de um conflito: a função materna.

A idéia de força que pode ser traduzida por uma postura ativa diante da vida, trazida pelas entrevistadas como algo admirável em uma mulher, pode fornecer uma pista interpretativa do trabalho de negociação deste conflito. Apesar da presença do núcleo conservador que referendam as atitudes e o amor maternos ao domínio do instinto, a idéia de força é apreendida das duas construções de feminilidade. A admiração pela mulher lutadora, ativa, funciona ao mesmo tempo como instrumento de valorização do legado das funções maternas, e valorização da mulher que, diante das

dificuldades contemporâneas também adota uma postura ativa, de luta. Uma negociação que legitima a condição de transição dessa mulher, e faz-se necessária não apenas para justificar uma postura da geração imediatamente anterior, de suas mães, mas principalmente porque é vigente para esta mulher que experimenta o conflito provindo de ressonâncias diversas sobre o papel feminino.

A seguir, alguns fragmentos que trazem valores relacionados ao ser feminino:

ÁGATA

(...) eu não acho uma mu- bonito uma mulher jogar futebol, né... uma mulher operária de braçador (?), mesmo assim, né, vai ficar meio... então eu acho que... eu também tenho um outro lado meu machista (...)

A mulher tem que ser feminina...hã, porque, às vezes é difícil pra eu falar porque como eu vivi muitos anos sozinha eu tive que fazer o papel de homem e de mulher, entendeu? Mas a mulher ela -tem - que -ser- um pouco independente do marido em tudo, mas assim, umas frescuras assim: "ah, troca a lâmpada pra mim... num sei quê..." sabe? Esta é a parte feminina da mulher, né, a mulher... faz essa parte (...)

JADE

Independente economicamente, independente também assim, madura, do ponto de vista psicológico, emocional né...que é afetiva, que mais, é...

ESMERALDA

Uma mulher feminina, meiga, uma mulher atual, cuidada... (...)

ÔNIX

...Sei lá, bonita, pra frente assim, sabe? Sei lá, acho assim.

RUBI

Ah! Eu gosto muito da, da Re, Regina Duarte, acho ela...

Acho ela meiga... muito... como se diz... ela, todos os papéis dela são francos.

Ela não gosta de trabalhar com falsidade, acho muito bonito.

A idéia de independência permanece nas duas primeiras falas, acima mencionadas, na primeira, no entanto, o lugar comum da mulher inexperiente e frágil é agregado à independência para caracterizar uma atitude feminina, como se, para ser possível o reconhecimento da feminilidade, pelo homem e por ela mesma, fosse necessário resgatar um padrão de comportamento. Talvez por isso que “(...) a mulher (...) tem que ser um pouco independente do marido em tudo”, mas não *toda* independente do marido, se não como será possível perceber sua porção feminina? Nesta mesma fala também é trazida a idéia denominada pela própria Ágata de “machista” de que há atividades e trabalhos que não são para a mulher. Estes dois últimos aspectos nos remete à “eficácia simbólica” dos “ritos de instituição”: “Eles (os ritos) se inscrevem na série de operações de *diferenciação* visando a destacar em cada agente, homem ou mulher, os signos exteriores mais imediatamente conformes à definição social de sua *distinção* sexual, ou a estimular as práticas que convêm ao seu sexo, proibindo ou desencorajando as condutas impróprias, sobretudo na relação com o outro sexo” (BOURDIEU 2003; p.35).

A segunda narrativa, semelhante à primeira, fala também de independência, mas há uma passagem gradual (econômico, psicológico, emocional, afetivo), dando a impressão de um abrandamento ou mesmo de

uma polifonia, que vai de independência econômica para maturidade psicológica, emocional, até ser afetiva.

Nas falas posteriores a estas duas também encontramos, concomitante a idéia de “mulher atual” e “pra frente”, elementos deste lugar comum: meiguice, beleza, sinceridade.

Estas descrições de mulher, por um lado, reafirmam padrões conservadores, resgatando um personagem-tipo que representa a mulher bela, meiga e inexperiente, tão comum em teatro, cinema, novela de rádio ou de televisão, principalmente para a faixa etária deste grupo de sujeitos, por outro lado, dá mostras de um posicionamento não tão conservador, um posicionamento que não é unívoco deste padrão. Podemos pensar que esta fácil e, freqüentemente, automatizada inserção do domínio da mulher no campo sentimental, possui também algo de afirmação deste domínio. Pode significar importante apropriar-se deste domínio, designado às mulheres durante muito tempo e que, por isso mesmo, forma aptidões de penetrante finura, como por exemplo, uma capacidade de compreensão de gestos, olhares, uma sensibilidade apurada a comunicações não verbais.

Além do trânsito no campo sentimental, um trânsito no campo racional também é admirado:

ÔNIX

Admiro a mulher inteligente, trabalhadora.

Que, que é uma mulher inteligente? Eu acho assim... mulher inteligente...Mulher que estuda, viaja, cuida de empresas...

SAFIRA

(...) ...conseguindo mais vitória.

E o maior exemplo é a prefeita, a gente teve uma já, a Erundina, e a Marta, agora. São inteligentíssimas. Tá aí a outra candidata, como é, a Roseana. Ah, eu acho elas, fico muito orgulhosa, assim, feliz, quando eu sei de um feito de uma, uma mulher, né...

A inteligência parece ser vista como reflexiva de um poder (poder de estudar, viajar, cuidar de empresas), na capacidade de conquista de um alto cargo público ou na candidatura para tal. Se, em um certo aspecto há uma idealização e fixidez do que se pensa sobre inteligência, podemos pensar que sendo a designação desta inteligência condicionada a uma espécie de visibilidade social e movimentação em uma esfera pública padronizada, comumente e em sua maioria (no caso de empresários e políticos) ocupada por homens, é admirada e exultada a efetividade de mulheres neste lugar.

7. DE MULHERES E DE HOMENS

Sem a pretensa busca de um momento preciso, original, das transformações que levaram à configuração contemporânea do convívio entre homens e mulheres no espaço público, fato é que, só muito recentemente aconteceram transgressões de uma ordem bastante antiga, circunscrita ao estabelecimento de um mundo masculino, de trabalho remunerado e valorizado no espaço público e de um mundo feminino, no âmbito da casa, marcado pelos fazeres de seu funcionamento e pelos fazeres nas relações íntimas.

Há, hoje, um evidente convívio de homens e mulheres no espaço público, o que não significa a eliminação de diferenças nas inserções e nas formas de inserções no mundo público, para os homens e para as mulheres, mas significa uma transformação das relações entre todos, tanto no mundo público quanto no mundo privado.

Vejamos como se dá, a percepção destes movimentos de transformação e de permanência, a partir das falas trazidas.

RUBI

(....) ...Porque os homem acha que é homem, né?

(....) ...Agora, o homem pensa assim, eu pus arroz com feijão dentro de casa, ela não pode reclamar de nada né, aí pronto.

Descaradamente e fica, e fica, né. Aí chega em casa, acha que chegou o chefão, a mulher tem que tá alegre e feliz né, receber com toda as honras merecidas, que ele acha que tem né. Só que quando ele saiu, as honra foi embora com ele né (risos). 'cê entendeu?

ESMERALDA

(...) digamos assim, a minha filha e o seu namorado. Eles querem casar, vamos dizer que eles estejam simbolizando a sociedade. Certo? Então a expectativa de todos e até a minha é que eles tenham um comportamento homem e mulher, marido e mulher(...)

ÁGATA

Eu acho que o mundo ainda tá muito machista, sabe (...)

SAFIRA

(...) porque homem brasileiro, sul-americano, ele é machista (...)
Ele sabe mais, ele é mais inteligente, ele é mais forte, eu posso isso e eu posso aquilo (...)

TURMALINA

(...) eu acho que os homens são mais livre e as mulher tem que ser, tem que ser mais retraída.

TURQUESA

(...) homem exige as coisa (...)
(...) mas o homem ainda, acho que ainda tem um preconceito ainda (...)

CRISTAL

É tão confuso né, porque a nossa sociedade é muito Yang, é muito machista ainda, então é aquela coisa da... do pensamento muito lógico... (...)

Os fragmentos de discurso acima não se estendem em explicações, falam de um mundo “machista” ou de comportamentos específicos para homens e mulheres, como se falassem de algo de caráter óbvio, de rápida e “natural” compreensão. BOURDIEU esclarece este ponto: “A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificação: a visão

androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem legitimá-la” (BOURDIEU 2003; p.18).

Mas, é curioso notar, as falas se referem a uma consciência masculina ou social sobre uma supremacia masculina, mais do que uma aquiescência de quem discorre, muito embora, também não haja uma oposição contundente. Rubi acrescenta um pouco mais sobre isto:

RUBI

Eles acham que querem ser homens, que podem fazer tudo que, que nada deles pega, mas pega sim, fica feio pra eles...Muito tipo...

Eles acha que por causa de ser homem pode namo-, ficar com dez, cinco mulher e não fica com porra nenhuma...né?

Não tá funcionando não. Bobo deles que acha que funciona, que não tá funciona

Não. De jeito nenhum...Porque eu acho que num relacionamento tem que ter res, é...eu acho que, acima de tudo, tem que ter respeito, se não tem respeito não tem mais nada...

Que, no meu entender respeito é isso, é o modo de tratar a mulher bem.

“Eles acham que (...) podem fazer tudo”, diz Rubi, mas “não (...) funciona”, mesmo quando a tentativa é afirmar um lugar masculino estereotipado, como o de poder ter várias mulheres. Turquesa usa também a expressão “pega” (que veremos a seguir), assim como Rubi, para, aparentemente, falar que o que vale para a mulher, quanto a uma possível regra de conduta, ao menos em um relacionamento a dois, também deveria valer para o homem. Mas esta colocação esbarra em uma convicção

masculina, enunciada aqui por mulheres, que dispensa argumentações deles e delas.

TURQUESA

Por exemplo, se tem uma pessoa...ah, começa a exigência, um casal de namorado, o rapaz, ele pode, eles fala em homem não pega nada, homem não sei o quê... Eu acredito que pega. Mas ele exige da mulher, por exemplo: se a namorada, se ele vê a namorada com outro homem ele já vai pensar que é namorado, que tá paquerando que é isso e aquilo, então ele tá exigindo aquilo da mulher embora ele não faça o mesmo. Mas que ele tá exigindo, ele exige. Então eu acho que é aí é por esse meio que vai começando a exigência e no fim o homem é danado e exige tudo da mulher, que a mulher também tem o direito de exigir também. Embora exija as coisa, mas num... às vezes não é correspondida.

Sobre este poder, diz Rubi:

RUBI

Antigamente podia ser (risos) até... agora os homem hoje, ah, Deus me livre e guarde! (...) ...e eles lá acha que tá com tudo e não tá nada porque, eles se sentem tão homem, tão independentes, que eles estragam a independência deles, eles mesmo se estragam... eles acham que... querem ser homens, que podem fazer tudo que, que, que dá na telha, que nada deles pega, mas pega sim, fica feio pra eles...muito tipo...

Quando Rubi diz “antigamente”, podemos interpretar que este estereótipo, ou este lugar de poder, este sentimento de superioridade podia “até” (não se tem completa certeza) ser, mas hoje, afirmar-se desta maneira, “fica feio pra eles”, estraga a própria “independência”, porque, será isto independência, ou, ao contrário uma afirmação de dependência? Por outro

lado, não encontramos nas falas um anseio de marcar uma autonomia com relação aos homens. Aqui levanto uma hipótese particularizada à história pessoal de Rubi. Já vimos sobre sua abstenção sexual de longa data devido à, como diz, mágoa provocada pelas traições de seu companheiro. Em recorte acima, diz que em um relacionamento “acima de tudo (...) tem que ter respeito” que é “o modo de tratar a mulher bem”, o que nos leva a crer que sua abstinência pode estar ligada a um desejo de respeito neste relacionamento com seu companheiro.

Sigamos com as falas, agora sobre as diferenças de remuneração entre homens e mulheres:

RUBI

As mulher vai a luta porque a mulher tem esse problema né, a mulher não tem vergonha de sair pra ganhar trinta reais, vinte reais, dez reais, o homem tem...Eu não vou tirar a razão dele também porque é humilhante né, pra um homem sair de casa, ganhar duzentos reais...

A mulher não, a mulher não acha humilhante, a mulher aceita, porque com aqueles duzentos reais ela faz muita coisa, e homem não faz nada. Eu penso assim.

ÁGATA

(...) ...diferença de salário, né, (...)

SAFIRA

(...) eu acho que uma moça, uma mocinha que faz, a mesma idade, 18 ou 19, 20, o moço e a moça, no caso, com a mesma idade, ele ganha 500 e eu acho que ela está ganhando 350,

(...) mesmo executivas, (...) elas recebem sim, um ordenado bem menor, muito aquém daquilo que ela podia, que ela devia de receber e bem menor do que do homem, né, infelizmente, mas é assim.

Parece que não se confia porque é do sexo feminino, não sei! É...
é interessante.

Rubi fala sob o ponto de vista da pessoa que recebe o dinheiro que,
sendo mulher é mais humilde e, sendo homem, mais orgulhoso:

RUBI

Eu penso assim né, sei lá se eu tô errada ou se eu tô certa...
Porque a mulher é humilde e o homem não é né? O homem é
muito orgulhoso, não sei porquê. O homem se sente muito
superior à mulher. E só eles não sabe que tá debaixo da gente,
mas eles não sabe disso, não.

Este orgulho masculino é porque “o homem se sente” muito superior à
mulher, talvez algo advindo de uma formação que o diz superior mais do que
uma explicitamente admitida “natureza” superior, afinal, não se diz que seja,
mas que ele “se sente” superior. Além de não sentir vergonha de ganhar
pouco, com este pouco a mulher faz muito mais coisas do que um homem.
Aqui Rubi parece se referir à capacidade de fazer render uma quantia
pequena, diante das inúmeras necessidades domésticas. Mas, para as três
mulheres citadas a questão da diferença salarial foi pontuada e é uma
questão vigente nos dias atuais.

Segundo DEL PRIORE, as questões de disparidade salarial,
segregação ocupacional, menor participação feminina em associações de
categorias profissionais, entre outras, coexistem com um progressivo, mas
lento, reconhecimento de igualdade de direitos entre homens e mulheres:
“Estudos demonstram, contudo, a persistência de profundas desigualdades
entre os dois sexos: desigualdade econômica, política ou de acesso aos

postos de poder. Entre os casais, a partilha de tarefas ainda é uma doce utopia; as mulheres consagram-se três vezes mais que seus companheiros às atividades domésticas” (DEL PRIORE 2001; p.87).

Para SCOTT, a política é um dos âmbitos onde a categoria gênero pode ser utilizada para a análise histórica: “A alta política, é, por si mesma, um conceito de gênero porque estabelece a sua importância decisiva e seu poder público, as razões de ser e a realidade da existência de sua realidade superior, precisamente graças a exclusão das mulheres do seu funcionamento” (SCOTT 1999; s/p).

Embrenhando o assunto da conexão existente entre vida pública e vida privada, OLIVEIRA, aponta-nos a desarticulação decorrente da rápida e gigantesca migração das mulheres ao universo do trabalho, gerando um impasse para a sociedade como um todo, e não só para as mulheres, uma vez que, argumenta, esta conquista do âmbito público não se fez acompanhar de uma reestruturação que esta nova realidade imprime à vida privada. “Uma desvalorização ancestral do universo privado levou a sociedade a desconsiderar, assim, um dos pratos da balança. (...) O fato de esse contrato social não ter sido revisto impôs às mulheres uma severa aceleração de ritmos e cadências” (OLIVEIRA 2003; p. 21).

Os recortes que tratam sobre este assunto:

RUBI

As mulher quer muito...evoluiu demais atrapalhou tudo... (risos)

Ah... Porque elas tão mais no lugar dos homem né?

(...) o homem não tá fazendo mais nada!

(...) mulher é mais responsável do que homem.

(...) porque a mulher não podia ser aquela coisinha né, mixuruca, só dona de casa, só dona de casa... Só que ela também não deixou espaço muito pro homem né.

Ou sei lá, ou se ele que se acomodou, sei lá que diabo foi, só sei que virou uma bagunça... (risos). Ah, sei lá...

Muito interessante, o fato de Rubi não afirmar uma certeza quanto às causas de uma certa paralisia masculina, diz que ou a mulher “não deixou espaço” ou “ele que se acomodou” como se, afirmar apenas uma das alternativas não parecesse exato, não expressasse seu pensamento com fidelidade, Rubi não fica à vontade para simplesmente imputar responsabilidade à uma das partes e aí, possivelmente, produzir uma posição vitimada da outra, afirma sim, que “virou uma bagunça”.

Vamos ver outras falas no mesmo assunto:

ESMERALDA

E tem essa polêmica toda, essa briga do feminismo, porque a gente tem conseguido essa batalha, tipo: cozinhar, lavar e trabalhar. É um esforço muito grande, mas é assim que a gente é, eu acho...entendeu?

Ah, eu acho que é exigido assim: uma casa em ordem, cuidar do lar... cuidar do marido, até trabalhar pra ajudar com as despesas da casa, entende?

No padrão... Mulher mãe, mulher dona de casa, um monte de coisa...

ÁGATA

(...) são poucos os homens que aceitam, dividir a vida com a mulher, entendeu?

Que é ainda cuidar da casa e dos filhos... tanto que metade do trabalho pra mulher é na...

(...) ...não sou contra a liberdade dela, mas eu acho que a gente ficou na posição do homem. Hoje o homem fica em casa enquanto a mulher vai batalhar. Então essa (?) eu acho que tinha que... ou meio a meio ou ainda a mulher ser ... A mulher tem dois empregos, quando não três, enquanto o homem só tem um.

...Uma responsabilidade maior.

JADE

Então... Mas a mulher por si só, ela tem mais atividade, porque o homem, ele, ele, quando fica só dentro de casa, ele também se vê deslocado em termos de atividades do lar. A maioria dos homens nunca foi acostumado a participar das coisas do lar, não é verdade?

CRISTAL

Então, essa busca, esse nosso mundo que vive muito da energia masculina, que domina essa energia, a mulher quando entra para trabalhar, ela entra com essa energia também, ela esquece, começa a deixar um pouquinho a energia dela feminina, é, a energia não a... o sexo, mas a energia...

Nos fragmentos de discurso anteriores, incluindo a última narrativa de Rubi, contradições são trazidas na percepção de um novo posicionamento da mulher na sociedade. Para Esmeralda, há “conquistas” mas também “exigências”; Rubi diz que a mulher não podia permanecer só dona de casa, aquela “coisinha”, “mixuruca”; Ágata fala não ser contra a nova “liberdade” feminina, mas, ambas, Rubi e Ágata, consideram que a mulher ficou na “posição”, no “lugar” do homem. Cristal fala de uma perda de “energia feminina”, ao ingressar no mundo dominado pela “energia masculina” e Jade fala da contradição do ponto de vista do homem, que se vê “deslocado” no universo caseiro. São falas que podem representar uma tentativa de

equacionar este novo lugar, feminino, no dia a dia, as questões do relacionamento de gênero, com o âmbito social, mas também as questões relativas a si mesmas.

LIPOVETSKY (2000) chama a mulher contemporânea de “terceira mulher”, esta, sob as influências dos ideais modernos, não possui sua existência pautada em função de caminhos sociais e “naturalmente” pré-concebidos como outrora, pelo contrário, as maiores possibilidades de escolha de nossa era propõem uma abertura estrutural e de imprevisibilidade aos destinos e ao destino feminino.

Assim como para todos, as mulheres, na sociedade democrática ocidental, estão sob o imperativo moderno de definir e inventar sua vida, “a terceira mulher é sujeita de si mesma”, no momento em que a abertura de possibilidades vem, em nossa atual circunstância, substituir as imposições coletivas, “a edificação do Si” se dispõe para homens e mulheres.

O que não significa, o autor faz questão de ressaltar, o desaparecimento das desigualdades de gênero e a indistinção dos papéis sexuais, ou seja, a apropriação do destino não estabelecerá uma situação de permutabilidade entre papéis e lugares: “O que se propaga não é a semelhança dos papéis sexuais, mas a não-diretividade dos modelos sociais e, correlativamente, o poder de autodeterminação e de indeterminação subjetiva dos dois gêneros” (LIPOVETSKY 2000; p. 239).

Esse autor propõe, para a compreensão dessa permanência da diferenciação social dos papéis sexuais, por trás de uma aparente permutabilidade, atentarmos, sob os ditames da inscrição moderna e pós-

moderna, para a diferença estrutural conferida na articulação vida profissional/vida familiar pelos dois sexos. Parece haver, para o autor, uma distinção nas construções subjetivas, marcada pelas épocas, quanto a valorização dos espaços e seus fazeres: para o masculino uma disjunção entre o profissional e o doméstico, para o feminino, uma conjunção: “(...) o estado social pós moderno coincide não com a indistinção dos papéis sexuais, mas com a diferenciação sexual da mesma lógica individualista; não é um modelo de reversibilidade entre os sexos que nos governa, mas um *duplo modelo individualista*, reinscrevendo socialmente a diferença masculino/feminino. Em relação à esfera familiar, o individualismo feminino é mais centrípeto que o individualismo masculino. Em relação à esfera do trabalho assalariado, o individualismo feminino é mais centrífugo que o individualismo masculino” (LIPOVETSKY 2000; p. 243).

Diferente de OLIVEIRA (2003), LIPOVETSKY (2000) detecta períodos de valorizações e desvalorizações sociais do âmbito doméstico e vê, atualmente, uma renovação na depositação feminina de esforços e interesses neste âmbito.

Penso que a desvalorização “ancestral” referida por OLIVEIRA (2003), ocorre como um ponto cego social do ponto de vista funcional, ou seja, as lógicas institucionais nas suas diversidades políticas, econômicas, sociais etc, fazem funcionar suas engrenagens sem precisar levar em consideração, desde tempos remotos, o funcionamento do âmbito privado.

Retornando ao pensamento de LIPOVETSKY, este deixa claro que é muito importante na história das mulheres, a ruptura advinda da conquista

do espaço público e do desmoronamento do ideal da mulher no lar, mas, o autor não se alinha aos que defendem a idéia de que as reproduções sociais da diferença são resquícios históricos que o tempo e a dinâmica igualitária se encarregarão de, vagarosamente, eliminar. As mudanças são significativas mas ainda não denotam uma democracia doméstica, e o que chama a atenção do autor é menos uma transformação dos papéis do que sua vigorosa permanência. Para o autor, a preponderância da mulher na esfera familiar liga-se também a uma adesão a papéis: "(...) processos de reapropriação e de construção de si a partir do que é recebido do passado. Em sua relação com as tarefas familiares, as mulheres são também protagonistas, animadas por projetos, estratégias individuais, vontades de criação de um destino pessoal. Para além das lógicas de dominação de um sexo sobre o outro e do peso dos determinantes culturais, é preciso ver no envolvimento doméstico das mulheres um fenômeno em que intervêm uma busca de sentido, estratégias de poder e objetivos identitários" (LIPOVETSKY 2000; p. 253).

Para BOURDIEU, compreender a permanência da estrutura de dominação masculina, que se mantém acima das diferenças substanciais de condições (ligadas a momentos históricos e de posição no espaço social) é preciso uma apreensão verdadeiramente relacional em todos os espaços e subespaços sociais: "É, portanto, sob a condição de manter juntas a totalidade dos lugares e a das formas nas quais se exerce esta espécie de dominação – que tem a particularidade de poder realizar-se em escalas bem diferentes, em todos os espaços sociais, dos mais limitados, como as

famílias, aos mais vastos – que podemos captar as constantes de sua estrutura e os mecanismos de sua produção. As mudanças visíveis que afetaram a condição feminina mascaram a permanência de estruturas invisíveis que só podem ser esclarecidas por um pensamento relacional, capaz de pôr em relação a economia doméstica, e portanto a divisão de trabalho e de poderes que a caracteriza, e os diferentes setores do mercado de trabalho (os campos) em que estão situados os homens e as mulheres” (BOURDIEU 2003; p. 126).

É necessário que, ao observarmos mulheres que atingiram cargos altos, atentarmos para o custo que é pago por este “sucesso” profissional, patente no menor “sucesso” na ordem doméstica e na economia de bens simbólicos; e vice –versa, o maior “sucesso” na casa, guarda por vezes, a contrapartida da renúncia total ou parcial de um maior “sucesso” profissional.

Tanto BOURDIEU (2003) como LIPOVETSKY (2000), estão preocupados com a permanência de algo e, se, ambos concordam que na inscrição das mulheres ao universo privado e familiar há a reprodução do poder social masculino, para o primeiro os papéis sexuais são circunstanciais, na medida que conseqüência de uma produção simbólica impregnado no *habitus* feminino e masculino. Então, aquilo que LIPOVETSKY chama de adesão feminina, em sua relação marcada pela modernidade, com o universo privado e familiar, BOURDIEU chamaria de subordinação às estruturas de dominação.

A pergunta que se coloca é de que forma as escolhas singulares, o arbítrio de cada sujeito se articula à reflexão de BOURDIEU (2003), sobre as

estruturas de dominação e também à reflexão de LIPOVETSKY (2000) sobre a reorganização da condição social do feminino no quadro contemporâneo da sociedade democrática ocidental, uma vez que tento acompanhar, pelos discursos das entrevistadas, as negociações e estratégias que as mulheres, sujeitos do presente estudo, vêm adotando frente às diversas relações, no percurso de suas vidas.

Para BOURDIEU, os papéis sociais são expressões de uma estrutura de dominação simbólica, produto de um contínuo trabalho histórico, estrutura inscrita profunda e fortemente na ordem social, para homens e mulheres, regendo e extraindo da história estas permanências, não obstante as mudanças na condição feminina. Diz o autor: “O efeito da dominação simbólica (seja ela de etnia, de gênero, de cultura, de língua etc.) se exerce não na lógica simbólica das consciências cognocentes, mas através dos esquemas de percepção, de avaliação e de ação que são constitutivos dos *habitus* e que fundamentam, aquém das decisões da consciência e dos controles da vontade, uma relação de conhecimento profundamente obscura a ela mesma” (BOURDIEU 2003; p. 50). Desta forma, as escolhas, ou as decisões da consciência e os controles da vontade estão atrelados a uma ordem social e, por conseguinte, só podem desprender-se desta a partir de uma transformação das condições históricas de produção desta mesma ordem.

Para LIPOVETSKY, os ideais igualitários das democracias modernas têm no interior mesmo de sua cultura disponibilizada a questão da escolha, de forma que as escolhas singulares não afetam as estruturas sociais que as

permitem. As escolhas são marcadas pelas proposições sociais de: condição igualitária, constituição de um projeto pessoal, de ser sujeito de sua própria existência, de expressão e realização íntima, portanto, quando a escolha diz respeito a estas proposições, como no caso da inserção feminina no âmbito público ou do trabalho remunerado, uma manifestação do individualismo pós-moderno e uma manifestação do sujeito se fazem coincidentes e não contestam a ordem social: “A conquista do Eu não pressupõe a recusa das lógicas da ordem e do poder” (LIPOVETSKY 2000; p. 223).

Portanto, a questão da escolha se recoloca ao pensarmos nas possibilidades destas emergirem como reféns plenas de permanentes inscrições, visíveis e invisíveis, que fatalmente se interpõem, e nas possibilidades de emergirem como viabilidade de transformação das condições produtoras destas estruturas.

O presente trabalho se encaminha, com o apoio nas reflexões de alguns trabalhos de ARENDT (1981, 1987, 1995, 2000), para justamente pensar as possibilidades de transformação quando, em um oportuno resgate do título, as “Travessias...”, isso é, na intersecção dos contextos históricos e das trajetórias pessoais, são reveladas potencialidades de mudanças, e, quando o comportamento pode ser substituído pela ação.

Guardarei por ora esta questão para retomá-la no capítulo “Reflexões finais”.

Vamos seguir com os recortes dos discursos:

ESMERALDA

Gente, vamos, vamos falar abertamente...o homem segura a vida pela parte sexual, mais do que tudo. Pelo seu membro sexual. Seja a mãe, seja a mulher, seja a amante, seja a filha, está ligado por essas vias e a gente não pode negar isso. Que são as raízes, que são nossas matérias, que é humano, entendeu, então é muito louco. Agora como dirigir toda essa sexualidade? Digamos assim...o prazer da mulher também tá na gestação. E o prazer do homem, tá aonde? Na ejaculação, no ato sexual. Só se ele emocionalmente seja muito maternal. Mas como é muito, é muito...digamos assim, é muito aplaudido, né, isso no homem, é muito querido, muito valorizado...

TURMALINA

Uma mulher vive sem sexo um determinado tempo. Uma mulher fica sozinha se o marido dela morreu, ela sabe lavar a roupa... Agora os homem já também aprenderam um pouco, mas eles, os homem nasce pra ser dependente da mulher. Ele tem uma mãe, depois ele tem uma namorada, depois se ele não tem nem uma, nem outra ele arruma uma empregada, quando ele pode. Então os homens são muito homem pra andar a noite, pra viver a vida...Mas eles não são quase nada perante esse ponto de vista meu...Depende da mulher...

Eles depende, os homem, em si depende muito também.

Esmeralda fala da dependência dos homens pelas mulheres a partir de um eixo sexual com dupla justificativa, a parte humana de “raízes” e a parte de um estímulo social para estes comportamentos. Turmalina também fala de uma dependência sexual do homem, e, uma dependência, dentro do âmbito privado, em uma possível referência a uma incapacidade funcional no âmbito privado, idéia já trazida anteriormente por Jade, quando diz que o homem se “vê deslocado em termos de atividades do lar”. Nestes fragmentos sobre dependência se entrevê uma mescla entre um pensamento e uma prática conservadora, ressonâncias de um pensamento

sobre a relação homem e atividade sexual (sua maior necessidade), fidelidade (marcada por essa maior necessidade) e poder (ele necessita, portanto, é compreensível) e, constatações extraídas da própria vida ou da observação da vida, remetendo ao que nos aponta BOURDIEU (2003), quando discorre sobre o dualismo simbólico e sobre o *habitus*. Aparentemente, há uma sutileza nos fragmentos de discurso, quando estes discorrem sobre dependência. Podemos pensar, mais uma vez, que essa mulher experimenta influências historicamente mais conservadoras e mais “progressistas”, que no pensamento de BOURDIEU (2003) são ainda manifestações das permanências de uma estrutura de dominação. Contudo, nestas falas, o interesse não parece ser o de marcar um lugar masculino de poder, na medida em que se fala da dependência, talvez, uma tentativa de olhar a fragilidade, trazida também por outros recortes. Rubi fala do amor e traição:

RUBI

Mas não é não? Eles quer ser amado, mas como uma mulher vai dar carinho pra um homem se o homem pisa na bola, me explica? Se você tá sabendo que o bicho tá pisando na bola?

Ônix e Safira falam do homem diante da mulher em uma posição de destaque no trabalho:

ÔNIX

Assim, os homem não aceita muito as mulher num cargo alto, no lugar deles, entendeu? Eles ficam frustrado. Entendeu?

Aonde? Como? Tem uma que é essa que você falou: No trabalho ainda... Tem esse problema de que a mulher não pode estar num cargo bom...

É, isso. Porque o homem fica frustrado.

SAFIRA

É que parece eles não gostam muito de ver o sucesso das mulheres, né? É a sensação que a gente tem, né?

Prossigamos com Esmeralda, falando de poderes e fragilidades em homens e em mulheres:

ESMERALDA

Sabe o que que é a fantasia dela, não sei se eu vou fugir do assunto, se eu fugir você me fala, eu acho que é o amor. A falta de amor. Que a mulher sempre foi muito mais, teve muito mais ilusões, muito mais fantasias, muito mais sonhos, eu acho que a mulher tem muito mais sonhos e aí ela diversifica em tudo aquilo que ela faz no lar, que aquilo a completa, enche de carinho e de amor, por isso que as pessoas também gostam... É difícil isso, certo? E aí se ela deixar de fazer tudo isso aquilo parece que vai, vai, vai, vai por água abaixo... Ninguém vai fazer, entende, ninguém vai fazer. Como se o homem vai embora de casa que sustenta a casa, o poderoso chefe, quem vai sustentar a casa? Ninguém. Porque ele também tem a mesma dificuldade que a gente enquanto dona de casa, ele, como chefe de casa, você entendeu? Então, isso é muito difícil, muito delicado, porque é o poder, nada mais é que o poder, que a mulher também tem o poder dentro de casa através do fogão, através da roupa, através de tudo.

Para ROCHA-COUTINHO, as "(...) estratégias utilizadas por homens e mulheres para controlar as pessoas à sua volta emergem de suas posições estruturadas de desigualdade social (...)“ (ROCHA-COUTINHO 1994; p.137). Para esta autora as estratégias de controle utilizadas pelas mulheres adquirem modos mais sutis de expressão, em concordância com

um modelo estereotipado do feminino, assim, no âmbito doméstico, considerado tradicionalmente feminino, ser indispensável pode representar uma forma de controle da casa e da família em plena consonância com um discurso conservador do feminino.

Esmeralda fala, na narrativa anterior, do feminino e do masculino, de uma forma surpreendentemente extremada, estereotipada, que destoa de sua própria experiência e do mundo atual. Esta forma de dizer parece querer pôr em relevo a grande dificuldade que há (principalmente nos dias de hoje), no confronto desses papéis e desses poderes. A seguir fala de uma “pequena” abertura que já está ocorrendo nessa configuração:

ESMERALDA

(...) mas já está havendo uma abertura para que esse homem possa tá ajudando ela dentro de casa, de filhos... Pequena, heim! Pela própria insegurança da mulher, às vezes. Se ela não toma conta de tudo, ela não se sente segura.

Ela acha que ela perde o poder.

Valores, né? São valores inculcados na mulher. É uma defesa dela.

Os recortes a seguir falam sobre esta abertura, ou mudança, no âmbito público:

SAFIRA

Ah! Eu... Ah, meu Deus, como é que eu vou te dizer...? Eu gosto da minha, das minhas companheiras de... de sexo, eu acho... eu acho legal essas mulheres atualm- conseguindo...é...como é que fala? ...conseguindo mais vitória, ganhando mais terreno porque homem brasileiro, sul-americano, ele é machista (...) Ele sabe

mais, ele é mais inteligente, ele é mais forte, eu posso isso e eu posso aquilo e isso devagarinho, muito gradativamente, muito devagarinho, mas devagar mesmo, isso vai... esse, essa lenda, essa coisa vai terminando, né? E o maior exemplo é a prefeita, a gente teve uma já, a Erundina, e a Marta, agora.

CRISTAL

A mulher, para entrar nessa, nesse meio, ela também começa a puxar mais a racionalidade dela só, a energia Yang dela, o que é uma pena, então, num certo sentido sim, apesar de que eu acho também que está tudo meio flexível, está tudo caminhando por uma coisa mais... da criatividade, da energia Ying, mais feminino, acho que aos pouquinhos as coisas vão...

Nos recortes anteriores, desde o tema da dependência até aqui, o assunto parece ter um ponto que se centra na ponderação das fragilidades nessa situação atual em que homens e mulheres vivem a um só tempo aspectos conservadores e transgressores nas relações. Podemos pensar que este olhar dirigido à fragilidade humana proporciona composições que não apelam e nem são determinadas por uma divisão estanque entre aquilo que é herança, tradicional, modelar, e aquilo que mudou. Isso deixa livre deste moralismo *a priori*, o pensamento sobre posicionamentos, feminino e masculino, e as escolhas diante das diversidades das circunstâncias da vida.

A seguir, as falas que trazem essas negociações consigo mesma e nas relações.

RUBI

(...) a maioria das mulher, que tem, você entendeu, que tem marido, fala assim "ai meu Deus, se o meu marido morrer eu nunca mais quero saber de homem!
Ficaram viúva e já tá com outro, então... (risos)
Tá, porque ela tá feliz...muito feliz.

ESMERALDA

Ah, eu acho que tem que elaborar só mais, entende? Na verdade não é uma diferença de ser humano, porque humano é humano, mas a diferença está em ser mais elaborado, porque nós tivemos que, na nossa fase social, nós estávamos muito mulheres, donas do lar,

Então, a gente tem, tá num momento que temos que sentar e, e, e conversar, como tá sendo na política, digamos assim, entendeu, então é uma coisa de negociação, porque ninguém é sozinho em nada, entendeu, então eu acho que é muito delicado.

Nós dependemos da sociedade, do que está sendo cobrado naquele momento.

Ah, por comportamentos, que... de uma certa forma são necessários. Porque se não tiver essa cobrança, esse parágrafo, essa sentença, essa pergunta, essa resposta, não vamos a lugar nenhum. Então existe uma expectativa da sociedade do comportamento da mulher, e dentro dessa expectativa há uma evolução da qual vai se transformar, de geração pra geração. Então, vai mudando as expectativas. Eu creio nisso. Eu acho que já houve muitas melhoras... através do crescimento da mulher...

De amor, da segurança dela no amor do pai e da mãe, que ela transfere pro marido e não é nada disso. Então até que ponto essa família tem também que se modificar (....)

(....) casando ou não casando, que eu acho que hoje em dia a sociedade já está nessa, a expectativa já não é tanta fantasia, de casar no papel, de véu e grinalda, virgem, inclusive, já não estamos mais nessa...mas que é assim...mas que tá ficando, familiar, de amor, de não vícios, de não morte, de não drogas, que eu acho muito positivo e que tem que ter, certo?

Então tem muitas coisas que não mudam... sabe... eu acho que vai mudando os comportamentos sociais, mas se você pensar bem não deixa de ser homem e mulher: procriação, certo, que o mundo... mas a expectativa da gente hoje, ainda é, das mães, dos filhos, na minha opinião, até dos drogados, até dos ladrões, até dos assassinos, casar ter uma mulher, ter família. Família, eu acho.

ÁGATA

(...) tem certas profissões que a mulher ainda não chegou lá, né, então tem umas coisas que é... mais pra homem, que eles acham que é mais pra homem, embora eu também ache que certas coisas é mais pra homem, entendeu? Jogador de futebol, por exemplo, não... eu não acho uma mu- bonito uma mulher jogar futebol, né... uma mulher operária de braçador (?), mesmo assim, né, vai ficar meio... então eu acho que... eu também tenho um outro lado meu machista, que a mulher deve

...Uma responsabilidade maior.

Ñnh, quando você sai, a gente percebe, a com a roda de amigos, tererê (?), assim, é muito difícil você conseguir entrar, mesmo que você conheça as pessoas, determinados lugares são só pra homens, num.. num é pra mulher, entendeu? Bar... entendeu? Já vai, mas ela fica meio... eu acho que é ess-, são essas coisas, tem a parte do trabalho que eu já falei, né, eu acho que é, é isso.

TURMALINA

É... porque... é necessário que você seja, eu não posso andar duas, três horas da madrugada pra rua... uma mulher...Até posso...Agora o homem não, ele circula sem problema...

É... também, esse lado, é isso que eu tô falando. Se você vai a um baile. Você fica lá sentadinha, esperando que o bonitão te escolha pra dançar. Agora você não se levanta e vai lá e escolhe ele... pra dançar...Você espera que alguém venha e te chame. Aí ele vem, tá... E você não é livre, até é, agora, mas os homem tem medo das mulher que é muito atirada, você chega por eles... se ele vem fazer a corte pra você, tudo bem, mas se você começa com muita coisa com eles, eles /tá quieto/. Eles tem medo das menina desse tipo...Os homem gosta mais das pamonha.

Precisa ter decisões, é porque quebra a cara, mas precisa. Mas o homem em si, pra casar ele quer uma pamonha. Sabe?

TURQUESA

(...) e não deveria ser, deveria ser tudo iguais. Eu acho que tem que ser tudo igual. Por que não, o homem sabe fazer uma coisa, sabe fazer uma coisa, por que não a mulher?

Direitos são iguais, eu acho que aí ninguém tira.

Esses fragmentos de discurso ilustram uma maneira de se mover entre elementos antigos e atuais sem a exigência de uma coerência de pontos de vista que leve forçosamente à necessidade da assunção de um posicionamento rígido, ou um confronto entre essas mesmas idéias. As negociações, como diz Esmeralda, são delicadas, uma vez que somos todos seres humanos e “ninguém é sozinho em nada”.

8. TEMPO DE ENVELHECER

Nas conversas comuns, cotidianas, assuntos vinculados ao tema da velhice quanto a seus significados de finitude não emergem com frequência. Isso parece ter uma contrapartida direta em nossa sociedade atual quando observamos na literatura, a literatura especializada e, principalmente, a produção midiática.

Se for verdade que uma maior longevidade é um fato corrente do mundo contemporâneo, e o é, também é fato que os significados comumente atribuídos à velhice têm que conviver e debater o grande e hegemônico elogio social dirigido à juventude, sua força (produtiva) e beleza.

Os estudos especializados sobre o desenvolvimento humano privilegiam a infância e juventude, demonstrando lá ocorrer um torvelinho de mudanças e aquisições. Para o tema, do ponto de vista econômico, coloca-se a questão dos ativos e não ativos, muito embora exista também um importante foco dirigido ao consumidor de todas as idades, o que, imprime valor de força econômica também para idosos, quando a velhice pode despertar o interesse enquanto um objeto de exploração para o consumo através de clínicas, casas de repouso, drogas específicas etc.

BEAUVOIR (1990), afirma que a descoberta e a assunção da velhice, ou melhor, o reflexo direto em nossos corpos do desenrolar do tempo nos desconcerta, uma vez que a consideramos uma espécie estranha constituída em uma relação dialética entre meu ser para outrem, entre meu

ser, tal como ele se define objetivamente, e a consciência de nós mesmos através disso.

“Geralmente, nosso ser para outrem é múltiplo como o próprio outrem. Qualquer palavra dita sobre nós pode ser recusada, em nome de um juízo diferente. Nesse último caso, nenhuma contestação é permitida; as palavras ‘um sexagenário’ traduzem para todos um mesmo fato. Elas correspondem a fenômenos biológicos que poderiam ser detectados através de um exame. Entretanto, nossa experiência pessoal não nos indica o número de anos que temos. Nenhuma impressão cenestésica nos revela as involuções da senescência. (...) a velhice aparece mais claramente para os outros, do que para o próprio sujeito; ela é um novo estado de equilíbrio biológico: se a adaptação se opera sem choques, o indivíduo que envelhece não a percebe” (BEAUVOIR 1990; p.348).

As falas ilustram bem esta relação dialética, na compreensão de si mesma no olhar do outro, a perplexidade diante da questão de tornar-se uma outra, apesar de ser a mesma:

TURQUESA

Ah, eu acho que é mais ou menos isso mesmo, eu acho que muitas coisa... é a gente que muda também né? “Ai! Eu tô velha, ai!”, eu não quero ficar assim, eu quero sempre...

CRISTAL

Mas sempre existem, a gente está sempre em mudança. Eu não vou dizer para você que eu estou sempre nesse equilíbrio, não, eu... eu trabalho nisso, eu estou nisso.

Ficaria muito triste se eu não tivesse vivido até agora e num tivesse ampliado isso. Ficaria muito triste comigo...

Como eu também, eu entrei em outro período e pronto. Agora, eu acho que depende muito da própria pessoa, se a pessoa se sente velha, aos trinta anos ela vai estar velha, e as pessoas vão achar que ela está velha. Aí o foco vai ficar centrado nisso, porque ela se foca nisso.

ÁGATA

(...) num me vejo na idade que eu tenho, eu me vejo mais nova, sabe ? Aí depois, olho no espelho é que eu vejo a ... ou então quando alguém me chama de senhora, porque na minha cabeça ainda, num to nessa ainda.

JADE

Eu acho que é, porque, no fundo, eu não me sinto velha...

Envelhecer, eu acho que a cada dia a gente tá envelhecendo, desde que nasce, tá certo? Mas eu acho que...o sentir-se velha é um negócio complicado, porque é como se você, como se estivesse se aposentando da vida... e isso eu não me sinto, não é? Não me sinto e eu levo um susto quando eu tô, por exemplo, no metrô e eu entro no metrô e algum rapaz se levanta pra me ceder o lugar... (risos). Eu falo assim "viche! Eu acho que eu tô...", ontem mesmo eu levei um susto, sabe? Porque não, não...e como a gente se vê e acha que o pessoal, que o mundo tá enxergando você da mesma forma que você da mesma forma como você se enxerga...não é verdade? E não é bem assim...não é?

ESMERALDA

Me sinto jovem, porque a minha mente é jovem, eu sou uma pessoa que estou sempre conectada com o mundo, adoro o mundo, então eu quero estar conectada, eu quero fazer parte dele (...)

Esmeralda ilustra bem algo, trazido de maneira mais sutil em outros recortes, que diz respeito a uma perda de significado social:

ESMERALDA

Não, tem o processo físico que acontece, real, agora tem a coisa de você não ser mais procurada, não ser mais notada, na nossa

sociedade você é, é abominada, é uma parede, eu tenho uma amiga que fala que nem vê a vó dela...
...Você não é nada.

Outros fragmentos de discurso trazem algo das dificuldades concernentes às constatações biológicas do envelhecimento muito marcadas pelo juízo social de que só há perdas e que se caminha para o fim, para o “nada”.

Sob o ponto de vista da lógica econômica, patente em nossa configuração social contemporânea, manifesta-se uma tendência à administração da sociedade como um mercado, submetido aos ritmos e exigências do capital financeiro que, por sua vez, submete o ser humano, quanto ao seu valor, como peça produtora e ou consumidora. Esta é uma perspectiva a que todos nós estamos submetidos independente de nossa idade. A pessoa velha não se furta e não é poupada desta análise, freqüentemente associada ao conceito de utilidade social.

Tomarei emprestada a concepção de utilidade trazida por ARENDT (2000) quando fala sobre sociedade e cultura, muito embora a autora a mencione em outros momentos de sua reflexão, como por exemplo, em suas reflexões sobre o pensamento marxista.

Na discussão sobre sociedade e cultura considera que um critério para o julgamento autêntico dos objetos de arte é a sua “permanência relativa” e sua “eventual imortalidade” que, uma importante qualidade da arte é o de se apoderar de seu espectador (ou leitor), “comovendo-o durante séculos” (ARENDT 2000; p. 255). No entanto, a arte, a partir do instante que é vista pelo que chama “filisteísmo”, perde a capacidade de nos dizer coisas

relevantes e quebra sua conexão com a realidade. “Filisteísmo”, designa uma mentalidade onde as coisas são julgadas em termos de sua utilidade imediata, sem consideração com objetos e o fazer inútil, tais como os implícitos na cultura e na arte. Ao pensarmos a obra de arte do ponto de vista utilitarista não se faz radicalmente diferente usá-la para tapar um buraco na parede ou para função educacional e aquisição de *status*.

Não pretendo fazer uma analogia entre a velhice e a arte, apesar de ser inegável que, ao descartarmos a visão utilitarista para as pessoas, somos levados a pensar em outras significações e em significações, por vezes, mais especiais. De todos os modos, a visão utilitarista está tão impregnada na nossa leitura de objetos como de pessoas o que, certamente, empobrece nossa capacidade de nos deixarmos absorver criando novas compreensões, além de romper uma conexão dos contextos e histórias da pessoa em que pensamos. A velhice, como uma expressão e uma auto-expressão vinculada à utilidade da pessoa, torna o envelhecimento um bem de consumo, como se ela aí estivesse para satisfazer alguma necessidade.

Sim, é verdade que a concepção filisteísta é bastante atual na perspectiva mercadológica de valoração das pessoas na nossa sociedade, e que esta perspectiva também aparece nas falas das mulheres, mas penso que um dos principais impasses desvelado nelas quando o assunto é velhice, traduz-se em uma relutância em assumir o lugar unívoco da imagem, do fim, do “nada”.

Esmeralda foi a única, entre as mulheres entrevistadas, que trouxe explicitamente algo sobre o envelhecimento para a mulher representando a perda de um apelo erótico:

ESMERALDA

Por exemplo, esse cara que eu saí, ele me achou tudo, só que eu tenho, ele não quer se envolver comigo, ele falou. Aí eu, eu quero me envolver. Por que ele não quer me envolver? Porque primeiro que ele quer ou voltar com a mulher que ele se separou, ou, uma menina de trinta anos, certo?

Não é eu que ele quer, na cabeça dele, mas dentro dele, ele quer.

Ele gostou muito.

(A relutância é) Porque eu tenho a idade parecida com a dele, o meu nível social é parecido com o dele...

Nesta concepção de feminilidade, associada a uma estereotipia de que apenas a mulher jovem é desejável, tem a conotação “filiteísta” impregnada tanto para a mulher jovem quanto para a mulher mais velha, desvelada naquilo que é “consumível” em uma e em outra não, uma vez que o sinal de desejável, vazio de qualquer outro sentido, se prende a uma estética normalizadora da juventude.

SIMONE DE BEAUVOIR conta-nos que Casanova, aos 68 anos, respondendo a alguém que o chamou de “venerável velho”, diz: “Eu ainda não cheguei à idade miserável na qual não se pode mais pretender à vida” (BEAUVOIR 1990; p. 354).

É sobre “pretender à vida” que acredito se tratarem as falas de Turquesa e Cristal:

TURQUESA

É eu, assim, eu quero trabalhar até o dia que eu morrer, eu quero continuar sempre trabalhando, mesmo que eu já esteja próximo a aposentadoria, que eu me aposente, mesmo que eu não fique trabalhando no mesmo lugar onde eu estou trabalhando, mas eu não quero parar. A minha vontade é de assim, poder ajudar alguém, uma casa, uma casa de velhinho, uma casa de repouso, criança, que eu sou muito, nossa!

CRISTAL

Futuro... Vamos dizer, para mim é mais aqui agora. Dançar, dar aula, ter esse espaço, conservar, bonitinho, até a hora que continuasse.

O que não significa a ausência de uma consideração sobre a morte:

SAFIRA

Só tem uma coisa que eu também, muita dificuldade pra lidar que é a morte porque a morte é definitiva e isso pra mim, na minha cabeça, é complicado demais.

Jade traz-nos um contraponto de beleza na sua expressão sobre a velhice:

JADE

É gozado, agora nessa fase, assim, mais...ãh.. adiantada da vida, mais acumulada da vida (...) (risos)
Eu me sinto, eu me sinto com energia...

Nestes recortes vislumbra-se um movimento de narrar um outro lugar que não é só o da imagem, do ser tolhida para escanteio, ou de uma

concepção utilitarista, falam de um lugar de movimento e de aspiração de vida, um movimento que mostra que estão aí e que há coisas acontecendo.

Como vimos, a grande maioria das falas sobre o envelhecimento, com a exceção de uma (Esmeralda), não abordam o tema em uma estrita perspectiva do envelhecimento para a mulher. Creio que isto advém desta concepção “filisteísta” das coisas e das pessoas e certamente surge de uma uniformização do significado da velhice que imprime um estatuto de igualdade para todos os velhos e neutraliza as suas expressões individuais.

Em oposição a essa idéia, envelhecer pode significar apropriar-se do tempo vivido, no sentido de apropriar-se das experiências que o tempo permitiu e nas quais o sujeito se lançou, se atreveu. É a essa ousadia que creio, ARENDT se refere, quando comenta: “A sabedoria é uma virtude da velhice, e parece vir para os que quando jovens, não eram nem sábios nem prudentes” (ARENDT 1987; p.98). A sabedoria, nesse sentido, é um aprimoramento do pensamento, emergido das próprias experiências e inspirando a qualidade das ações.

Quando falamos em “pretender à vida” não há como não se remeter à idéia de *initium* de ARENDT (2000), onde agir significa tomar a iniciativa, iniciar, que todos nós, por sermos humanos, velhos ou jovens, somos iniciadores e somos impelidos a agir, em virtude do fato de termos nascido. Um início que não é só o início de algo, mas de alguém que é um iniciador.

ESMERALDA

(....) gostoso, poder passar essa experiência, ter uma vida vivida, isso é legal. E eu acho que é isso, eu não sei...

(...) porque eu me sinto conteúdo do mundo, eu gosto de fazer parte do processo de vida, isso é um ponto pra mim primordial, eu gosto de fazer parte do processo...

E justamente por sermos “conteúdo do mundo”, por fazermos parte do “processo de vida”, estamos sempre no lugar de “pretender a vida”.

9. REFLEXÕES FINAIS

Na convergência entre as trajetórias das mulheres deste estudo e sua base de reflexão, ressalto, no presente estudo, a preocupação em guardar as singularidades das pessoas entrevistadas. Singularidade é fundamental para se pensar a ação no espaço público, uma vez que, para ARENDT, “ser e aparência coincidem” (LAFER 2003; p. 74), ou seja, é pelas maneiras que aparecemos que se assinala a consistência da apresentação de si ao mundo e no mundo; pela palavra e ação, o indivíduo se singulariza.

Nos discursos das mulheres entrevistadas é possível entrever maneiras com que cada uma vai construindo um percurso e negociando, escolhendo e moldando dentre as proposições sócio-culturais, uma marca pessoal, ou uma singularidade para o enfrentamento de questões cotidianas e de vida, encaminhamentos concretos e subjetivos.

Antes, porém, de adentrar as reflexões que convergem meu campo e teoria, gostaria de situar o uso de maior evidência que faço dos conceitos arendtianos: a articulação destes permitiu-me pensar *possibilidades* de criação e transformação de nossa realidade que se mostram em inúmeras e imprevisíveis ocorrências mundanas, também perceptível no pensamento e experiência relatado nas entrevistas. Por outro lado, há um outro tipo de uso que se mostrou de difícil aplicação, que consiste em apontar diretamente nos discursos aquilo que se configura um conceito arendtiano, seja iniciar, seja liberdade, ação, milagre etc. Esta dificuldade se deve, principalmente, ao fato da retórica arendtiana se prestar menos, do que outros autores por

mim citados, a uma incidência direta nos discursos das mulheres entrevistadas devido ao conjunto que marca o estilo de suas argumentações renunciando propositadamente aspectos normativos nas suas posições políticas, e a sua “(...) fundamentação argumentativa é substituída por formas retóricas não argumentativas” (ORTEGA 2000; p. 39).

Isso posto, lanço a proposição de pensar como alguns arranjos pessoais das mulheres do presente estudo se revelam, não especificamente exemplificações de ações, mas sim, a força potencial disto, que advém em parte, ao meu ver, da apropriação das experiências pessoais; e a tensão, provocada aí, das “verdades” impostas pelo mundo moderno que, entre outras coisas, instaura um controle político que esvazia as vidas de sentido. Isso se passa com todos, mas acredito que as mulheres experimentam, do ponto de vista histórico, uma particularidade que se refere às mudanças nos ditames impostos ao seu comportamento. Isso parece realçar estas tensões, tanto no espaço público, quanto no privado, o que ajuda a *enxergar* melhor algo que se movimenta, mesmo quando são tênues respostas e potencialidades destas. Mas dizer que isto se passa com todos é importante para não cair no equívoco de considerar estas circunstâncias históricas das mulheres uma condição *mais especial* que qualquer outra *para* interferir nas coisas do mundo.

Ágata conta que sentiu a rejeição em seus círculos de convívio, logo após a sua separação. Viam-na como uma ameaça, o que a fez afastar-se. No entanto, Ágata fez algo mais do que definitivamente se afastar e ocultar a si própria: de alguma forma foi se apresentando sob sua nova condição de

mulher separada “até as pessoas se acostumarem”. Até se acostumarem, presumo, com Ágata se apresentando de forma a romper com uma maneira de ser vista/tratada, na equação do estigma: mulher separada é igual a ameaça. Uma possibilidade de se mostrar e ser aceita tal qual se é, até, como disse: “As pessoas me aceitarem”.

Safira viveu uma situação de reclusão, de retirada do mundo: “Eu fiquei um mês sem pôr a cara na rua”. Mais que isto fala de algo extremamente pesaroso, uma época sem menção de alegria; “(...) tinha sofrido muito”, “(...) fui parar em psiquiatria (...), “Foi muito difícil”, e outros termos que usa para se referir retrospectivamente ao que se passava consigo, “vergonha”, “derrota”, bloqueio desgraçado”. Permito-me relacionar esta paisagem, de imensa tristeza, a este afastamento do mundo, traduzido em uma reclusão concreta, mas também na impossibilidade de se apresentar, de expressar-se a si mesma, aos outros: “(...) eu não conseguia me abrir e falar”. Ao que parece, Safira consegue modificar este aspecto em sua vida: “Inclusive, eu até tô podendo falar” e “(...) eu tenho problemas (...) só que agora eu posso falar”. É possível que Safira tenha descoberto um aspecto valoroso na possibilidade de falar que diz respeito à comunicabilidade de si mesma, um entendimento advindo da impossibilidade pela qual passou, na apropriação de sua experiência de reclusão/silêncio que hoje a faz dizer: “A única coisa que acho que é bom, é que hoje, eu consigo pôr pra fora”. Uma aparição no mundo que fez com que Safira se percebesse e fosse percebida, “mais sorridente, mais comunicativa”.

Turmalina apresenta uma experiência que parece se configurar um passo adiante destas citadas. Diz: “quando me separei do (...), daí tinha um fiapo deste tamanho (filho), aí, como fazer?” E a seguir: “Aí surgiu uma... um jornal... uma professora dando aula de como montar uma pré-escola. Ah!, mas não teve dúvida, montei uma pré-escola, arrumei professores e tudo o que era necessário”.

Muito interessante, a pergunta que Turmalina se faz, em virtude de sua situação incerta, desafiando sua própria capacidade de “fazer”. Segue contando: “(...) eu tinha a escolinha numa associação, e tinha uma mulher, da associação dos moradores, de repente ela cismou que o filho dela tinha que estudar de graça, falei; bom, se você não pode pagar, tudo bem (...). Ela achava que algumas crianças, da associação, deveria estudar de graça, eu falei, se as pessoas não pode pagar, ela traz a criança dela aqui que vai ficar igual aos outros, do mesmo jeito”.

Penso que, neste momento, podemos pensar em ação conjunta, na medida que mereceu o consenso das pessoas para um curso comum de ação: “Referimo-nos antes ao poder que passa a existir quando as pessoas se reúnem e ‘agem em concerto’, e que desaparece assim que elas se separam. A força que as mantém unidas – que não é o espaço de aparência no qual se reúnem nem o poder que conserva a existência desse espaço público - é a força da promessa ou do contrato mútuo” (ARENDDT 1981; p.256).

De Esmeralda trago fragmentos que indicam um entusiasmo pela vida de quem não se furta aos riscos:

“Eu acho que, eu acho que a vida... é uma coisa fantástica”, “(...) porque eu me sinto conteúdo do mundo, eu gosto de fazer parte do processo de vida, isso é um ponto pra mim primordial, eu gosto de fazer parte do processo....”, “(de contribuir) Com a humanidade. Eu posso ser eu, eu nasci assim, estar livre”.

Não apenas objetivamente, mas também subjetivamente, todas as mulheres entrevistadas situam-se em um interstício de gerações que oferece dois exemplos distintos (mas não estanques) de feminino: um, podemos dizer, representado por suas mães, é mais fechado quanto a um modelo de comportamento, atribuições e desígnios, e outro, um misto deste primeiro com uma abertura, no que tange a um referencial de princípios igualitários e posse de si.

As mulheres deste estudo mostram ter, em si mesmas, a inscrição desta história de papéis femininos divergentes e, dentro desta condição, têm que fazer algum tipo de formulação, na qual, agregada ao ponto de vista individual, se vislumbra os movimentos em que cada sujeito se coloca diante da vida e a potencialidade de se transformar em um sujeito político, como um sujeito da sua própria história, quando não se isola, quando não renuncia à potencialidade da convivência, ou quando sucumbe à igualdade padronizada.

A intimidade, para ARENDT, sofre uma supressão e alteração de seu significado com a enorme ascensão do que denomina “esfera social” ou “sociedade”, na modernidade. “A notável coincidência da ascensão da sociedade com o declínio da família indica claramente que o que ocorreu na

verdade foi a absorção da família por grupos sociais correspondentes” (ARENDT 1981; p. 49). Tais grupos sociais, constitutivos da própria sociedade, concebem a igualdade sob a noção de um “corpo social único”, de interesse comum e opinião unânime, excluindo a possibilidade de ação na concepção arendtiana. “Ao invés de ação a sociedade espera de cada um de seus membros um certo tipo de comportamento, impondo inúmeras e variadas regras, todas elas tendentes a ‘normalizar’ os seus membros, a fazer-los ‘comportarem-se’, a abolir a ação espontânea ou a reação inusitada” (ARENDT 1981; p. 50). Assim, a intimidade, a vida privada, constitutiva das singularidades, comprime-se, e não possui acesso ao espaço público, desde que o intuito seja uniformizações: “Mas a sociedade equaliza em quaisquer circunstâncias, e a vitória da igualdade no mundo moderno é apenas o reconhecimento político e jurídico do fato de que a sociedade conquistou a esfera pública e que a distinção e a diferença reduziram-se a questões privadas do indivíduo”. (ARENDT 1981; p. 51). Ou seja, perdeu-se para a esfera pública a possibilidade da apresentação da individualidade: “(...) era o único lugar em que os homens podiam mostrar quem realmente e inconfundivelmente eram” (ARENDT 1981; p. 51).

Essas regras que substituem o agir pelo se comportar, geram o fenômeno do conformismo quando “os feitos perderão cada vez mais sua capacidade de opor-se à maré do comportamento, e os eventos perderão cada vez mais sua importância, isto é, a sua capacidade de iluminar o tempo histórico” (ARENDT 1981; p. 53).

Assim, para ARENDT (1981), um dos grandes problemas de nossa era moderna é a indiscriminação entre espaço público e privado, esta coexistência se esgarça e se confunde, quando não é mesmo destruída, privando os homens de seu lugar no mundo e também de seu lar privado, este, lugar de resguardo do mundo. O desaparecimento da esfera pública, é então, na concepção arendtiana, acompanhado pelo desaparecimento da esfera privada.

As mulheres do presente estudo são mulheres comuns do ponto de vista de uma inserção no âmbito político-econômico convencional, nenhuma ocupa uma posição de destaque. Contudo, tiveram que ir para a cena do trabalho, um espaço até recentemente de unívoca tradição masculina e, simultaneamente, conservam seus afazeres no contorno da casa e nas relações que aí ocorrem. As vicissitudes a que estão expostas no que tange as exigências da própria história pessoal e a posição neste momento histórico que abre potenciais possibilidades não tão acessíveis até bem pouco tempo atrás, flagram uma condição histórica que, no caso das mulheres entrevistadas, avivam-se na colisão de valores arcaicos e modernos no que diz respeito a um posicionamento da mulher na sociedade, perceptível nos discursos trazidos. Em razão disto, estas mulheres na sua própria história já estão concitadas à transformação, mesmo que nem todas partam para o espaço da palavra e da ação. Por outro lado, como existe, no íntimo das mulheres, esta condição de transição, podemos pensar que aquilo de transformação que é conquistado no espaço político pode

repercutir no íntimo de cada mulher, mesmo naquelas que não usufruem desta liberdade.

ARENDT (2000, 1981) considera que a individualidade surge através da palavra e da ação no espaço público e, liberdade é a possibilidade de participação nesse espaço. Liberdade e política surgem do diálogo no plural “que aparece quando existe esse espaço público que permite a palavra viva e a ação vivida numa unidade criativa e criadora. Este espaço é um espaço frágil e a verdade que informa o diálogo que nele se dá, que é a verdade factual, também é uma verdade frágil, posto que seu modo de asserção não é a evidência” (LAFER 2003; p. 31).

A palavra é a forma humana de se apropriar do mundo e a forma de expressão das atividades mentais que são pensar, querer e julgar. Sendo o pensamento um atributo da razão, sua finalidade é buscar significados, buscar o sentido das coisas em um momento de provisória suspensão do mundo das aparências: “(...) o apelo ao pensamento surgiu no estranho período intermediário que por vezes se insere no tempo histórico quando (...) os vivos mesmos, tornam-se conscientes de um intervalo de tempo totalmente determinado por coisas que não são mais e por coisas que não são ainda” (ARENDT 2000; p.35-36). “Essa força diagonal, cuja origem é conhecida cuja direção é determinada pelo passado e pelo futuro, mas cujo eventual término jaz no infinito, é a metáfora perfeita para a atividade do pensamento” (ARENDT 2000; p.38). Por isso, penso, não só as diferenciações entre pensar, querer e julgar, mas também a importância vital, apontada pela autora, do ir e vir do pensamento e da ação e, também,

a importância que dá ao processo de cognição que desprendido de uma verdade geral, incita a pensar por conta própria. Sob este aspecto, creio que todas as mulheres entrevistadas, em virtude de sua posição enquanto adultas em um momento da história e de seu percurso individual, são levadas ao pensamento sobre si e sobre os outros no mundo, sobre a fronteira entre um mundo dos homens e um mundo das mulheres quando, de certa forma, esta fronteira não é dada com exatidão explícita de outrora, mas freqüentemente através de forças invisíveis, colocando-se necessário, para cada uma, a formulação de algo nem sempre totalmente novo, mas algo de novo.

A igualdade e a diferença são parte da pluralidade humana sem a qual não é possível a existência da palavra e da ação. Por serem iguais os homens são capazes de compreender-se entre si e por serem diferentes necessitam do discurso e da ação para se fazer entender, o que nos torna humanos. Agir está em absoluta afinidade com tomar iniciativa, iniciar: “O novo sempre acontece à revelia da esmagadora força das leis estatísticas e de sua probabilidade que, para fins práticos e cotidianos, equivale à certeza; assim o novo sempre surge sob o disfarce do milagre” (ARENDDT 1981; p.191).

Ao cruzarmos as informações biográficas trazidas pelas mulheres entrevistadas com suas opiniões e conjecturas sobre os temas de entrevista, podemos vislumbrar, para algumas delas, um campo projetado de discurso e ação onde iniciar fez-se imprescindível para si mesma, naquela circunstância, como acredito ser o caso de Esmeralda e Turmalina. As

outras trazem indícios de uma reflexão sobre si e sobre os outros no mundo que abrange o espaço público no pensamento. De forma que, nas trajetórias de mulheres comuns como as que contribuem com este estudo, o tecido do mundo vai se compondo nas alternativas de ser e se apresentar.

Para ORTEGA (2000), uma das principais contribuições de ARENDT é mostrar que a nossa tradição filosófica não possui um conceito puro do político, uma vez que o homem foi sempre tratado como gênero (humano), desconsiderando a pluralidade, condição do agir político. Esse tratamento que nega a pluralidade impede o fenômeno político “(...) sendo sua última consequência o antipolitismo absoluto dos sistemas totalitários e da sociedade de massas” (ORTEGA 2000; p. 33).

ARENDR (2000, 1981) não tratou de uma categoria feminina, nem masculina, e sim da categoria humana precisamente na sua riqueza plural. Sobre o que quis das mulheres, LAFER escreve: “O que Hannah Arendt consistentemente quis, para as mulheres e das mulheres, era uma atenção às discriminações políticas e jurídicas que enfrentavam que fosse suficientemente abrangente, para inserir os problemas políticos e jurídicos de condição feminina no contexto mais amplo dos grupos sociais aos quais a igualdade é denegada” (LAFER 1987; p.247).

Isso não é dizer que há uma igualdade uniforme entre homens e mulheres sob a categoria de humanidade, exceto que somos iguais no nascimento e na morte, mas, somos diferentes entre iguais e a condição feminina ou masculina é constitutiva dessa diferença, particularizada nos indivíduos.

“Assim, portanto, a feminilidade não seria apenas um dado originário, mas uma diferença intrínseca e indispensável à ação, a qual sabemos que é para Arendt, a essência do político: a feminilidade não se entoca no corpo servil, mas constitui, logo de saída, a pluralidade do mundo do qual ela participa” (KRISTEVA 2002; p. 169).

Para ORTEGA, a retórica arendtiana funda-se no prazer, no deleite que está presente em seu conceito de *amor mundi*, de participação nos assuntos humanos, do agir em pluralidade produzindo felicidade. “À pergunta ‘Por que agir?’, só cabe uma resposta: simplesmente porque é um deleite, um prazer, um divertimento, pois agindo reproduzimos a condição fundamental de nossa existência humana. Nisso precisamente consiste o fascínio da proposta arendtiana: não existe nenhum critério objetivo de validade universal que fundamente essa vontade de agir” (ORTEGA 2000; p. 41).

Sendo a morte a única lei segura de uma vida limitada entre a vida e a morte, para ARENDT (2000, 1981), o que interfere com essa lei é o agir, que interrompe o curso inexorável e automático da vida cotidiana, isso introduz na vida a diferença e infinitas possibilidades de pensar e se relacionar: o milagre. “O agir constitui uma história, cujo desenlace é desconhecido. É importante sublinhar, no entanto, que o acontecimento que aparece quando o agir interrompe as leis da necessidade não constitui algo radicalmente diferente, caótico ou anárquico. O político se define como essa mistura peculiar de fragilidade e consistência. É o lugar onde se unem a persistência da tradição e a fragilidade do novo” (ORTEGA 2000; p. 35).

Para Esmeralda e Turmalina é possível perceber a expressão de uma disposição em enfrentar este aspecto simultaneamente frágil e consistente do agir, expoente de incertezas e riscos, diante das infinitas maneiras distintas de encaminhar e se apropriar da vida. Mas, sob esta perspectiva, como pensar as incontáveis experiências comuns, de mulheres em suas “travessias”? Onde se inserem as mudanças feitas, mas também experiências e reflexões delas?

Acredito que podemos esperar, no sentido de ter esperança, a interferência de pessoas comuns, em seu dia a dia, nos processos automáticos de poder do ponto de vista de BOURDIEU (2003) e do ponto de vista do poder que subjuga a todos. A partir, não apenas da consciência e da vontade e sim, de um passo em direção à apropriação da experiência de vida, representativo de uma apropriação de si mesma, condição prévia para o curso de uma ação. Esforço demonstrado com diferentes intensidades e diferentes arranjos, pela maior parte das entrevistadas, nos momentos em que se afastam de uma idealização da vida e da própria vida e adotam decisões ou reflexões que não incorporam uma forma de pensar vigente. Ou mesmo, quando as condutas normalizantes são apropriadas na forma de pensamento para possibilitar um manejo estratégico no lidar com este pensar vigente.

Muito embora esta pesquisa enfoque a circunstância feminina na contemporaneidade, acredito que a vontade de uma nova política, de novas formas de experimentar as relações humanas com abertura para o novo, a

contingência, o efêmero, é um apelo experimentado por homens, por mulheres e por estas mulheres entrevistadas.

O novo sempre provoca o medo. ORTEGA (2000), afirma que podemos falar de uma política do imaginário que tende a rechaçar sistematicamente tentativas de pensar e fazer o político apartado desta inexorável forma de pensar vigente, partidária ortodoxa, “uma tradição política obsoleta”.

Esta pesquisa, remetida aos segmentos de vida destas mulheres, afirma a existência de acontecimentos cotidianos que compõem, conforme diz ORTEGA (2000) uma “política do imaginário” que acredito ser pré-condição para o agir político. Tais acontecimentos e experiências cotidianas, por sua vez, atingem a todos por nos dizerem respeito, por se constituírem assunto de relevância pública.

Recusar a emergência dos acontecimentos, do espaço da verdade factual, que é o espaço político expresso em pluralidade, é a recusa das ações públicas que ocorrem a todo o momento na vida cotidiana, nos espaços de convívio comum, no trabalho ou entre amigos, mas também em infinitas outras formas de agrupamento.

Aqui, resgato a questão feita no capítulo “De mulheres e de homens” sobre as escolhas, onde para BOURDIEU (2003), estas só podem se desprender de uma ordem social a partir de uma transformação das condições históricas desta ordem e, para LIPOVETSKY (2000), estas não afetam as estruturas sociais. Neste diálogo, penso que para ARENDT as escolhas pessoais são parte da singularidade dos indivíduos, da própria

experiência de vida, categoria epistemologicamente forte na reflexão arendtiana. Estas singularidades, na medida que possam vir a público e compor a pluralidade pelo diálogo, na medida que possam se inserir numa ação conjunta, se constituem fonte de poder e autoridade e são capazes de criar e interferir nas estruturas constituídas. De forma que, as escolhas possuem a potencialidade da transformação, podem ser consideradas uma condição “pré-política”.

Assim, finalizo com as palavras da própria ARENDT sobre isto que pode ser, ao contrário de um fardo indesejável, um prazer:

“(....) continuamos inscientes do verdadeiro conteúdo da vida política – da recompensadora alegria que surge de estar na companhia de nossos semelhantes, de agir conjuntamente e aparecer em público; de nos inserirmos no mundo pela palavra e pelas ações adquirindo e sustentando assim nossa identidade pessoal e iniciando algo inteiramente novo” (ARENDT 2000; p. 325).

10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Araújo E. A Arte da sedução: sexualidade feminina na colônia. In: Del Priore M, organizadora, Bassanezi C, coordenadora. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto; 1997. p. 45-77.

Arendt H. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária; São Paulo: Universidade São Paulo; 1981.

Arendt H. Parte quatro: fevereiro de 1967 - novembro de 1970. In: Brightman C, organização. **Entre amigas: a correspondência de Hannah Arendt e Mary McCarthy**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; 1995.

Arendt H. **Entre o passado e o futuro**. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva; 2000.

Arendt H. **Homens em tempos sombrios**. São Paulo: Companhia das Letras; 1987.

Ariès P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar; 1978.

Ávila M B. Cidadania, direitos humanos e direitos das mulheres. In: Bruschini C, Unbehaum S G, organizadoras. **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas; 2002. p. 121-42.

Badinter E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1985.

Bassanezi C. Mulheres dos anos dourados. In: Del Priore M, organizadora, Bassanezi C, coordenadora. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto; 1997. p. 607-67.

Beauvoir S de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1990.

Bertolini L B A. **Relações entre o trabalho da mulher e a dinâmica familiar**. São Paulo: Vetor; 2002.

Birman J. **Gramáticas do erotismo: a feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2001.

Birman J. Interpretação e representação na saúde coletiva. **Physis Rev Saúde Coletiva** 1991; 1 (2): 7-22.

Bobbio N. **As ideologias e o poder em crise**. Brasília: Universidade de Brasília; 1999.

Bosi E. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: EDUSP, 1987.

Bourdieu P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2003.

Brioshi L R, Trigo M H B. **Família: representação e cotidiano- reflexão sobre um trabalho e campo**. São Paulo: CERU/CODA/USP; 1989. (Textos, Nova Série, 1).

Carvalho L F. **Divorced fathers and their views about their relationship with their children**. London; 1996. [MSC Dissertation - Tavistock Clinic - Brunel University].

Carvalho L. Famílias chefiadas por mulheres: relevância para uma política social dirigida. **Rev Serv Soc** 1998; 19 (57): 74-98.

Cavalcanti, R C. Sexo no climatério e na velhice feminina. In: Cavalcanti C R, Vitiello N. editores. **Encontro nacional de sexologia**. São Paulo: Febrasgo, 1984.

Chodorow N. **Psicanálise da maternidade: uma crítica a Freud a partir da mulher**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; 1990.

Costa J F. As práticas amorosas na contemporaneidade. **Psychê Rev Psicanál** 1999; 3(3): 21-8.

Del Priore M. **Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia**. Rio de Janeiro: José Olimpio/ Edump; 1993.

Del Priore M. Magia e medicina na Colônia: o corpo feminino In: Del Priore M, organizadora, Bassanezi C, coordenadora. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto; 1997. p. 78-114.

Foucault M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal; 1977.

Fundação IBGE. **A participação da mulher no mercado de trabalho no Brasil**. [on line] 1993. disponível em <<http://www.frigoletto.com.br/GeoPop/mulher.htm>> [2003 set 23].

Ginzburg C. **Sinais: raízes de um paradigma indiciário**. São Paulo: Companhia das Letras; 1989. Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história; p.143-79.

Giuliani P C. Os movimentos de trabalhadoras e a sociedade brasileira. In: Del Priore M, organizadora, Bassanezi C, coordenadora. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto; 1997. p 641-78.

- Greer G. **Mulher: maturidade e mudança**. São Paulo: AUGUSTUS, 1994.
- Herrmann F. Amor, guerra e o casamento de hoje. In: Gomes P B, organizadora. **Vínculos amorosos contemporâneos: psicodinâmica das novas estruturas familiares**. São Paulo: Callis, 2003. p147-57.
- Hunt L. Revolução francesa e vida privada. In: Perrot M, organizadora. **História da vida privada**. São Paulo: Companhia das Letras; 1991. v. 4, p.21-51.
- Ibañez T. Construcionismo e psicologia. **Rev Interam Psicol** 1993; 28: 105-23.
- Kehl M R. **Sobre ética e psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras; 2002.
- Kristeva J. **O gênio feminino: a vida, a loucura, as palavras**. Rio de Janeiro: Rocco; 2002.
- Lafer C. **Hannah Arendt: pensamento, persuasão e poder**. São Paulo: Paz e Terra; 2003.
- Lafer C. Posfácio: Hannah Arendt: vida e obra. In: Arendt H. **Homens em tempos sombrios**. São Paulo: Companhia das Letras; 1987. p. 233-249.
- Laquer T. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; 2001.
- Lipovetsky G. **A terceira mulher: permanência e revolução do feminino**. São Paulo: Companhia das Letras; 2000.
- Melman C. Como ser feliz no amor, em uma lição. In: Calligaris C. et. al. **O laço conjugal**. Porto Alegre: Artes e Ofícios; 1994.
- Mezan R. Adão e sua costela: busca da felicidade e crise atual no casamento. In: Gomes P B, organizadora. **Vínculos amorosos contemporâneos: psicodinâmica das novas estruturas familiares**. São Paulo: Callis; 2003. p. 159-71.
- Oliveira R D. **Elogio da diferença: o feminino emergente**. São Paulo: Brasiliense; 1999.
- Oliveira R D. **Reengenharia do tempo**. Rio de Janeiro: Rocco; 2003.
- Ortega F. **Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; 2000.

Pedro J M. Mulheres do Sul. In: Del Priore M, organizadora, Bassanezi C, coordenadora. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto; 1997. p. 278-321.

Perrot M. A família triunfante. In: Perrot M, organizadora. **História da vida privada**. São Paulo: Companhia das Letras; 1991. v. 4, p. 93-103.

Pidgeon N, Henwood K. Grounded theory: practical implementation. In: Richardson J, editor. **Handbook of qualitative research**. London: BPS Books; 1996. p. 86-101.

Pirotta K C M. **Não há guarda chuva contra o amor**. São Paulo; 2002. [Tese de doutorado – Faculdade de Saúde Pública/ USP].

Pitanguy J. Cidadania, direitos humanos e direitos das mulheres. In Bruschini C, Unbehaum S G, organizadoras. **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas; 2002. p.109-19.

Rago M. Trabalho feminino e sexualidade. In: Del Priore M, organizadora, Bassanezi C, coordenadora. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto; 1997 p. 578-606.

Rennie D, Phillips J, Quartaro G. Grounded theory: a promising approach to conceptualization in psychology? **Can Psychol** 1998; 29 : 139-49.

Rocha-Coutinho M L. **Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares**. Rio de Janeiro: Rocco; 1994.

Sales J M de. Liberdade e repressão sexual. In: Cavalcanti R C, Vitiello N, editores. **Sexologia I: textos do primeiro encontro nacional de sexologia**. São Paulo: Febrasgo; 1984. p. 44-50.

Scott T J. Gênero; uma categoria útil para análise histórica. **Educação e realidade**. 1999; 16 (2): 5-22.

Soihet R. Mulheres pobre e violência no Brasil urbano. In: Del Priore M, organizadora, Bassanezi C, coordenadora. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto; 1997. p. 362-99.

Sorj B. O feminismo e os dilemas da sociedade brasileira. In Bruschini C, Unbehaum S G, organizadoras. **Gênero, democracia e sociedade brasileira**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas; 2002. p. 97-107.

Stasevskas K O. **Ser mãe: narrativas de hoje**. São Paulo; 1999. [Dissertação de mestrado – FSP/USP].

Stasevskas Y O. **Contar histórias no HD Butantã: A roda de histórias, a circulação de sentidos e o efeito da palavra.** São Paulo; 1999. [Dissertação de mestrado – Psicologia Clínica da PUC].

Strauss A, Corbin J. Grounded theory methodology. In: Denzin N K, Lincoln Y S, editores. **Handbook of qualitative research.** London: Sage Publications; 1994. p. 273-84.

Teles M A A. **Breve história do feminismo no Brasil.** São Paulo: Brasiliense; 2003.

Vaitsman J. **Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas.** Rio de Janeiro: Rocco; 1994.

Villela, W V. Num país tropical, do sexo que se faz ao sexo do qual se fala. In: Galvão, L e Díaz, J, organizadores. **Saúde sexual e reprodutiva no Brasil.** São Paulo: Hucitec; 1999. p. 310- 23.

ANEXO 1

TERMO DE COMPROMISSO ÉTICO

Alicerçada nas normas Éticas Internacionais para Investigações Biomédicas com Seres Humanos – Cioms 1982/1896, na Resolução 196/96 do Conselho Nacional de saúde e em FORTES (1998), o presente estudo insere-se no âmbito da pesquisa qualitativa com intersecção no campo das Ciências Humanas, utilizará entrevistas abertas, semi-estruturadas, objeto de posterior análise de discurso e respeitará os seguintes critérios:

Entre a população definida para a entrevista, a participação será voluntária, os sujeitos serão autônomos, capazes legalmente e não vulneráveis.

O sujeitos serão convidados a participar da presente pesquisa respondendo a roteiro temático de entrevista, que intenciona estimular resposta pessoal e opinativa a respeito de Saúde da Mulher, Sexualidade e Climatério.

As entrevistas serão realizadas em ambiente propício, serão gravadas e posteriormente transcritas. Serão feitas individualmente, sem a presença de outras pessoas com a preservação da a privacidade.

Será assegurada a liberdade de recusa ou desistência em qualquer momento da investigação sem que isto implique em qualquer tipo de rechaço ou retaliação ao sujeito entrevistado.

Haverá cuidado e respeito com as informações obtidas e será preservada a identidade do sujeito entrevistado.

Será apresentado pela entrevistadora a todos os sujeitos que participarem desta pesquisa, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que será previamente lido explicitado e solicitada a assinatura do entrevistado que será condição para sua participação.

São Paulo, 10 de maio de 2001.

Kimy Otsuka Stasevskas

ANEXO 2

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Fui convidada a participar, na condição de entrevistada, da pesquisa que está sendo desenvolvida pela aluna Kimy Otsuka Stasevskas.

Kimy Otsuka Stasevskas é aluna regularmente matriculada no programa de pós graduação, nível doutorado, da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo – USP, número USP 0726563, sob orientação da professora associada Néia Schor, do departamento de Saúde Materno infantil.

Fui informada que posso, a qualquer momento, no decurso da entrevista, recusar ou desistir de responde-la, por completo ou parcialmente, sem que isto se traduza em qualquer tipo de rechaço ou retaliação.

Foi explicado que a minha participação consistirá em responder questões acerca de minha vida, principalmente no que penso ou sinto sobre ser mulher, a condição feminina nos seus vários aspectos.

Fui também informada que as entrevistas serão gravadas e posteriormente transcritas, que o tratamento dado ao material obtido será respeitoso e que haverá preservação de minha identidade em todos os fóruns em que os dados de pesquisa forem apresentados.

Este termo de consentimento foi lido e explicitado e decidi participar da pesquisa de forma livre e esclarecida.

Assinatura da entrevistada _____

Assinatura da entrevistadora _____

Data ___/___/___

Telefones

Aluna Kimy Otsuka Stasevskas: 3022 4493 e 9312 4833

Dptº Saúde Materno Infantil/USP: 3066 7702 e 3066 7703

ANEXO 3



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE SAÚDE PÚBLICA
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA-COEP

Av. Dr. Arnaldo, 715 - Cerqueira César

São Paulo-SP - CEP: 01246-904

Telefone: (0xx11) 3066-7779 - e-mail: mdgracas@usp.br

Of.COEP/132/01

08 de agosto de 2001

Pelo presente, informo que o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo-COEP, **analisou e aprovou**, em sua 6.ª/01, Sessão Ordinária, realizada em 07.08.01, de acordo com os requisitos da Resolução CNS/196/96, o Protocolo de Pesquisa n.º 469, intitulado: "MULHERES EM DESENVOLVIMENTO: UMA CONSTRUÇÃO DA SEXUALIDADE NA MATURIDADE", apresentado pela pesquisadora Kimy Otsuka Stasevskas.

Atenciosamente,

Paulo Antonio de Carvalho Fortes
Professor Associado
Vice-Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa da FSP-COEP